

# LOURENÇO DE MENDONÇA

EPISODIO DOS TEMPOS COLONIAES

PELO

**r. Moreira de Azevedo**



RIO DE JANEIRO

TYP. INDUSTRIA NACIONAL DE J. J. C. COTRIM, EDITOR

113 Rua d'Ajuda 113

1868

3695

L 5422 F  
L 5422 F

A EXMMA

... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...

... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...  
... de Santa Ana...

26  
A 117

## A ERMIDA

O morro de Santo Antonio que se ergue no centro da cidade do Rio de Janeiro, teve primitivamente o nome de outeiro do Carmo por haver sido doado por um ermitão aos religiosos carmelitas.

Chegando á esta cidade, em 20 de fevereiro de 1607, cinco religiosos de S. Francisco, hospedarão-se em casa de Pedro Affonso, junto a egreja da Misericordia, onde encontrarão dous companheiros, frei Antonio das Chagas e frei Antonio dos Martyres. Reunindo-se forão esses capuchinhos pedir ao governador Salvador Corrêa de Sá um asylo conveniente e digno, e interessando-se por elles conseguiu o governador doar-lhes a ermida de San-

ta Luzia, com terreno necessario para a fundação de um convento. Forão os franciscanos para a ermida, mas assustando-os a visinhança dos jesuitas, cujo collegio dominava o morro de S. Sebastião, hoje do Castello, ou julgando pouco aprasivel a habitação concedida por Salvador Corrêa de Sá, mudarão de residencia e forão asylar-se na ermida da Ajuda. Mas ainda não satisfeitos pedirão, rogárão, como frades que erão, e do governador Martim de Sá alcançárão, em 9 de abril de 1607, a doação do outeiro do Carmo que desde então recebeu a denominação de morro de Santo Antonio. Na parte mais elevada desse monte lançárão, em 4 de junho de 1608, a pedra fundamental do seu convento, cuja construção teve o auxilio constante do governador, o valioso apoio da camara e a dedicada protecção do povo. Um frade leigo preparou a cantaria do claustro.

Esse monte onde ia erguer-se o convento dos franciscanos, já era abençoado por uma ermida consagrada á Santa Barbara, então mui venerada pelo povo que, receando-se das

continuas e violentas trovoadas, tinha fervorosa devoção pela santa advogada contra trovões, coriscos, relampagos e raios.

E tão frequentes erão os trovões e relampagos em tardes de dias calmosos que, contando com essa mudança quotidiana do tempo, se não despedião dous amigos pela manhã sem repitirem:

— Deus Nosso Senhor o acompanhe; até depois da trovoadá.

E logo que ouvia o som longinquo dos trovões, e o fuzilar de relampagos ajoelhava-se o povo, e dirigia suas fervorosissimas orações á Santa Barbara; corrião os devotos com accelerados passos á ermida desta Santa, onde, em domingo tanta gente ia ouvir missá que a capellinha cogulava sem poder conter metade dos devotos.

Erguera esse sanctuario o beato José da Cruz que residia com sua mulher, Barbara da Silveira na vargea junto á lagoa de Santo Antonio, proxima ao morro do mesmo nome.

Em uma tarde de estio estando esse bom christão com seus escravos occupado em plan-

tações no morro repentinamente escurecerão o ceo nuvens caliginosas, troarão trovões, e relumbrarão relampagos; começarão a cahir grossos chuueiros, e para abrigar-se occultou-se José da Cruz debaixo de uma arvore. Mas a escuridade tornou-se maior, e quando o devoto aterrado ajoelhou-se pedindo misericordia rompeu as nuvens um corisco e o raio veio cahir na arvore, em que se occultara o lavrador, desgalhando-a e partindo-a; José cabio desfallecido. Sobresaltados vierão os escravos soccorre-lo, levantarão-o, e tomando-o nos braços levarão-o para casa, onde o infeliz permaneceu em extasis alguns instantes, mas desaparecendo pouco e pouco a acção da electricidade recuperou o christão o movimento e a voz, tornou em si e ajoelhado, tendo entre mãos um rosario que trazia preso de um cinto, começou a orar.

Naquelles tempos de fervor religioso, de crença pura e santa attribuia-se tudo á religião; via-se em cada facto um milagre, o que occorria de mão era julgado castigo do céo, o beneficio uma recompensa de Deus.

Dominava a religião ; não havia casa sem oratorio, cruces ou imagens, nem esquina de rua sem nicho ; era o terço a oração de todas as noites ; trazião todos um rosario á cintura, e muitos alem do rosario, um registo cosido no peito da vestia e veronicas, relicarios, breves e figas ao pescoço. Erão communs as promessas, as penitencias, os cilicios, os jejuns, as disciplinas, as correntes de ferro e outros objectos para flagellar e molestar o corpo ; e não havia devoto que não rezasse diariamente uma corôa á Nossa Senhora ou uma estação ao Santissimo Sacramento. Mas nem sempre era puro esse sentimento religioso que dominava a sociedade ; havia já muita hypocrisia e maldade, e sob a religião occultavão-se idéas nocivas : servia-se o máo sacerdote do prestigio que lhe dava a batina ou o chapeo tricorneo para commetter arbitrariedades e desacatos, ou especular com a credulidade publica ; e até os namorados envolvião em sentimentos religiosos galanteos e intrigas de amor.

Salvo da acção do raio resolveu José da

Cruz erguer no lugar em que se dera o acontecimento uma ermida á Santa Barbara, e em pouco tempo cumprio seu voto.

Era facil naquellas éras preparar um nicho, levantar um altar, construir uma ermida, edificar uma igreja, porque a religião e a fé fazião de cada devoto um operario, ou um bemfeitor; o que não podia abrir a bolsa offerecia-se para carregar o tijolo, lavar a madeira, entalhar a pedra, ou gessar as paredes, e desse modo concorrião todos para a edificação das igrejas erguidas desde os alicerces por esmolas e esforços dos fieis

Em quatro mezes levantou José da Cruz a sua ermida com uma unica porta, um só altar e uma só tribuna fechada com grades de madeira, onde a familia do devoto ouvia missa e rezava o terço.

Voltada para o convento de Santo Antonio ficava a ermida junto a uma mangueira secular, frondosa, cujas raizes se enleavão no chão e os ramos se enlaçavão no ar, pendendo de um delles um pequeno sino. Abria-se em frente da capella um caminho estreito,

tortuoso, cercado de arvores, que ia findar junto a casa do devoto, aos pés do monte.

Em dias sanctificados celebrava-se missa na ermida de José da Cruz; todas as noites entoava-se o terço, e annualmente havia a festa do orago com missa cantada, ladainha, dansas, fogueiras e fogos de artificio ostentando a imagem da Santa relicarios, cordões de ouro, brincos de crysolitas, aneis em todos os dedus e corôa cravejada de pedras.

Recebeu esta ermida em 1685 a visita de um bispo, o primeiro da diocese fluminense, D. José de Barros de Alarcão, que depois de sagrar, em 20 de maio desse anno, o sino grande do convento de Santo Antonio, terminada a solemnidade retirou-se para a capella de Santa Barbara, já pertencente ao convento, e allí recreou-se com a musica e merenda que lhe offerecção os frades; e convidado nessa occasião á assistir ao trezenario, e a festa do padre Santo Antonio e ao jantar no claustro, aconteceu dar-se no dia da festividade um facto que o povo attribuiu a milagre do Santo dos franciscanos.

Partira o governador Duarte Teixeira Chaves para a colonia do Sacramento, e regressando os navios que acompanhá-lo não houve noticia da embarcação em que voltara o governador. Inquieto ficou o povo, e como era costume, celebrou preces em diversas igrejas implorando a protecção divina, mas dous mezes corrêrão sem haver noticia de Teixeira Chaves. Continuarão as preces durante o trezenario do glorioso padre Santo Antonio, e terminada a festividade de tão milagroso Santo retirara-se o bispo acompanhado da communiidade ao refeitório quando a fortaleza deu signal de navio á barra. Era a embarcação que conduzia Duarte Teixeira Chaves a quem o diocesano e os religiosos forão a bordo comprimentar, recebendo o governador em seu desembarque vivas saudações do povo, que acompanhou-o á igreja dos franciscanos onde orou Teixeira Chaves agradecendo a protecção milagrosa do padre Santo Antonio.

Falleceu José da Cruz em idade avançada, e em testamento pediu que, depois da morte

de sua mulher, passasse a ermida aos frades de S. Francisco; instituiu um legado para annualmente festejar-se o orago da capella, onde, depois de amortalhado em habito de Santo Antonio, como era uso, rogou o sepultassem.

Continuou Barbara da Silveira a venerar a Santa que salvara seu marido; e ella e sua filha ião diariamente a ermida rezar o terço e orar uma pelo esposo, a outra pelo pai.

Era Helena uma moça de dezoito annos, mimosa e simples; sabia fazer primorosamente uma renda e abrir com delicadeza um crivo.

Davão-lhe singular attrativo a vivacidade do olhar, a cõr morena das faces, o carmim dos labios e os cabellos negros e lustrosos. O justilho apertado sobre a cintura modelava o seu seio de virgem, e os sapatos com tacões de madeira forrados de setim deixavão ver a forma de seu pé pequeninõ como de uma menina,

Naquelles tempos de temor e recato as moças não apparecião, chegavão á janella mas por detraz das rotulas, e não sahião á

rua senão em andas ou liteiras ; somente as mulheres velhas e pobres andavão a pé trazendo o rosto occulto sob as dobras da mantilha que só deixava visivel a ponta do nariz. Os casamentos erão feitos pela vontade só dos pais, e quasi sempre era diante do altar que o noivo vinha a conhecer a noiva, e por que cada um ia á igreja em sua liteira, e se não aproximavão antes de serem chamados pelo sacerdote.

Mas havia um lugar onde os namorados costumavão encontrar-se ; era no atrio das igrejas antes de começar a primeira missa do dia ; alli reunião-se moças e moços, conversavão, juravão amores, ajustavão entrevistas, balbuciavão promessas, fazião juramentos que se desvanecião com o tempo, ou mais tarde erão sanctificados pelo padre ; alli começavão as relações, amizades e amores, nascião paixões, arrebentavão odios, conversava-se, mentia-se, intrigava-se e lançava-se a consolação ou o desespero no coração das moças que ao voltarem para casa se não lembravão das palavras do sacerdote, mas não esquecião as

expressões, as supplicas, as promessas e juramentos que tinham ouvido ao entrarem na igreja.

Tornou-se tão escandaloso e immoral o costume de reuniões e conversas ás portas das igrejas ao amanhecer que o bispo D. frei Antonio de Desterro prohibio, pela pastoral de 14 de março de 1767, as conversas e ajuntamentos nos atrios dos templos, principalmente em dias festivos e de concurso, e ordenou que desde á Ave Maria até ao amanhecer não fossem as mulheres á igreja, excepto as pobres que quizessem confessar-se ou ouvir missa.

## A MÃE BRIGIDA

...neste tempo de lá de cranga e de-  
 ção era o padre o primeiro homem da socie-  
 dade, o mais respeitado, que merecia mais  
 afeição e estima do povo; era para as fami-  
 lias o primeiro amigo e o melhor protector;  
 uma palavra sua era um conselho, sua benção  
 uma graça, e sua estima uma necessidade  
 para a felicidade neste mundo e a salvação  
 no outro; por isso desejava cada familia ter  
 entre os seus um padre que nobilitasse a  
 casa, e logo que o filho primogenito o mais  
 querido concluiu os estudos, praticava a  
 vida da igreja para ser de seus parentes o  
 amigo predilecto, o protector, o guia e o  
 chefe de salvação.

## A MÃI BRIGIDA

N'aquelles tempos de fé, de crença e devoção, era o padre o primeiro homem da sociedade, o mais respeitado, que merecia mais affeição e estima do povo; era para as familias o primeiro amigo e o melhor protector; uma palavra sua era um conselho, sua benção uma graça, e sua estima uma necessidade para a felicidade neste mundo e a salvação no outro; por isso desejava cada familia ter entre os seus um padre que nobilitasse a casa, e logo que o filho primogenito, o mais querido, concluia os estudos, abraçava a vida da egreja para ser de seus parentes o amigo predilecto, o protector, o guia e o anjo de salvação.

Entre as pessoas que frequentavão a casa de Barbara da Silveira nótava-se o Dr. Lourenço de Mendonça, prelado do Rio de Janeiro, de cujo cargo tomára posse em 9 de setembro de 1632.

Era Lourenço de genio violento e de pouca pureza nos costumes, mas manifestava no exterior, nas palavras tanta santidade que illudía a todos ; ao apparecer na rua abençoava o povo, e não penetrava em casa alguma sem repetir a saudação usada pelos jesuitas :

— *Pax Christi.*

Em casa de Barbara tributava-se ao prelado muita estima e respeito ; todos beijavão-lhe a mão, ouvião suas palavras como se fossem conselhos, e se não sentavão sem permissão sua.

Era a casa de Barbara junto ao morro de Santo Antonio, e proxima á rua que mais tarde recebeu o nome de Bobadella e depois o de Guarda-Velha ; era isolada, tendo do lado esquerdo a lagôa de Santo Antonio. De aspecto mesquinho e acanhada como erão

as construcções d'aquella época, apresentava na frente tres janellas e uma porta guarnecidas de rotulas de madeira e lateralmente quatro janellas com balaustres de pão, abrindo-se as do lado esquerdo para a lagôa. Mobiliava o interior mezas de pão santo com pés grossos torneados, cadeiras com assento de couro lavrado, catres de jacarandá com lindos relevos na cabeceira, escabellos, um oratorio ornado de boa obra de talha e cruzes guarnecidas de prata pudentes das paredes.

Tinha Barbara da Silveira cincoenta annos, porém mostrava ter pouco mais de trinta, apresentando o rosto liso e corado e os cabellos sem um fio branco. Era de baixa estatura e corpulenta. Amiudadas vezes vinha Lourenço visita-la, e o povo, sempre disposto a murmurar de tudo, explicava a frequencia do prelado de um modo pouco lisonjeiro á honra da viuva de José da Cruz.

Marcando a hora em que costumava o prelado chegar á casa da viuva ia uma ve-

lha, moradora na vizinhança, espera-lo por entre as rotulas de taquara que tapavão-lhe a janella, e logo que via-o dizia, torcendo entre os dedos as contas do rosario.

—Ha muita devoção com Santa Barbara. Mas era tudo calumnia : se havia malícia nas visitas de Lourenço o não sabia Barbara que, honesta e religiosa, dedicava ao prelado affeição sincera e pura veneração.

Tributava Helena muito respeito ao prelado ; quando via-o mostrava-se receosa, tremula e não ousava dirigir-lhe uma palavra, vinha saudá-lo por ordem de sua mãe e, beijando-lhe a mão, retirava-se logo.

Vivendo as moças naquelle tempo no isolamento e retiro não era-lhes licito apparecer ou saudar a alguém sem permissão de seus pais. Mas logo que Lourenço chegava parecia Helena desejar que a não chamassem. E porque seria ; haveria motivo para ella recear-se do prelado, teria-lhe odio ou consagrando amor a alguém preferia ás conversas e visitas o ficar só e isolada ! De feito parece que Helena amava ; mas não

Diremos ainda aos leitores como era este amor, nem revelaremos os sentimentos, os ardores dessa paixão nascida em um coração de vinte annos.

Palpitava de amor o coração, mas era esse amor um segredo entre ella e sua alma, entre sua alma e Deos ; nem Barbara, nem Lourenço que, malicioso e hypocrita procurava lér nos olhos dessa moça os segredos e mysterios de sua alma, havião podido levantar o véo que envolvia esse coração onde existia um idyllio de amor.

Mas talvez alguém já soubesse alguma cousa da historia do coração de Helena.

Ha individuos que conseguem estudar a vida dos vizinhos e repeti-la com pontos e virgulas tão sabiamente como se a lessem em folhinha de cada anno. E custa pouco. Um vidro embaciado, uma rotula empoeirada, uma cortina de côr fusca são espelhos atravez dos quaes adivinha o espectador curioso e attento o que occorre nas casas da vizinhança.

Ora, defronte da casa de Barbara havia um

desses espelhos, e tão perfeito que devassava a historia dos corações.

Ainda se não conhecia o somnambulismo, mas já havia quem lesse atravez das costellas, atravez das carnes, como fazem as somnambulas de hoje excedendo aos myopes anatomicos.

Era a mãe Brigida uma somnambula, ou como se dizia naquelle tempo, uma feiticeira, rezava de quebranto, tirava o máo olhado, exorcizava e sabia orações para erysipelas, inchações e maleitas. Chamava-se Brigida da Nobrega ou a Nobrinha, e era irmã do padre Manoel da Nobrega que se empossara na vigararia colada da freguezia de S. Sebastião em dezembro de 1629 (\*).

Ordenara-se Manoel da Nobrega com dispensa de christão novo, e fora apresentado na freguezia por carta regia lavrada em Lisboa em 1625; mas havendo Felippe IV de

---

(\*) Muitas das personagens, que representão papel mais ou menos importante nesta narrativa, existirão em realidade na época que esboçamos.

Castella e III de Portugal permittido ao prelado administrador da jurisdicção ecclesiastica, Matheus da Costa Aborim, que com o seu parecer somente e informação, sem outro exame nem diligencia, os sujeitos por elle nomeados para os cargos ecclesiasticos fossem apresentados em seu real nome, pelo governador geral do Brazil, usando dessa graça apresentou o governador, Diogo Luiz de Oliveira, a vigararia de S. Sebastião no padre João Pimentel que foi confirmado pelo prelado em 3 de novembro de 1628. Requerendo o padre Nobrega a posse do beneficio, depois de empossado o padre Pimentel, ficou sem effeito a graça concedida pelo soberano. Resultou dahi uma luta continua e renhida entre Nobrega e o prelado produzindo funestos effeitos para o clero e para o povo. Morreu o prelado Aborim em 8 de fevereiro de 1629 havendo indicios de haver sido envenenado, e a voz publica não poupou o padre Nobrega ao referir esse acontecimento (\*).

---

(\*) V. Memorias Historicas de Pizarro, vol. 2º pags 40 e 41.

Vaga a prelazia passou o governo ecclesiastico ao vigario geral Francisco da Silveira Villa-Lobos que, inclinado ao clero, abraçou sua causa contra os prelados, e amigo de Nobrega entregou-lhe a parochia em 29 de dezembro daquelle anno.

Guardou esse vigario no peito odio profundo aos prelados; os successores de Aborim, frei Maximo Pereira, Pedro Homem Albernaz e Lourenço de Mendonça encontrarão nelle um inimigo; principalmente Lourenço que dando-lhe a alcunha de Arrevesa Toucinho começou a propalar que, ordenarase o cura das almas com dispensa de christão novo.

Fugia-se naquelles tempos de um christão novo como do homem que sobre si trazia o raio da excommunhão; era despresado, perseguido e julgava-se bom serviço para a salvação das almas do purgatorio o matar-se a um desses endemoninhados.

Sabendo que Nobrega tinha sangue de christão novo não quizêrão seus parochianos que lhes baptisasse os filhos, esquecerão

outras obrigações, e mostrarão-se como óvelhas rebeldes do aprisco.

Doloroso devia ser o sentimento do vigário por esse menoscabo publico que cerceou-lhe o reddito da parochia, e acerba sua ira contra o autor desse mal.

Mas se Nobrega odiava a Lourenço Brigida, sua irmã, execrava-o; vendo-o enraivecida-se, benzia-se tres e quatro vezes, encomendava-se a Nossa Senhora, e occultando completamente o rosto na mantilha balbuciava.

— Santo Nome de Jesus, abrenuncio, os infernos o confundão.

Apezar dessas pragas e execrações não deixava a mãe Brigida de observar os passos de Lourenço não só por seu irmão ordenar-lhe como por ser a curiosidade o seu maior peccado. Não entrava Lourenço uma só vez em casa de Barbara que a mãe Brigida o não visse. Occulta por traz da rotula, com o rosario entre os dedos, e o ouvido atilado marcava a velha a hora em que o prelado chegava e em que se retirava, e talvez por

sua perspicacia já tivesse atinado o motivo dessas repetidas visitas.

Alem do prelado outro individuo visitava frequentemente a rua onde residia a viuva de José da Cruz.

Quem era, como se chamava, porque procurava esse caminho! Ninguem o sabia; excepto talvez a irmã do cura das almas.

## O PAI E O FILHO.

Erigia-se na rua da Quitanda do Marisco, proximo á dos Pescadores, um sobrado com tres portas no primeiro pavimento e no segundo tres janellas guarnecidas de rotulas de madeira; no pavimento terreo residia um mercador de fazendas e no superior um velho e um moço.

Chamava-se o velho Crispim da Canha Tenreiro, era natural de Evora, onde nascera em 1547, e viera para esta cidade com os soldados de Estacio de Sá; colhera triumphos combatendo contra os Francezes e indigenas, e havendo prestado valiosos servicos á patria, reformara-se no posto de capitão. Casara e tivera numerosa descendencia, indo alguns de seus filhos para Por-

tugal e outros para India, e nesses paizes honraráo o nome de seu pai e o brazão de suas armas. Quando enviuvou tinha Crispim da Cunha em sua companhia um unico filho, que teve o prazer de acompanhar seu pai até ao extremo da vida e a dôr de fechar-lhe os olhos ; dever pungente e sagrado do bom filho (\*).

Henrique da Cunha assentou praça no terço velho, e pelos brios proprios e serviços de seu pai alcançou as divisas de official.

Tinha 22 annos, semblante expressivo e bello, olhos pretos, bigode pouco expesso, labios finos, dentes alvos, cabellos anne-lados, como era o uso do tempo, e corpe esbelto e esguio. Quando apresentava-se com a sua farda comprida, guarneçada de ambos os lados de passamanes de retroz e botões prateados, com os calções justos e presos com fivelas no Joelho, com a espada que descia

---

(\*) Balthasar da Silva Lisboa menciona o nome deste cidadão entre os das pessoas de distincção que ajudarão a fundação e edificação do Rio de Janeiro.

quasi ao chão, e o chapeo agalooado admiravão todos o seu garbo militar, e cobiçavão-lhe as moças um olhar e um sorriso.

Ao sahir do serviço da guarnição da praça retirava-se para casa, e raras vezes vião-o em passeio; mas todos os dias acompanhava seu pai á igreja onde ambos assistião á primeira missa da matriz.

A maledicencia, que é tão antiga como a sociedade, censuravã a união do pai com o filho.

—Por S. Sebastião, dizia um, aquelle velho vigia o filho como se fora creança de cinto e cueiros.

—Nossa Senhora do O' nos valha, ainda não vi cão, clamava outro, que farejasse tanto a ovelha do redil.

Mas houve tempo em que Henrique teye de ir só á igreja por seu pai estar doente, e logo que terminava o acto religioso dirigia-se para o adro encarando a todos tristemente por não ver ali seu pai. Aconteceu ver um dia entre as moças, que deixavão a igreja, uma cujo olhar fascinou-o. O sem-

blante dessa moça visto através do véo, o brilho de seus olhos, a belleza de seu rosto, o arfar do seio comprimido pelo justillo e a graça de seu corpo, impressionáráo-lhe a alma e o coração, e arrastado por um sentimento intimo, profundo e vehemente acompanhou ou antes seguiu automaticamente essa moça até a casa em que ella entrou.

Ao chegar Henrique em sua residencia Crispim, pela experiencia e penetração adquiridas com a idade, notou-lhe alteração no semblante.

—O que tens, perguntou-lhe o velho com interesse.

—Nada, meu pai.

Henrique mentia ou em verdade não sabia o que ia-lhe na alma!

Nasce o amor sem o comprehendermos; é fogo que se atêa por si, faúlta que vem do céu, seta atirada por mão desconhecida, veneno que os anjos preparão para enlouquecer o coração dos homens.

Crispim entristeceu-se vendo a perturbação produsida por sua pergunta no sem-

plante de Henrique ; e devia enternecer-se, pois acabava de soffrer uma perda. Havião-lhe roubado o coração do filho.

Outr'ora as missas começavão cedo ; ao cantar do gallo, ao apparecimento do primeiro clarão do dia ouvja-se o sino chamar os christãos á oração ; tocava á missa, e então os homens envolvião-se em seus capotes, as mulheres em suas mantilhas ou capotes adornados de alamares e dirigião-se á igreja que cogulava porque ninguem deixava de ir á missa ao amanhecer. Era um costume, um dever de todos, e quem o não cumpria era considerado pedreiro livre, judeo, ou christão novo. Logo que o sino annunciava a hora sahião os moradores de suas casas. Ia adiante um escravo com um archote aceso para allumiar o caminho, depois o chefe da familia, a mulher, os filhos uns após outros segundo a idade, e por fim os escravos em fileira uns atraz dos outros.

Ficava deserta a casa. Reunia-se o povo na igreja, e fóra dalli não havia viva alma, senão a de algum pèrro judeo ou

endemoinhado. Mas aproveitavão-se ós garotos da pouca claridade da hora, em que celebrava-se a missa, para chacotear dos bons devotos; ora entornavão tinta de escrever na pia da agua benta, ora untavão com sabão o soalho da igreja, ou pregavão nas pilastras as mantilhas das beatas, e lembrárão-se um dia de uma brincadeira que assustou a muita gente.

Residia na rua de Mathias de Freitas, chamada mais tarde do Rosario, um individuo de nome Antonio Barboza que era salteiro; isto é fazia os saltos de pão pintados de encarnado ou cobertos de setim que as mulheres trazião nos sapatos, e quanto mais altos mais na moda.

Era Antonio Barboza rigoroso para os escravos, e um delles, tendo-lhe desobedecido, castigou-o atrozmente atando-lhe ao pé um grilhão com um enorme cêpo que o infeliz arrastava comsigo. Não perdeu-lhe mais a menor falta, e um dia infligio-lhe tão barbaro castigo que jurou a victima vingar-se de seu algoz. Conseguindo limar a

torrente e separa-la do cepo, armou-se de uma faca e penetrando no quarto do senhor que dormia, assassinou-o e fugio. Divulgado o crime no dia seguinte horrorisou-se a cidade: derão o governador e ouvidor terminantes ordens para a prisão do culpado que, sendo encontrado occulto no matto junto á lagoa da Sentinella, foi preso e condemnado á morte. Levantou-se o patibulo em frente á casa em que se dera o delicto, e enforcado o escravo decepárão-lhe a cabeça que, pregada em um poste, ficou exposta no mesmo lugar. Dirigindo-se de noite alguns garotos ao poste arrancárão a cabeça do enforcado, levárão-a á igreja, e mergulhárão-a na pia da agua benta, de sorte que, os que na manhã do dia seguinte espargião sobre si a agua da pia, horrifavão-se com sangue.

Encontrada na pia a cabeça do sentenciado assustárão-se todos, e, considerado milagroso o facte, mais de um devoto mandou celebrar missas por alma do infeliz escravo (\*).

---

(\*) Vimos referido este facte em um antigo manuscrito.

Continuou Crispim a ouvir a primeira missa do dia com seu filho, que procurava qualquer pretexto para não acompanhá-lo, permanecendo na igreja até ver sahir a moça cujos encantos vivamente o impressionarão; e impellido por um sentimento intimo e vehemente do seu coração seguia a essa moça ate vel-a desaparecer na casa em que entrava. Começou o velho a observar os passos do filho, e não tardou em reconhecer que Henrique amava. Mas se não irritou; quando moço tambem elle amara, experimentára essa sensação e vivera nesse enlevo da alma, nesse sonho do coração que o amor dá á mocidade; porem uma cousa preoccupava-o profundamente; quem seria o objecto do amor de seu filho, que mulher teria conquistado seu coração; e seria esse amor, despertado em sua alma, um sentimento digno ou uma má inclinação que teria de manchar a honra de uma familia!

O velho scismava e soffria.

#### IV.

### A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

EM 1635

Pouco extensa era a area da cidade nessa epoca ; estendia-se na vargem limitada ao norte pelos morros de S. Bento e da Conceição, ao sul pelo de S. Sebastião, hoje do Castello, e o de Santo Antonio, a este pelo mar, e ao oeste por um fosso sinuoso que recebia as aguas pluvias da planicie chamada campo da cidade para despejalas no mar. Prolongava-se esse campo desde o fosso até aos mangues de S. Diogo.

Erguia-se no morro de S. Bento o mosteiro dos beneditinos edificado em 1589 ;

Romance.

no da Conceição a ermida consagrada à Santissima Virgem por Maria Dantas, mulher de Miguel Carvalho de Souza; no de Santo Antonio o convento dos franciscanos construido em 4 de Junho de 1608, e a ermida de Santa Barbara entre espesso arvoredado; no de S. Sebastião levantava-se tres edificios importantes, o collegio dos jesuitas fundado em 1560, a igreja de S. Sebastião erigida pelo governador Salvador Corrêa de Sá e a fortaleza abençoada com o nome daquelle santo, havendo sido seu fundador o illustre Martin de Sá

Permittindo-se aos habitantes da nova cidade a faculdade de edificarem onde bem lhes parecesse, sem o menor onus e conforme o arbitrio de cada um, forão-se espalhando na planicie aberta entre aquelles montes, cortando-a ruas estreitas e tortuosas, viellas pouco extensas e escuras.

Não havia ordem nem alinhamento nas edificações; cada um abria onde lhe parecia mais commodo os alicerces de sua

habitação, de sorte que não parecia uma cidade que se fundava, senão pequena povoação ou aldeia de gentios.

As ruas principaes erão a rua Direita do Carmo, da Misericórdia, do Porto dos Padres da Companhia hoje de D. Manoel, de S. José, do Cotovello, a de S. Francisco, hoje da Assembléa, a de Aleixo Manoel, hoje do Ouvidor, a de Mathias de Freitas, hoje do Rosario, a do Padre Manoel Ribeiro, hoje do Hospicio, a de Diogo de Brito, depois da Alfandega, a do Sabão, a de Antonio Vaz Viçoso, conhecida depois com a denominação de S. Pedro, e a dos Pescadores.

Cruzavão-as as ruas Detraz do Carmo, de Matheus de Freitas tambem chamada da Quitanda do Marisco, a dos Ourives, e mais uma ou duas viellas, e depois o fosso que corria na direcção da actual rua da Uruguayana.

Sanctificavão a nova cidade a egreja da Misericórdia cuja irmandade já existia em 1591, e tinha um hospital aberto para

os doentes pobres; a ermida de S. José erguida tão proximo á praia que as ondas batião nas paredes da capella-mór; o convento do Carmo na praça do Carmo proximo á praia de Nossa Senhora do O'; a igreja da Cruz levantada no lugar em que existira o forte desse nome; a igreja da Candelaria cujos fundadores forão Antonio Martins da Palma, e sua mulher Leonor Gonçalves em cumprimento do voto feito á Virgem Nossa Senhora, em alto mar, em noite de tempestade; a ermida da Ajuda construida na esquina da rua denominada mais tarde dos Barbonos, ignorando-se o anno da fundação e o nome de quem a eregio, e a de Santa Luzia, na praia do mesmo nome, a qual já existia em 1592, sendo um dos primeiros sanctuarios que abençoárão a nascente cidade de S. Sebastião.

Abrião-se na rua da Misericórdia para o mar diversos beccos, dos quaes o mais extenso era o do Guindaste, assim denominado por estar assentado em frente

delle o guindaste que alçava as mercadorias dos jesuitas para o seu collegio, no morro de S. Sebastião.

Não tinha a cidade calçamento nem iluminação; de noite guiavão aos viandantes as luzes collocadas pelos fiéis defronte dos nichos erguidos nas esquinas das ruas. Mas, nas viellas em que a fé não erigira oratorios, era completa a escuridade e difficil o caminhar logo que desaparecia a luz coada pelas fasquias das rotulas das portas e janellas.

Quasi todas as casas erão terreas e tinham as janellas e portas guarnecidas de rotulas de madeira ou tecidos de palha chamados peneiras ou grupemãs, que erão dependurados ao amanhecer e recolhidos á noite.

Dividia-se a cidade em duas freguezias, a de S. Sebastião creada em 1569, tendo por primeiro parochio o padre Matheus Nunes que recebera autorisação para reprehender e castigar os que vissem mal, sentenciando-os até dez cruzados sem ap-

pellação nem agravo, para conhecer dos casos da santa inquisição, sentenciando segundo Deus o illuminasse, e para condemnar á trinta cruzados e com a pena de excommunhão a quem o desobedecesse!

A segunda parochia era a da Candelaria instituida em 1634, constando ter sido seu primeiro pastor o padre hespanhol Pablo Santi.

Era diminuta a população que, já dissemos, reunia-se, quasi toda, quotidianamente na hora da primeira missa, o que tornava faceis e frequentes as relações conhecendo se todos e sabendo prompta e estendidamente o que acontecia a cada um.

Agora que o leitor tem conhecimento do theatro em que vão representar-se os acontecimentos seguintes poderá melhor comprehendê-los e acompanhar as personagens desta viridica historia,

## AMOR E VINGANÇA

Henrique tinha verdadeiros sentimentos religiosos, educara-o seu pae nos principios austeros, na doutrina sã daquelles tempos, repetia-lhe em casa as orações que ensinava a todos os seus filhos e escravos, levava-o diariamente á igreja para ouvir a missa matutina, e não havia festividade religiosa a que não assistissem Crispim e seu filho,

Alem dessa educação domestica hebera Henrique instrucção pura e religiosa nas escolas, onde não havia dia em que deixassem os meninos de entoar em voz alta quasi todas as orações da cartilha.

Creado nestes principios se não afastara delles; quando menino ia á igreja guiado

pela mão de seu pae, quando moço levavão-o á casa de Deus a religião e a fé ; mas, desde o dia em que vio, ao sair da missa, a mulher que fascinou-o, outro sentimento arrastou-o á egreja. Já não era a fé só que guiava-o até alli, porem tambem o desejo de ver e admirar a belleza dessa mulher, a quem chamara anjo por encontral-a na egreja, ou julgara santa por haver-lhe ensinado um culto ignorado do seu coração. Se a razão lembrava-lhe o sentimento religioso approximando-o da casa de Deus, inflammava-lhe o amor o coração e levava-o para alli, obedecendo a alma á fé, o coração á outro culto, ao amor.

E quantos não procurão a casa de Deus por sentimentos profanos, quantos não misturão as idéas do mundo com as orações dirigidas ao céu, quantos não tem na egreja uns labios que rezão e um coração que mente ! chega até ahi o peccado.

Difficilmente satisfaz-se o coração que ama, vai de sensação em sensação, de desejo em desejo, e jamais se sacia.

Via Henrique todos os dias, ao sahir da egreja, a mulher a quem amava, e acompanhava-a até á casa; mas, não satisfeito, para vê-la mais uma vez em cada dia, percorria todas as tardes a rua em que ella habitava

Desejando descobrir o amor de seu filho, conhecer a mulher amada por elle começou Crispim a espreitar os passos de Henrique: porem outra pessoa, mas perspicaz que o velho militar, já adivinhara quem era a donzella amada pelo filho de Crispim.

Via tudo a mãe Brigida.

Em pé, por detraz da rotula, como sentinella constante da rua em que residia, não passava por alli alma viva, nem occorria facto algum que lhe ficasse desconhecido; tudo via e ouvia, não dando descanso aos olhos nem aos ouvidos; e não havia olhos mais scintillantes nem ouvidos mais agudos

Os passeios continuados de Henrique pela rua em que habitava a viuva de José da Cruz impressionarão a velha, que começou a ver, a observar os passos, os movimentos do

moço, e no fim de alguns dias descobrio a historia do seu amor.

Quando o moço passava repetia a mãe Brigida, em seu posto constante, por detraz da rotula, estas palavras :

— Bendito e louvado seja o santissimo nome de Jesus, santa Helena me valha e áquelle seu mais fervoroso devoto !

Assim como espalha a flôr o seu perfume e a estrella a sua luz transmite-se o amor de um coração em outro : é espirito que anima duas almas, sentimento que identifica dous corações, idéa que liga dous entes. Helena leu no coração de Henrique, adivinhou o sentimento que agitava-lhe as fibras e sentimento igual, sensação semelhante despertou-se-lhe na alma ; e ambos, antes de terem trocado uma palavra, revelado uma sensação, soltado um ai ou abafado um gemido, palpitarão pela mesma idéa, e sentirão acender-se-lhes na alma o mesmo fogo ; amárão-se sem haverem dito um ao outro : Eu vos amo !

Fogo sem luz, suspiro dos anjos, espirito

celeste expande-se o amor, cresce e não fica no estreito recinto de um coração; absorve uma existencia.

Henrique só pensava na mulher que amava, ia á egreja para vel-a, seguia-a até á casa, e repetidas vezes percorria a rua, em que ella residia, para lubrigar-lhe a sombra por entre as fasquias da rotula.

Os pensamentos, os sonhos, as orações de Helena são consagrados a seu amante; vivia pensando nelle; era a imagem constante de seus olhos, a sua idéa fixa e o sentimento do seu coração. Quando via-o passar arfava-lhe o seio, palpitava-lhe o coração, e baluciavão seus labios uma prece, uma supplica, um hymno de amor em que pedia ao céo protecção, vida e felicidade para áquelle a quem amava ardentemente.

Sabendo qual a mulher que attrahira o coração de seu filho, e merecera seu amor ficou Crispim satisfeito. Era Helena filha de uma viuva rica e virtuosa, gosara seu pae de reputação honrada e influencia legitima e

fôra cavalleiro professo da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Continuara Lourenço a frequentar a casa de Barbara da Silveira, mostrando-se cada dia mais affavel e merecendo muita estima e confiança da viuva de José da Cruz que lisongeava-se com essas relações e esforçava-se por tornal-as mais intimas. Mas procedia Helena de outro modo; a presença do prelado incommodava-a; mostrava-se timida e constrangida quando via-o ou apparecia na sala para sandal-o, receosa dirigia lhe a palavra, tremula beijava-lhe o annel e retirava-se logo.

Não passara desaperecebido a Lourenço o acanhamento da filha de Barbara, a timidez que experimentava ao vel o, mas julgava esse constrangimento nascido da educação recolhida que tivera. Não tinba-lhe antipathia porem temor, pensava o prelado, e por tranquillizar-a mostrava-se de dia para dia mais affectuoso, risonho e lhano; trazia-lhe mimos, flôres e retendo-a junto a si se não esquecia de prodigalisar-lhe afagos e lison-

gear-lhe os encantos ; mas era inutil ; augmentavão o temor, o receio da filha de José da Cruz os carinhos, os presentes e elogios de Lourenço de Mendonça.

Pretextando quasi sempre um incommodo ao annunciar-se a visita de Lourenço começou Helena a esquivar-se, e, so depois de arduas admoestacões ou ordem positiva de sua mãe, vinha saudá-lo, respondia ás suas perguntas, e aproveitando o primeiro ensejo, disfarçava e ausentava-se da sala para não voltar mais.

Multiplicava Lourenço os seus agrados, repetia gracejos e momices, ria, folgava, trazia-lhe dadas mais lindas e mimosas, porém encontrava na filha de Barbara a mesma frieza, a mesma seriedade, o mesmo tedio.

Começou Lourenço a scismar e comprehendeu que não era temor porém aversão que Helena consagrava-lhe, e logo tratou de descobrir o motivo desse sentimento.

Atinara a mãe Brigida com o amor de Henrique, e bastou, isso para algum tempo depois,

no atrio da egreja, saberem todos ao sahir da missa, as relações amorosas entretidas pelo filho de Crispim e a filha de Barbara.

Quem conta um conto acrescenta um ponto, mas, relatando qualquer noticia, acrescentava a mãe Brigida tres ou quatro, isto é, augmentava e alterava os acontecimentos segundo a sua phantasia e comprimento de lingua.

Propalou que Henrique amava a Helena e era correspondido, que ia quotidianamente á casa de Barbara, e pedira a filha desta em casamento, que breve era o dia das bodas, e outras cousas e cousinhas mais inventadas por sua imaginação ou bisbilhotice.

Espalhou-se a noticia da novelleira, e chegando aos ouvidos de Lourenço percebeu este o motivo da aversão que lhe votava a filha de Barbara.

Era Lourenço inimigo de Crispim da Cunha que, quando vereador, accusara-o em camara, de intervir em negocios estranhos á jurisdicção da prelazia. Irritado por isso perseguira-o o prelado, e contribuíra para ser desterrado para os presidios da Africa um

dos filhos do velho servidor do estado. Desde então mais vivo tornou-se o odio entre ambos.

Ora Helena não ignorava o sentimento que separava o prelado da familia de seu noivo; e arrastada pelo seu amor, começou a consagrar odio a Lourenço.

Ao principio era o temor, o acanhamento nascido da sua educação que tornava receosa e tremula na presença de Lourenço, mas, desde que começou a amar o filho de Crispim, transformou-se o temor em antipathia ou antes em odio.

Quando revelárão-lhe o nome do homem preferido pelo coração de Helena, Lourenço de Mendonça empallideceu, chammejarão-lhe os olhos ascuas vivas de ira, e um tremor convulsivo contrahio-lhe todos os musculos da face. Desde então pensou em embaraçar o casamento da filha de Barbara, e lembrou-se do ouvidor Paulo Pereira, homem de cincoenta annos, grelado, secco de carnes, a quem se offerecesse a mão de Helena, herdeira rica, não recusaria ainda

que para obter esse dote lhe fosse preciso commetter baixezas e até crimes.

Conhecia Lourenço o caracter venal e servil de Paulo Pereira, a sede de ouro que esmorecia-lhe a alma, e por isso, contando com elle para executar o seu plano, disse ou antes rosnou o prelado, depois de haver estado algum tempo pensativo.

— O filho de Crispim não ha de casar-se com a filha de José da Cruz.

Ao sahir da casa de Barbara em uma tarde em que Helena lhe não apparecera, dirigio-se Lourenço á casa do ouvidor, e sem circumlocação propoz-lhe o casamento com essa rica herdeira.

Poucas vezes vira Paulo Pereira a moça que lhe offerecião em casamento, não podia asseverar se era bonita ou feia, mas declarara Lourenço que se a esposasse ficaria senhor de grosso cabedal, e bastou isso para excitar-lhe a cobiça.

De feito, trajando casaca de seda, calções de chamalote largos e franzidos no cós e nos joelhos, espadim de copos e cadeias de aço e

enorme cabelleira de caixos apolvilhados apresentou-se Paulo Pereira no dia seguinte em casa de Barbara e pediu-lhe a filha em casamento.

Surprenderão-se mãe e filha de tão rápida e subita paixão; Barbara ficou muito lisonjeada, e deu o seu assentimento, mas Helena chorosa e afflicta respondeu franca e decididamente—não.

Cego de furor, pletorico de colera retirou-se o ouvidor, e foi referir a Lourenço o máo exito da sua missão.

Contara Lourenço que Barbara, seduzida pela posição e cargo elevado de Paulo Pereira, cedesse-lhe a filha sacrificando-a á sua vaidade, mas o não fizera Barbara; sentira-se contrariada por haver Helena recusado uma alliança que julgava muito vantajosa, mas respeitara o seu sentimento e despedira o ouvidor.

Resoluto, energico e vingativo não recuava Lourenço diante do primeiro obstaculo; e excitando-o a vingança, e tendo para proseguir um seu plano um homem cujo

caracter flexível e ambicioso arrastava-o á baixeza e á crimes, reconheceu que devia lutar e, cravando seus olhos penetrantes no semblante do ouvidor, bradou o prelado.

— Havemos de realisar esse casamento; se executardes o que vos ordenar sereis feliz, sereis rico.

— Rico.. exclamou Paulo Pereira; e agitou-lhe o rosto e todo o corpo um movimento convulsivo.

Poucos momentos depois ambos sentados em frente um ao outro, calmos e obstinados, planejãrão os acontecimentos que se vão seguir.

## A CASA MYSTERIOSA

Havia na ladeira do Poço do Porteiro, hoje chamada do Seminario, uma casa de triste apparencia construida de adobe com uma porta e uma só janella cuja rotula nunca se abria. O povo suspeitava dessa habitação, e dizia que appareção alli vultos sinistros, almas do outro mundo, e havia quem asseverasse ter visto sahir dalli, alta noite, animaes medonhos, alguns sem cabeça, outros com quatro pernas e duas cabeças, e outros deitando fogo e exhalando cheiro de enxofre.

Quasi todos ao passarem por essa casa, quando ião ouvir missa na egreja do Collegio, ou na Sé, fazião duas e tres vezes o signal

da cruz, pedião a protecção deste ou daquello santo ou santa, e de noite depois das oito horas, era raro ver alma viva subir ou descer a ladeira com receio da casa mal assombrada. Mas deixemos os espiritos, os doendes, e digamos o que ao certo sabemos dessa triste morada.

Residião alli dous homens Lucas e Jeronymo que não erão vistos de dia nas ruas da cidade, nem sabia-se donde vierão, nem em que se occupavão; mas toda a população temia-os, e, quando dava-se um roubo ou acontecia algum assassinato, dizia-se que o ladrão ou o assassino occultara-se na casa sinistra da ladeira do Poço do Porteiro.

Erão dous vultos, dous phantasmas que amedrontavão ao povo, e trazião-no em continuo sobresalto. As velhas beatas consideravão-os como entes endimoninhados, ou almas de pèrros judeos que andavão penando, e não havia dia em que não rezassem rosários e corôas a Nossa Senhora para livra-las dessas almas impenitentes.

Mostravão Lucas e Jerônimo a mesma idade; trinta á quarenta annos.

Lucas era alto, magro e dotado de força prodigiosa, o que reconhecía-se pela distensão e saliencia da rede muscular; tinha o rosto vermelho, cabellos compridos e barba que, cobrindo-lhe o queixo, cahia sobre as clavículas.

Trajava constantemente calções de estameinha, pellote de panno com vivos e guarnições, carapuça e capote côr de vinho.

Baixo, reforçado e mocisso tinha Jeronymo o cabello preto e cahido pela testa, o nariz chato e cor acobreada no rosto, o que denunciava o sangue índio que circulava-lhe nas veias.

Nessa epóca recolhião-se cedo os habitantes da cidade; as oito horas ficavão desertas as ruas, e apenas vião-se algumas andas ou liteiras de pessoas principaes, precedidas de um escravo com um archote para alumiar o caminho, ou vultos embuçados caminhando rapidamente e procurando occultar-se nas trevas.

Em uma noite escura, depois de haver

soado na igreja do Collegio a ultima badalada das oito horas, approximou-se á casa sinistra da ladeira um vulto e bateu á porta.

— Quem bate, gritou de dentro uma voz forte e medonha.

— O vosso servo, Paulo Pereira ; abri.

Levantarão a aldrava da porta e abrirão-na.

— Deus Nosso Senhor seja nesta casa, repetio o ouvidor ao entrar na sala alumiada por um candieiro de azeite.

Estava Paulo Pereira embuçado em um amplo capote de gola alta, cor de azeitona, e trazia carregado até aos olhos um chapéo de abas largas.

— Jesus Christo Nosso Senhor seja com vme. redarguiu o homem que abrira a porta, o qual trajava gibão redondo, calções de panno baixo, capote e carapuça.

— Amen, pronunciou outro individuo levantando-se da esteira em que estava deitado.

— Meus filhos deixai-me assentar ; a ladeira é cumprida e as minhas pernas são de velho.

— Tem razão, vmc. aqui está este escabello, disse Lucas ao ouvidor.

— Sentai-vos também, temos que conversar.

— Obedecemos sempre ao senhor ouvidor, disserão ao mesmo tempo Jeronymo e Lucas e sentárão-se logo.

— Necessito do vosso prestimo, redarguiu o ouvidor.

— S. Sebastião nos valha ! Não sabe vossa mercê que somos seus servos...

— Servos de Deus Nosso Senhor que nos acompanhe e illumine a todos.

— Amen.

— Mas dizei-me sabeis onde reside a viuva de José da Cruz ?

— Eh lá que sim ; conhecemos a todos os habitantes, onde morão, como vivem, o que possuem e outras cousinhas mais...

— A' nós é que ninguem conhece, rosnou Lucas.

— E' assim, murmurou Jeronymo ; também só a noite sahimos de casa...

— O sol constipa-nos, acrescentou Lucas sorrindo.

— Tendes razão; mas, redarguiu Paulo Pereira, Barbara vai todas as noites rezar o terço na sua ermida...

— E' certo, rosnou Jeronymo, e por signal.

— O que?

— Temos desejado aproveitar-nos da sua ausencia, mas os vilões deixão tudo guardado.

— E' tal qual, disse Lucas soltando um largo suspiro.

— Ora a filha de Barbara acompanha-a sempre, e...

— Então...

— E' estreito e sombrio o caminho que vai ter á ermida, e o lugar ermo...

— E' assim, acrescentou Jeronymo.

— Pois desejo que amanhã quando Barbara fór ao terço não volte para casa com sua filha; raptando-a conduzão-na para a nossa habitação junto á ermida da Ajuda.

— Ah temes um rapto, exclamou Lucas

— É uma expedição amorosa, acrescentou Jeronymo sorrindo.

— Que render-vos-ha alguns mil cruzados, acrescentou o ouvidor interrompendo-os. É breve encarregar-vos-hei de outra missão um pouco mais seria...

-- Nossa Senhora seja conosco e nos ampare sempre; basta o senhor ouvidor para dar-nos trabalho.

— Conheço o vosso prestimo, meus filhos; o pão pode chegar a todos.

— E' certo, porem não pensão assim os vilões desbragados, os perros judeos.

— Mas não devem boquejar no caso a ninguem.

— A nossa lingua é endurecida, rosnou Lucas.

— O dia marcado é amanhã.

— Ficai descansado, amanhã estará o passaro na gaiola.

— Confio em vós, disse Paulo Pereira, levantando-se e envolvendo-se no capote. Deixou cahir sobre o escabello algumas moe-

das de ouro, e approximando-se da porta acrescentou :

— Ficai na paz de Deus Nosso Sen hor.

— Amen, e a Virgem Santissima vos acompanhe retorquirão Lucas e Jeronymo junto á porta.

Desceu Paulo Pereira a ladeira apressadamente, e em breve desapareceu na escuridade da noite.

Logo que retirou-se o ouvidor, fechou-se a porta da casa mysteriosa, mas, algumas horas depois, tornou-se a abrir para dar passagem a dous vultos que descerão rapidamente a ladeira embuçados em capotes.

Souo na torre do Collegio a primeira badalada da meia noite.

## O TERÇO

Mostrava-se coberto de espesso arvoredor o morro de Santo Antonio apparecendo entre as arvores as paredes esbranquiçadas do convento ainda não concluido. Não era calçada a ladeira que ia ter á essa habitação de frades, e só apresentava de notavel um alto cruzeiro de pedra junto do qual ajoelhava-se o povo, orava, arrastava-se em penitencia e alli deixava oblações em cumprimento de promessas feitas ao milagroso padre Santo Antonio.

Havia proximo ao convento uma cisterna, que ainda existe, mas se não projectara ainda essa obra monumental, o aqueducto da Carioca, cuja magestosa arcaria, uniuo os dois

morros de Santa Theresa e Santo Antonio, devia entornar no centro da cidade abundante agua fresca e crystalina.

Havia, no lado occidental, no meio do bosque que vestia o morro, uma nascente d'agua conhecida vulgarmente pelo nome de Providencia, que proveio-lhe do seguinte facto:

Estava o sol a terminar o seu giro sobre o horizonte quando um religioso de avancada idade, sahio do claustro e embrenhou-se no bosque; depois de algumas horas de passeio quiz regressar á cella, mas vio-se perdido por entre o arvoredos.

Sumira-se o ultimo reflexo dos raios do sol e as sombras da noite escurecião a terra. O religioso começou a procurar o caminho; dava alguns passos em uma direcção, mas logo após abandonava-a para tomar outra vereda, e com essas investigações, com esse caminhar estontado e incerto fatigou-se, ficou exausto de forças, sequioso de sede, inundou-lhe o corpo um suor frio; aterrou-o o ter de passar a noite fóra do convento e em lugar ermo, e quasi desfallecido, sentindo

tremem-lhe as pernas, ajoelhou-se e começou a orar. O somno fechoa-lhe as palpebras.

Ao primeiro clarão do dia despertou ardeendo em sede; levantou-se, deu difficilmente alguns passos, e estendendo a vista por entre os ramos e folhas das arvores, lubrigou um golpe d'agua que rebentava do chão. Reanimando-se dirigio-se pressuroso ao lugar, e bebendo copiosamente restaurou as forças perdidas. Pode então caminhar, e chamando por seus companheiros encontrou-os antes de chegar ao convento, do qual havião sahido diversos religiosos em busca do frade velho, que, relatando o acontecimento, não houve quem o não considerasse milagre do padre confessor Santo Antonio, e immediatamente de u-se á nascente d'agua o nome de fonte da Providencia, cuja denominação perpetuou-se. (\*)

---

(\*) Em 1811 o senado da camara beneficiou a essa nascente d'agua cingindo-a com um muro no qual mandou gravar a palavra Providencia; que, ha alguns annos, ainda podemos decifrar nesse muro esboroado.

Estendia-se aos pés do morro, do lado do oriente a lagôa de Santo Antonio, em cuja superficie lisa e serena reflectiã-se as sombras dos arvoredos, abrigo e refugio das avos aquaticas quando perseguidas pelos caçadores. Levantava-se proximo á lagôa a casa do devoto José da Cruz, donde começava um caminho estreito, sinuoso por entre aleas de lorangeiras, mangueiras e outras arvores fructiferas de um lindo pomar, que prolongava-se até ao alto do morro em frente á ermida de Santa Barbara, envolvida em paredes de verdura formadas pelas arvores.

As frondosas arvores que ladeavão o caminho, que ia morrer em frente á ermida, enlaçavão seus ramos tortuosos, e occultando os raios do sol deixavão escapar uma luz tibia coada pelas folhas; cipós entretecidos, trepadeiras enramadas de flôres acompanhavão as curvas dessa vereda, enfeitavão-a, e embalsamavão o ar com seus perfumes suaves; animavão a essa natureza bella e vivaz o pipitar constante e harmonioso dos passarinhos, o sussurro das

folhas batidas pelas azas da brisa. Terminava o caminho em um largo, ou terretro cercado de altos bambús unidos em feixe que, inclinando-se ao soprar do vento, produzião um cnocalhar harmonioso, e davão sombra e frescura; no fundo do largo levantava-se a frontaria esbranquiçada da ermida semelhante a um lençól estendido no meio do bosque.

Abria-se todas as tardes as portas desse santuario para a oração do terço, a que assistião Barbara, sua filha e escravas, e amiudadas vezes convidavão aos visinhos para acompanhal-as nessa devoção.

Ia adiante Helena, depois Barbara e seguião-nas as escravas umas após outras, como era o costume do tempo; guardavão na volta a mesma ordem, execto se a noite era escura, vinha na frente uma escrava com um archote para alumiar o caminho.

Em uma tarde levárão Barbara e Helena a oração do terço a velha Escolastica, que mais tarde diremos quem era, e reconhe-

cerão os leitores que não é personagem pouco importante desta veridica historia.

Ia Helena alegre e risonha talvez por ter visto por entre a rotula o moço, que ensinara um novo culto ao seu coração, e despertara-lhe idéas e sentimentos não conhecidos da sua alma.

— Está a menina muy contente, disse-lhe a velha Escolastica que envolta em uma mantilha preta, e com um comprido rosario entre os dedos, caminhava atraz della.

— Sim, tia Escolastica, vou levar este ramallete a Nossa Senhora e fazer-lhe uma promessa.

— Já sei, vai pedir-lhe para os dias serem menores, e os mezes mais curtos.

— Não lhe percebo.

— Tenha paciencia, filha, o dia ha de chegar.

— Que dia?

— Nossa Senhora me valha, e a vós tambem, minha filha, pois julga que não sei que está tudo ajustado, e breve serão as

bodas! Helena corou, mas, procurando occultar sua torvação, acrescentou logo:

— Não pensava nisso: a tia Escolastica é muito maliciosa.

— Ah, redarguiu a velha, Deus Nosso Senhor me perdoe e illumine; quando moça tive um coração sensível, um olhar ardente, amei... hoje estou velha, o coração está frio, o olhar amortecido, e só sei rezar e fazer penitencias mais ainda conheço o coração palpitante de amor, e o olhar de quem como vós tem a alma incendiada em paixão.

— Mas desta vez a tia Escolastica não acertou.

— Assim o santo nome de Jesus me valha sempre. Eu adivinho, filha, ou antes é esta figa de raiz de arruda arrancada em noite de S. João. E a velha beijou a figa pendente do enorme rosario que tinha entre os dedos.

Nesse momento chegarão á capella, e, transpondo-a forão, assim como Barbara, para a tribuna; as escravas ajoelharão-se

no pavimento. Começou a oração. Havia no hymno dirigido á rainha dos anjos os seguintes versos, que não são nossos, e se os transcrevemos é para não afastar-nos da chronica do tempo. Erão assim :

Remedio de tudo

Bendita Maria,

Que o terço nos deste

De tanta valia.

A virgem Maria

Prometteu salvar

A todo o devoto

Que o terço rezar.

Sempre rezaremos

Com grande alegria

Para celebrar

A virgem Maria.

Viva Maria

Estrella do norte

Guiai-vos, senhora

Na hora da morte.

Repetia-se todas as noites este hymno, a ladainha e outras orações em voz alta.

Annunciando em uma noite o ruído das folhas açoutadas pelo vento, o cantar triste e monotonico das aves nocturnas, a escuridade do céo, o som longinquo e surdo do trovão proxima tormenta desciação Barbara e Helena a pressadamente a ladeira indo adiante uma escrava com um archote para mostrar o caminho, mas em uma das curvas da vereda deixou Helena atraz de si a escrava; corria receando-se da chuva. Repentinamente vio prenderem-lhe os braços dous pulsos de ferro; deu um grito que foi abafado por uma mão ante-posta á sua boca, e um individuo suspendendo-a carregou-a como se levasse uma criança.

A escrava que conduzia o archote não ouviu o grito de Helena porque o vento soprava rijo entre as arvores dobrando-lhes os galhos e produzindo forte ruído entre as folhas, repercutia-se entre as nuvens o echo surdo dos trovões, grasnavão os reptis, e não cessavão as corujas o seu piar estridulo, mas esse grito abafado retinio como um gemido longinquo no coração de Barbara,

porque adivinhão as mães os sofrimentos dos filhos, ouvem seus suspiros mais fracos, e sentem suas dores por mais pequeninas.

Barbara chamou as escravas, perguntou-lhes por Helena, repetio diversas vezes o nome de sua filha, gritou, correu até á casa, subio de novo a ladeira, ordenou ás escravas que percorressem o pomar, e ella repetindo amiudadamente o nome da filha, tropeçando nos cipós, batendo com a cabeça no tronco das arvores começou, debulhada em pranto, a correr de um para outro lado; balbuciou orações e fez repetidas promessas aos santos da sua devoção para encontrar a sua desditosa filha; Helena, Helena, era a sua exclamação de instante um instante, porém inutilmente porque lhe não respondião.

Mui fatigada cahio desfallecida entre as arvores; as escravas encontráráo-na nesse estado e carregaráo-na para a casa. A chuva annunciada pelos trovões, relampagos e negrura do céu começara a cahir.

Helena desaparecera.

VIII.

O MAMELUCO

Correu no dia seguinte em toda a cidade a noticia do triste acontecimento que se dera em casa de Barbara, e cada um explicou-o a seu modo; dissêrão uns que Helena se ausentara voluntariamente da casa peterna, e que commettera esta falta por evitar máos tratos, outros que fora aptada pelos indios, costumados a fazerem correrias, invadir as casas roubar e matar os moradores, e outros attribuirão o crime a diversos individuos, a Lucas, a Jeronymo sem exceptuarem o governador, o ouvidor e o regedor da justiça.

Cada um referio o facto dando-lhe cores e episodios novos; asseverárão uns que a

moça fôra raptada no recinto da capella, outros que fôra ultrajada em sua honra, assassinada, e houve quem divulgasse que Helena, sua mãe e mais pessoas da casa havião sido victimas de assassinos e ladrões.

Foi a mãe Brigida quem primeiro relatei o acontecimento a seu irmão o padre Nobrega, e o que disse accrescentando e alterando o facto, as revelações que fantasiou, as exclamações, os suspiros, os praguejamentos que empregou em sua locução não os mencionaremos nós nesta verídica historia.

Se não desvanecera a impressão daquelle triste facto quando veio constristar e aterrar o povo do Rio de Janeiro um acontecimento muito mais serio e grave.

Havendo-se dado o desaparecimento de Helena mostrou-se Henrique afflicto e pesaroso, e correu logo ás autoridades pedindo-lhes providencias contra os autores desse crime, que fizera a infelicidade de uma mãe e o desespero de um amante; foi no dia seguin-

te ao regedor da justiça e depois ao governador, e retirava-se tarde para sua casa, quando vio-se accomettido por dois embuçados que procurarão roubal-o; afastando o capote de belbute cor de vinho com botões de metal amarello que trazia sobre os hombros desembainhou o moço a espada, pois apresentara-se fardado em casa do governador, e cuidou em defender-se. Os dois individuos embuçados em capotes que descião-lhes até aos pés, e tendo o rosto occulto por chapeos de abas largas, accometterão-o com punhaes. Travou-se a luta entre os tres brandido o filho de Crispim a espada com presteza para aparar os golpes dos adversarios, que desejavão feril-o de surpresa, porem elle agil e dextro afastava-os com a espada, que mais de uma vez se descarregara pesada no corpo dos assassinos. Mas, operando um movimento rapido, atirou-lhe um delles uma punhalada no hombro direito, que o fez vacillar e perder a espada. Henrique não desanimou; apesar da dor do ferimento e do sangue

que espadanava da ferida, abaixou-se rapidamente, apanhou a espada, e, su stendo-a com esse mesmo braço lavado em sangue, não deu treguas á luta. Mas o sangue derramado e a dor do golpe assás profundo foram pouco e pouco roubando-lhe forças, reconheceu que ia desfallecer, e lembrando-se de seu pae, da sua noiva cuja desgraça devia vingar, pediu soccorro.

O anjo da guarda ouviu-lhe a voz.

Appareceu repentinamente um homem alto, robusto que alçando com ambas as mãos um remo que trazia ao hombro, descarregou-o com tanta força em um dos assassinos que este vacillou, resmoneou um gemido, estorceu-se na convulsão da agonia, e morreu. O outro assassino fugira.

Vendo o filho de Crispim desfallecido o individuo, que viera soccorrel-o, suspendeu-o ao hombro, e levou-o para casa.

Era um homem de estatura elevada, corpulento, forte, de resto largo e amarellado emporas salientes, olhos pequenos, ventas largas, labios espessos e sem barba.

Vestia um gibão de lã, calças do mesmó estofó curtas e largas, pés descalços e cabello rente e occulto em um lenço de canequim. Era mameluco, vivia da pescaria, e chamava-se Antonio das Canoas.

Homem energico, nascido para o perigo não arreceava-se do mar, dos ventos nem das tormentas. Estivesse sereno e placido o oceano, ou marulhadas as onllas pela furia dos ventos, brillhasse o céo illuminado de estrellas ou o escurecessem nuvens tormentosas era para Antonio indifferente; não deixava sua canoa de singrar as aguas, porque o mameluco se não cançava em olhar para o céo e observar o mar.

Havia de noite um temporal desfeito, a chuva, o vento, os relampagos e trovões atemorizavão aos pescadores mais ousados, que não se atrevião a sahir de casa, ou encantando o mar recuavão temendo soltar as canoas á furia das ondas; porem ao amanhecer surgia um batel na praia. Era o do Antonio das Canoas.

Quando não navegava trazia o remo como

arma ao hombro , e ai daquelle que o experimentasse, ai de quem se visse acommettido por essa arma peor dos que os piques, espontões, espadas, mosquetes, arcabuzes e outros inventos mortiferos daquella epoca para isso que se chama guerra. Esse remo era inexpugnavel e manejado pelo braço herculeo do mameluco era a queixada de São.

Residia o mameluco em uma casa de palha junto ao braço do mar que, internandose pela cidade, proximo á rua já então chamada dos Pescadores, transformava o morro de S. Bento em uma península, Sahira do casa em busca da sua canoa quando ouviu gritos de soccorro, e correndo ao lugar do sinistro terminara repentinamente a luta prostrando sem vida a um dos assassinos, que accommettêrão ao filho de Crispim.

Carregando o moço ao hombro levou-o para casa, deitou-o em um leito, e tirando de um almario uma caixinha, que continha uns pós escuros, com elles pulverisou a ferida do mancebo, a qual sangrava muito ;

velou toda a noite junto do doente, que ao recuperar os sentidos, abriu os olhos, e depois de encarar algum tempo para o mameluco, disse-lhe.

— Obrigado, Antonio.

— Obrigado por que... por matar um cão.

— Salvastes-me a vida.

— Qualquer o faria.

— Não, ousastes combater contra dous homens.

— Dous homens; dissei antes dous miseráveis que não sabem tirar a adaga senão no escuro.

— Eu vo-lo agradeço.

— Calai-vos, senhor meu, pôde abrir-se de novo o arranhão que vos fizerão os malditos.

— Vosso remedio estancou-me o sangue da ferida, e deu-me alento.

— Aprindi-o de meu pae, mezinheiro afamado como são os indios meus avós; mas deixai que vos diga que um dos bir-

bantes ficou estirado no caminho como largo que se aquece ao sol; o outro fugio.

— E reconhecestes o que morreu?

— Eh... la que sim, é Lucas, o morcego que com os seiscentos demonios não escapou deste remo, exclamou o mestiço alçando o remo como se o inimigo, tendo resuscitado, estivesse presente.

— Querião roubar-me, acrescentou Henrique com voz desfallecida.

— Malditos, rosou o mameluco.

Cahio Henrique em novo deliquio do que aproveitou-se Antonio para sahir em procura do licenciado, que residia na praia de Nossa Senhora do O' proximo ao convento do Carmo.

Apparecêrão os primeiros raios do sol saudados pelo mavioso gorgueio dos passarinhos e pelo bafejo brando dos zephiros; despertou a natureza resplendente pelo astro do dia, e deixando os habitantes as casas para sentirem o aroma alpestre das plantas,

virão na rua um cadaver com o craneo despedaçado. Era o de Lucas.

Encarando o rosto livido e lavado em sangue do assassino, os olhos esbugalhados, as narinas, os labios e ouvidos escorrendo em sangue, a larga ecchimosose que cobria-lhe uma das faces, começou o povo a recordar os crimes attribuidos a esse sceletrado. Cada um referio um episodio negro da historia desse homem, cada um dirigio-lhe um escarneo, um insulto ou uma maldição; houve quem quizesse arrastar o corpo e precipita-lo no mar, mas impedio a justiça de el-rei nesse senhor que se praticasse contra um cadaver insulto tão deshumano; deitárão-o os granadeiros em uma rede, e levárão-o para o cemiterio da Santa Casa da Misericordia.

Acabão assim os assassinos. Actores de dramas sinistros vivem roubando e ensanguentando a faca nas entranhas das victimas, sem indagarem se matão a um filho, a um irmão, a um esposo ou a um pae. Occultos sob a capa e o chapeo de bandi-

dos vivem do latrocínio e do crime, deixando sangue em suas pisadas como os animaes damninhos deixão a peçonha. Contando os dias pelos crimes zombão dos gemidos e lagrimas das victimas: causão-lhes riso as dores e desgraças alheias, e lhes não detem o braço homicida nem as lagrimas que rebentão nos olhos do innocente, nem o grito de dor que se parte de um peito de mulher, nem o gemido rouco que o velho gargareja na ancia da morte. Mas um dia brilha a justiça de Deus, é punido o assassino, penetra-lhe no coração o punhal da vingança, e ninguem tem dó do sangue que goteja ou do cadaver que apparece frio e estirado na calçada, porque esse sangue, esse cadaver é do scelerado que, em quanto vivo, flagellou e terrorisou a humanidade. Se não acabão assim perecem na prisão ou no patibulo; a justiça vinga a humanidade.

Apparecendo na rua o cadaver de Lucas acreditarão todos que se dera de noite alguma scena sinistra, e começando a cor-

rer diversos boatos mais ou menos exa-  
gerados, não tardou em espalhar-se em toda  
a cidade que fora assassinado naquella noite  
o filho de Crispim da Cunha Tenreiro.

## O GOVERNADOR

Produzirão estes acontecimentos profun-  
da sensação na cidade, tornádo-se thema  
de todas as conversações, todos tocáto  
a debate com a historia do rapto de He-  
lena e do homicidio de Herodes, e háto  
tão impressões que não se ligão seguras  
nem a honra, nem a vida.

Reunidos ao amanhacer na porta da cr-  
mida de S. José conversão alguns indi-  
viduos occupando-se com o que occorera  
na cidade.

— É o rapto da filha da senhora D. Bar-  
bara!  
— Ah, compadre, foi um acto immoral.

## O GOVERNADOR

Produzirão estes acontecimentos profunda sensação na cidade, tornarão-se thema de todas as conversações, todos tocarão a rebate com a historia do rapto de Helena e do homicidio de Henrique, e ficarão tão impressionados que não julgarão seguras nem a honra, nem a vida

Reunidos ao amanhecer na porta da ermida de S. José conversavão alguns individuos occupando-se com o que occorrêra na cidade.

— E o rapto da filha da senhora D. Barbara !

— Ah, compadre, foi um acto immoral.

Em que tempo estamos que já se não respeita a honra das familias.

— Quero crer, e S. Jeronymo me perdoe, se a minha boca mente, que a menina sabia o plano...

— Talvez, as mulheres quando querem sabem fazer as cousas melhor que nós.

— E o senhor Henrique que excellente moço.

— Dizem que já pereceu.

— Oh! não vem cá outro tão bom para o regimento, redarguiu um dos circumstantes, que pelo calção encarnado atacado sobre meias de lã, botas de couro, farda com ornatos de prata e chapeo ornado com galão branco mostrava pertencer ao regimento velho.

— E sabe-se quem commetteu esse delicto?

— Forão os habitantes da casa mal assombrada, Lucas e Jeronymo.

— Deus Nesso Senhor os amaldiçoe e condemne, e Nossa Senhora do Amparo me perdoe, mas quero crer que certa personagem

não é estranha a esses acontecimentos, resmoninhou uma velha que envolvida em sua mantilha, conservara-se proxima e attenta aos que conversavão.

— Diga, mãe Brigida, diga.

— Nosso Senhor me salve, e livre das más lingoas, porem julgo que Lourenço.

— O prelado !

— Fallem baixo.

— Mas dizia a mãe Brigida...

— Eu não, meus filhos, rosnão por ahi que esses acontecimentos, que aterrarão-nos tanto, forão planejados por Lourenço, porem pelo santissimo nome de Jesus declaro não erer em tal.

E a velha benzeu-se e beijou o rosario pendente da cintura.

E' escusado dizer que as revelações da mãe Brigida contra Lourenço nascião da sua má lingua: ainda não ouvira accusar o prelado por esses acontecimentos.

Começando á tocar á missa separárão-se os circumstantes e entrarão na ermida, excepto a mãe Brigida que tomando pela

rua do Cotovello subio a ladeira do Collegio, e foi bater á porta da casa do seu irmão, o padre Nobrega que residia proximo á matriz.

Entrando e sentando-se em uma cadeira de páo santo com assento e espaldar de couro disse a velha para seu irmão que, tendo a pouco voltado da matriz, occupava defronte outra cadeira semelhante.

— Tenho que revelar-lhe cousas importantes.

— Fallai mana, sou todo ouvidos.

— Quero crer que andou Lourenço envolvido no que aconteceu á filha de Barbara.

— Como, retorquiu o padre.

— Lourenço tinha affeição a essa moça que aborrecia-o, e ia casar com o filho de um seu inimigo, Crispim da Cunha.

— Mas como sabeis isso?

— Para que canço os olhos e ouvidos por detraz da rotula, não é para saber o que occorre na visinhança ! Ia Lourenço

todos os dias á casa de Barbara, mas desde que a menina desapareceu não foi lá mais.

— Pode estar doente.

— Não está; virão-no hontem na rua estes olhos que a terra ha de comer, e a velha apontou os olhos com dous dedos da mão direita.

— Não tem vindo á Sé.

— Ah, anda atarefado, e talvez para as cousas da igreja lhe não sóbre tempo.

— E o filho de Crispim já falleceu?

— Dizem uns sim e outros não; e prezado mano quem sabe se por ahi não andou tambem a mão de Lourenço de Mendonça.

— Pois não forão Lucas e Jeronymo?

— Os braços dos assassinos são armas, que se comprão como as adagas nas lojas dos mercadores.

— Mas...

— Henrique era o noivo da filha de Barbara e sabeis que odio guarda Lourenço contra Crispim e seus filhos: ora elle oppunha-se a esse casamento.

— Vou comprehendendo mana; Lourenço é mão e vingativo, e pode ter feito tudo isso; convem-nos indagar, sabeis como me arde no peito o desejo de vingança.

— Pois então armas em riste, em campo contra o adversario e contai commigo, hei-de devassar tudo porque os segredos não resistem á minha perspicacia. Ah se consigo desembaraçar essa meitada; adeus mano vou entrar em actividade.

— Nossa Senhora vos acompanhe.

— Amem.

E a velha desceu a ladeira, ajoelhou-se defronte de um nicho no canto da rua de S. Francisco, e depois com passo apressado procurou a sua habitação.

Dolorosamente sentira Barbara da Silveira a desgraça de sua filha; submersa na dôr não sabia o que pensar, nem fazer; teria Helena abandonado á casa arrastada por algum seductor, ou teria sido victima de alguma traição! Se voluntariamente deixara á casa paterna porque dera aquelle grito, cujo echo ainda resoava nos ouvidos

de sua mãe como um gemido longinquo. Não era de crer que mão malefica arrebatara essa moça á desgraça !

Não tendo encontrado a sua filha, nem havendo quem della desse-lhe noticia correu Barbara ao quarto em que tinha seu oratorio, e de joelhos com as mãos erguidas e debilhada em choro pediu á imagem da Santissima Virgem amparo e protecção para sua desditosa filha.

Costumára-se a orar desde menina diante dessa imagem ; diante della ajoelhara-se e fizera fervorosas orações ao expirar seus paes, ao ver morto seu primeiro filho, ao soltar seu esposo o ultimo suspiro, e em todos esses momentos de dor e afflicção, de martyrio e angustia, volvendo os olhos empanados de lagrimas, cruzando as mãos e balbuciando com verdadeira fé suas orações, sentira coar-se-lhe no peito o balsamo da consolação e penetrar-lhe no coração um raio de esperanza.

Havendo desaparecido sua filha veio cahir aos pés da Santissima Virgem, que nas

horas amargas da vida dera-lhe resignação ; orou e orou muito, e ao levantar-se não sentio tão acerba a sua dor, nem tão viva a sua angustia ; serenara-se a tempestade de sua alma, e entornara-se em seu peito um balmamento consolador. Ja não julgava-se só ; tinha para amparal-a a protecção da Mãe de Deus.

E' sempre suave a resignação que a religião traz ao coração humano.

Passou alguns dias entregue á dor, recendo revelar ao governador, ao prelado e a seu confessor o acontecimento occorrido em sua casa para poupar a honra de sua filha, mas vendo divulgado o facto era inutil occultal-o mais, e assim envolvendo-se em sua capa de dó mandou vir a cadeirinha ou liteira, e entrando nella dirigio-se a pobre mãe á casa de Lourenço.

Tão pallido trazia o semblante, manifestava tanta afflicção no olhar e alteração nos traços da physionomia que o prelado não reconheceu-a, mas fazendo reparo percebeu-a, e então sentio um estremecimento. Preo-

cupado como tinha o espirito não attendera Barbara a emoção de Lourenço, que momentaneamente procurara occultar o seu abalo.

Referio-lhe a desgraça acontecida á sua filha, e attento e compassivo mostrou-se Lourenço, gemeu, chorou com a pobre mãe parecendo participar de sua dor e afflicção; mascarava-lhe o semblante tanta hypocrisia, sujeitavão-se os musculos do rosto tão docemente aos sentimentos que desejava manifestar, que encarando-o nesse momento dir-se-hia ser real o seu sentimento, sinceros os seus lamentos e aguda a sua dôr.

Dirigio á infeliz mãe palavras de consolação, acompanhou-a até a porta, ajudou-a a entrar na cadeirinha, mas logo que vio-a ausente, quem encarasse seu semblante, ha pouco triste e choroso, notaria em seus labios um riso sarcastico de vingança.

Subio Barbara á ladeira do Collegio, e chegando á portaria do collegio dos jesuitas declarou ter desejo de fallar ao padre João de Almeida; um donato foi chama-lo, e alguns minutos depois appareceu o con-

fessor de Barbara que começou a referir-lhe o que acontecera em sua casa ; o jesuita interrompendo-a disse-lhe que sabia tudo, e tudo relatou acrescentando alguma cousa ignorada pela infeliz mãe. Admirou-se Barbara de ver o jesuita informado de tudo, sciente dos pormenores do facto, e agradecendo-lhe o que revelara-lhe, beijou-lhe commovida a aba da manga, e seguindo seu conselho dirigio-se á casa do governador.

Occupava o cargo de governador do Rio de Janeiro, desde 13 de junho de 1633, em que tomara posse no paço do senado da camara, o capitão da companhia de arcabuzeiros, Rodrigo de Miranda Henrique, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de S. Thiago.

Era Rodrigo de Miranda ainda moço e militar activo, o que manifestava pela expressão do rosto, vivacidade do olhar e agilidade dos movimentos. Exercia o cargo de cabo militar da Bahia quando foi nomeado governador do Rio de Janeiro, onde corrião ha tempos boatos de invasão de

inimigos, pelo que avisara-lhe a metropole que se previnisse. Recebendo o governo da capitania sob essa impressão mandou Rodrigo de Miranda fortificar a cidade, levantou o padrao da Candelaria, e o de Nossa Senhora da Ajuda, no morro de Santo Antonio, o qual por haver sido construido por Antonio Correa, que nessa obra empregara o serviço de seus escravos, teve por capitão o proprio Correa em recompensa desse auxilio prestado á defesa do Estado. Levantou-se no monte de S. Bento um forte cujo capitão foi João Rodrigues Brabo.

Fortificada a cidade e preparada e exercitada a tropa para resistir ao inimigo, que tentasse algum desembarque, cuidou o governador nas necessidades peculiares do povo.

Não havendo fontes de agua corrente servião-se os habitantes da agua de poços, ou por caminhos ermos e perigosos ião á tres quartos de legua de distancia, no bairro das Larangeiras, buscar agua no rio Ca-

rioca. Era sensível a falta de agua potavel na cidade, e reconhecendo-a esforçou-se o governador por trazer ao centro da povoação a agua pura e crystallina, que o povo com perigo e trabalho, ia apanhar em lugar longinquo; resolveu construir um encanamento, e para dar principio a obra estabeleceu por cada canada de vinho a contribuição de cento e sessenta reis, ordenando que a collecta imposta aos compradores fosse depositada em uma arca de tres chaves, no collegio dos jesuitas, ficando uma das chaves em mão d'elle governador, a outra na do reitor do collegio dos referidos padres, e a ultima em mão do vereador mais velho; mas por haver no mercado grande escassez de vinho, tornando-se tão raro esse genero que por algum tempo não poderão os sacerdotes celebrar o santo sacrificio da missa, não realisou-se o imposto creado pelo governador, e não deu-se começo a obra do encanamento.

Era Rodrigo de Miranda alto de estatura e magro de corpo. A boca rasgada,

o nariz adunco, os olhos azues e vivos, a barba espessa, os cabellos annelados e o rosto pallido formavão um typo que não era bello, mas atractivo e sympathico.

Usava calções de panno cor de canella golpeados de vermelho, gibão de seda da mesma côr com as abas e bolsos guarnecidos de debrum escarlate, collete de chamalote azul e que descia quasi aos vassios, meias de seda, sapatos com fivellas de prata e espada com bainha de velludo. Quando sahia á rua trazia preso aos hombros um capote tudesco forrado de azul claro.

Residia em um sobrado com sacada de madeira na rua do Governador, chamada tambem de Diogo de Brito e mais tarde da Alfandega.

Chegando á casa de Rodrigo de Miranda sahio Barbara da cadeirinha, apressada subio a escada, e correndo violentamente o reposteiro encarnado, que revestia a porta principal entrou ou antes precipitou-se na sala, e cahio aos pés do governador que, sentado em uma poltrona de couro lavrado com

encosto e marchetada de pregos amarellos, lia um papel apresentado ha pouco por um soldado.

Não pôde o governador reconhecer essa mulher envolta em uma capa de dô, e que ousara penetrar em seus aposentos sem ter se feito annunciar como era da etiqueta; extranhando seu proceder quiz levantar-se para mandal-a expulsar, mas deteve-se comovido com as lagrimas e soluços da infeliz.

— Que deseja, perguntou-lhe Rodrigo de Miranda afastando-a de si.

Convulsa de lagrimas, e suffocada pela dôr Barbara não podia fallar.

— Que queres, mulher, retorquio o governador em tom desabrido.

— Justiça, senhor, balbuciou Barbara.

— Fallai e a justiça de el-rei nosso senhor não faltará.

— Roubarão-me minha filha.

Informado do rapto de Helena e vendo a afflicção e angustia da mulher que fallava-lhe, comprehendeu o governador que

era ella a mãe da infeliz moça, mas para certificar-se perguntou-lhe.

— Sois D. Barbara da Silveira?

— Sim, meu senhor.

— E onde está a vossa filha, para onde levarão-na, já descobristes?

— Adivinhei, senhor, ou antes a piedosa Mãe do ceo revelou-m'o.

— E onde está?

— Em casa do ouvidor Paulo Pereira. E tendo pronunciado estas palavras cahio desfallecida no chão.

JOÃO DE ALMEIDA

Deixando o collegio de S. Vicente por  
ser mui pobre essa povoação veio de se-  
nhas estabelecer-se no Rio de Janeiro em  
1560, tendo por visador geral o padre  
Francisco de Azevedo; concedeu-lhes o go-  
vernador Mem de Sá terreno no morro de  
S. Sebastião para fundarem seu collegio e  
escola, e deu-lhes renda sufficiente para o  
sustento de cincoenta individuos. Em 1567  
levantaram os padres de Jesus junto ao edi-  
ficio do collegio a sua escola, a primeira  
abrigada na nascente cidade.

Para melhorarem instruir a povo, ad-  
quirir prestigio e angariar a affeição po-  
pular abriram os Jesuítas no seu collegio

## JOÃO DE ALMEIDA

Deixando o collegio de S. Vicente por ser mui pobre essa povoação vierão os jesuitas estabelecer-se no Rio de Janeiro em 1560, tendo por visitador geral o padre Ignacio de Azevedo; concedeu-lhes o governador Mem de Sá terreno no morro de S. Sebastião para fundarem seu collegio e igreja, e deu-lhes renda sufficiente para o sustento de cincoenta individuos. Em 1567 levantárão os padres de Jesus junto ao edificio do collegio a sua igreja, a primeira erguida na nascente cidade.

Para moralisar, instruir o povo, adquirir prestigio, e angariar a affeição popular abrirão os jesuitas no seu collegio

aulas gratuitas de primeiras letras, e doutrina christã, e mais tarde de grammatica, phylosophia, theologia e mathematicas, obrigando aos estudantes, que frequentavão-as a confessar-se mensalmente, a fazer penitencia em certos dias, a jejuar em outros, e a ouvir missa quotidianamente, preceitos que, admittidos por quasi toda a população, erão seguidos com perseverança pelos alumnos dos padres da companhia.

E era importante esse serviço de educar e instruir o povo, por não haverem aulas publicas ; os que não ião beber instrucção com aquelles padres não encontravão-a em outra parte ; era só dalli que resvalava alguma luz.

Se por esse ensino dado ao povo erão os jesuitas considerados superiores aos outros homens em intelligencia e saber, tratavão de elevar-se mais aos olhos da plebe cercandose de mysterios, propalando milagres e feitos prodigiosos praticados pelos filhos da ordem, mostrando-se asceticos em sua vida e em seus actos, e assumindo um pres-

tigio que dava-lhes decidida influencia nos negocios não só religiosos senão profanos. Acomulavão nos altares de sua igreja reliquias de santos martyres, como as de S. Macario , Santo Antonio , Santa Tecla , S. Fulgencio, S. Dionysio, S. Paulino, Santo Agapito, S. Mauricio, S. Theodoro, Santa Ursula e suas companheiras, Santo Olympio e S. Braz. (\*)

Prestando-se os jesuitas a todos os actos religiosos e especialmente á confissão cabião em seu regaço os segredos de todas as consciencias ; guiavão-se todos pelos conselhos dados em seu confissionario, ninguem lia qualquer livro sem consultal-os, nem tratava de qualquer negocio ou dispunha do menor objecto sem ouvir seu parecer. Aos que ouvião de confissão obrigavão a assistirem a missa na igreja do collegio, a commungarem, a darem conta das penitencias pres-

---

(\*) Nos Annaes do Rio de Janeiro ennumera Balthazar da Silva Lisboa essas reliquias conservadas na igreja dos jesuitas, no Rio de Janeiro.

criptas, a declararem que quotidianamente rezavam a ladainha e fazião amidados exames de consciencia, prometendo-lhes em troca disso continuas deprecações e indulgencias.

A influencia moral e religiosa que exercião sobre o povo tornava-os nimiamente respeitados, vivia a população sob sua obediencia, e a unica autoridade legitima que admittia era a da companhia de Santo Ignacio. E ai daquelle que mostrasse desdenhar sua protecção, não comprehendesse seu zelo ascetico, e não admittisse a sua influencia benefica e celestial; por qualquer falta era excommungado, sua alma destinada às chammas do inferno, e por fim uma accusação injusta levava-o ao tribunal do santo officio, onde esperava-o o supplicio do fogo precedido dessa cerimonia horrivel chamada auto de fé.

Naquelles tempos ennegrecidos pelo bafo da superstição era o raio da excommunhão uma arma terrivel; o desgraçado que soffria-o, não podia conviver com pessoa algu-

ma, todos evitavão-o, não dirigião-lhe a palavra, negavão-lhe o menor auxilio, e deixavão-o morrer a fome e sede; não consideravão-no ente humano porem um trasgo social, ou cão tihoso, cujo latir afastava os viandantes ou inflammava-lhes a ira. E não só o infeliz carregava o anathema da maldição porem tambem seus filhos, seus parentes, os objectos em que tocava ficavão interdicos, e afastados do trato social. Nem depois de morto havia commiserção do infeliz, seu cadaver não encontrava um lençol por mortalha, nem quatro palmos de terra por sepultura; arremessado aos abutres era por elles devorado em quanto a alma padecia nos infernos.

Essas idéas e preconceitos sociaes trazião todos sob o dominio dos jesuitas, considerados como os precursores da verdade, os escolhidos de Deus para guiarem os homens no mundo e abrir-lhes as portas no ceo.

Como todos deixava-se Barbara dominar pelo jesuita seu confessor que, alem das

orações e penitencias para cada dia, indicava-lhe o vestuario de que devia usar, o alimento quotidiano, o meio de empregar o dinheiro, as pessoas que devia receber em sua casa, as inclinações, os sentimentos que devia professar; era o confessor seu guia terrestre e espiritual e chamava-se João de Almeida.

Nascido em Londres, no reinado da rainha Isabel, tinha John Martin dez annos quando um mercador portuguez roubou-o para preserval-o na fé catholica; levado á igreja por seu protector recebeu na pia o nome de João (\*). Contava desoito annos quando chegou ao Rio de Janeiro acompanhado do mercador que, conhecendo as inclinações do seu pupillo, e desejando dar-lhe vantajosa carreira, admittio-o no collegio dos jesuitas desta cidade, do qual era provincial o padre José de Anchieta.

---

(\*) São vultos historicos este jesuita e José de Anchieta, e não afastamo-nos da verdade descrevendo-os nestas paginas.

Natural da ilha Tenerife, onde nascera em 1533, vestira Anchieta muito moço o habito negro da companhia de Jesus, creada um anno depois do seu nascimento por Ignacio de Loyola. Dedicando-se ao serviço de Deus abandonara a terra em que nascera, á seus pais, parentes e amigos, e viera propagar no novo mundo a religião do Crucificado, e por seus talentos, virtudes, pureza da alma, austeridade de vida e dedicação á egreja tornara-se aos vinte annos respeitado e venerado por todos. Foi um dos fundadores do collegio e egreja dos jesuitas no morro de S. Sebastião, e o instituidor do hospital da Mizericordia no Rio de Janeiro.

Os trabalhos, as fadigas, as vigalias, os rigores dos jejuns e das penitencias, as austeridades da vida abaterão-lhe cedo as forças do corpo mas não as do espirito; e, apezar de enfermo e debilitado se não esquivava aos trabalhos, ás disciplinas, aos cilícios e ás abstinencias.

Era Anchieta de estatura regular, magro,

trigueiro, de olhos azues, testa larga, nariz comprido e pouca barba, e, pela deslocação de uma das vertebrae em consequencia de uma queda, apresentava acurvado o corpo, o que emprestava-lhe na mocidade um ar de decrepitude e velhice.

Quando João de Almeida, que tomara esse appellido do seu protector, foi recebido na ordem dos jesuitas, contava o padre Anchieta mais de sessenta annos, e tinha o corpo mui abatido pelas fadigas, molestias e acerbidades de disciplina e sujeito á frequentes desmaios, durante os quaes esfregava-lhe o padre Almeida os pés com vinagre para reanimal-o e acordal-o desses deliquios; e alludindo a isso costumava dizer João de Almeida que se alguma virtude tinha nas mãos dos pés do mestre lh'a viera.

25 Ouvindo a voz enfraquecida mas cheia de unção do padre Anchieta, a relação de seus prodigios e milagres praticados em favor da humanidade, sentindo o fervor, a fé desse homem, cuja vida se consagrara inteira a Deus, vendo o corpo desse velho ferido e ensaguen-

tado pelos cilícios, respirando o bafo de santidade que todos encontravão nesse servo de Deus, e bebendo de seus lábios frios e tremulos pela idade, mas encandecidos pela fé e sanctificados pela verdade, doutrinas puras e santas, apezar de exaltadas e apregoadas de mistura com as superstições do tempo, procurou João de Almeida imita-lo, seguir suas pisadas e receber a virtude inoculada no corpo do apostolo sanctificado pelo martyrio e na alma inspirada por Deus.

Entregou-se aos maiores supplicios para mortificar a carne e purificar a alma, e por considerar o corpo o inimigo da alma, o barro inutil da criação, o involucro damnoso do espirito, tratou de puni-lo, flagellando-o com disciplinas de cordas, de tiras de couro e de arame. Collocava nos braços, pernas e coxas cilícios de arame, e um de sete cadeias em volta do tronco; tinha um collete de crina mui aspera guarnecido na parte interna de cruces com pontas agudas formando grossos rascadores, e trazia unido á carne esse cilício denominando-o o seu bom sacco.

Nunca enxotava as moscas e mosquitos que atormentavão-o, nem mudava de roupa mais de uma vez por semana quer fosse calmosa a estação, quer fizesse penoso exercicio ; quando viajava mettia por penitencia grãos de milho nos sapatos.

Trazia comsigo um papel escripto por seu punho no qual estava indicado o regimen de cada dia ; promettia não comer na segunda feira em honra da Santissima Trindade, trazendo junto ao corpo um dos cilicios: na terça feira devia jantar pão e agua: na quarta se não afastava da regra da companhia: na quinta guardava abstinencia em louvor e gloria do Espirito Santo, de Santo Ignacio de Loyola, dos apostolos e de todos os santos e santas; no sabbado jejuava em honra da Virgem Santissima, disciplinando-se e occupando-se em orações; ao domingo almoçava, jantava e ceava como fazião os de sua communidade. Nos jejuns de pão e agua comia uma só vez no dia.

Todos os dias rezava tres horas á Trindade, ao Santissimo Sacramento, ao Salvador e a

Virgem Maria, e dizia que repetia essas orações diante de um oratorio imaginario collocado no seu coração, e do qual fazia uso dia e noite, no lugar em que estivesse em terra ou no mar, no centro das povoações ou na solidão dos desertos; e tinha esse oratorio tres nichos, no do centro estava a Trindade, no da esquerda o Sacramento e no da direita a sacra Familia, Jesus Maria e José. Ajoelhava-se diante desse oratorio ideal, entoava suas orações e com os labios da alma beijava os pes de cada imagem, exclamando repetidas vezes: Gloria ao Pai, ao Filho, ao Espirito Santo e á Virgem Maria. Os continuos jejuns, as flagellações, os cilicios, as prolongadas penitencias extenuavão-lhe o corpo tornando-o tão abatido e fraco que as vezes nem podia erguer-se, nem ajoelhar-se, mas nem assim diminuia seu zelo religioso, ou modificava seu viver penitente e rigoroso, antes persistia em martyrisar o corpo julgando-o um cadaver corrupto, que atormentava-o e de que se envergonhava.

Alludiendo ao lugar do seu nascimento

collocavão ao retratarem-no de um lado a figura da Inglaterra e do outro a do Brasil com esta inscripção: Hinc Anglus — Hinc Angelus.

Era João de Almeida de estatura elevada, magro, de cor macilenta, olhos azues, cabellos louros e corredios.

Por sua vida ascetica tornara-se respeitado de todos, erão ouvidos e estimados os seus conselhos, e considerados efficazes para perigos e molestias as suas orações; o que sabia da sua nomina tinha-se por milagroso e santo; erão elle e Anchieta os jesuitas mais venerados. Todos desejavão te-lo por confessor, e os que vasavão-lhe no confessorio os segredos da alma, ião assistir á missa dita por elle ao romper da alva, ou pedir-lhe alguma oração ou reliquia para livra-los dos espiritos das trevas ou dos perigos terretres, referião-lhe tudo que acontecia na cidade, e por isso não havia segredo que lhe não fosse devassado, nem acontecimento. cuja noticia lhe não ferisse os ouvidos.

Era costume e preceito dos padres da companhia indagarem tudo, e João de Almeida perspicaz, vigilante e zeloso se não esquecia de seguir essa regra, não só por cumprir os estatutos da sua ordem senão por conservar a reputação de santo em que era tido; e em verdade não deixava de causar assombro e admiração a noticia anticipada de acontecimentos e segredos que se ouvia da sua boca.

Deixando a casa de Lourenço dirigio-se Barbara da Silveira ao collegio dos jesuitas para referir ao seu confessor o que acontecera a Helena, e pedir-lhe conselho e sua valiosa e benefica protecção; mas ao principiar a sua narração interrompera-a o jesuita, dizendo-lhe—

—Sei tudo.

E de feito relatou o facto como se o tivera presenciado, sem esquecer o menor incidente, nem a hora, o lugar, as pessoas que se achavão presentes, e acrescentou que por uma revelação divina sabia achar-se Helena em casa do ouvidor,; aproximando-

do-se ao ouvido de Barbara, disse-lhe baixinho :

—Ide á casa do senhor governador e revelai-lhe isso como se Nossa Senhora vos houvesse annuciado.

Surpresa, não duvidando um momento da revelação que seu confessor recebera do ceo, e commovida, sem poder articular uma palavra, beijou Barbara o habito do padre João de Almeida, e despedindo-se correu á casa do governador.

## O OUIDOR

A aflicção que sentira desde o desaparecimento de sua filha, o abalo que produzira-lhe a noticia revelada por João de Almeida, a anciedade de comunicar essa noticia ao governador para obter justiça, e a sensação de que se apossara ao entrar em casa de Rodrigo de Miranda abatêrão as forças de Barbara da Silveira, que havendo dito o que divulgara-lhe João de Almeida, cahio desfallecida junto á poltrona do governador.

Suprema era a dor do seu coração ; e compungia ver-se essa pobre mulher ha pouco afflcta, acabrunhada, sem repouso, nem sustento, vagando em procura da filha que havia-o-lhe arrebatado, indagando onde havião-

na occulto, e agora desfallecida pela vigilia, pelo tormento, pelas sensações e martyrios que opprimão o seu coração de mãe.

Sustendo-a chamou o governador por um dos seus famulos, e collocando-a em uma das poltronas de couro, que mobiliavão a sala, afastou-lhe do rosto a capa de dô, mandou abrir as rotulas das janellas para facilitar a ventilação, e ordenou fossem buscar o licenciado; mas no fim de alguns instantes Barbara recuperou os sentidos, e logo que pôde fallar disse a Rodrigo de Miranda.

— Ser-me-ha restituída a minha filha, senhor governador.

— Certo que sim se estiver aonde desteses.

— E quando, senhor.

— Providenciarei promptamente, pois exige a moralidade publica a immediata e severa punição do culpado.

— Sim, pela Virgem do céu, nossa mãe, apressai-vos, senhor, desejo tornar a ver minha filha, beijar-lhe o rosto, apalpar-lhe os cabellos, as faces, aperta-la junto ao meu

seio, ve-la viva, olhando para mim, abraçando-me e misturando suas lagrimas com as lagrimas de sua mãe.

Barbara estava debulhada em pranto.

— Socegai ; a justiça de el-rei nosso senhor protege os innocentes e não poupa aos culpados, ide e prometto restituir-vos a vossa filha se ella estiver em casa de Paulo Pereira, cujo castigo será rigoroso e exemplar.

Levantando-se com difficuldade beijou Barbara a mão do governador, desceu vagarosamente a escada, e entrando em sua cadeirinha voltou para casa murmurando seus labios orações ardentes, em quanto nos olhos resu-mavão lagrimas sentidas.

Quem encarasse o semblaute de Rodrigo de Miranda ao revelar-lhe Barbara a noticia de achar-se Helena em casa de Paulo Pereira, viria um sorriso mover-lhe os labios e um indicio de satisfação abrir-lhe o semblante ; mas foi rapida essa expansão ; o desfallecimento de Barbara veio distrair e apagar repentinamente o pensamento occulto nesse mover de labios.

Ficára Rodrigo de Miranda satisfeito por saber o nome do autor do attentado, cuja sensação fóra geral na cidade, ou odiando a Paulo Pereira comprazera-se em ter occasião de vingar-se do seu inimigo? Não queremos fazer injustiça ao magistrado, nem tambem occultar os sentimentos do coração humano. Appreciou Rodrigo a noticia não só por abrir-lhe occasião de patentear seu zelo pela moralidade publica, como de vingar-se de um amigo ingrato.

Occupara Paulo Pereira o cargo de depositario do cofre publico da cidade da Bahia, no que se não mostrara nem zeloso, nem probó.

Era uso naquelles tempos guardar-se o cofre publico em casa de um particular chamado depositario, cuja residencia transformava-se em erario da cidade. Esse systema prejudicial á nação e aos particulares, tornava facil o descaminho de sommas consideraveis, frequentes os roubos e amiudadas as fraudes; não havia methodo, nem regularidade nas sommas depositadas; fazia o deposi-

tario girar o dinheiro do cofre em proveito seu sem garantia e segurança para o Estado e para os particulares, e se não tinha zelo, probidade, esculpulo, nem cuidado defraudava a nação e aos individuos.

Durante a administração de Paulo Pereira soffreu o cofre perdas sensiveis, houve falta de valiosa quantia o que obrigou o depositario a reccorrer aos amigos para isentar-se das penas da lei, e entre os que soccorrêrão-no foi Rodrigo de Miranda, então cabo militar da praça da Bahia, o mais prompto e generoso. Mas noneado ouvidor do Rio de Janeiro, esqueceu-se o ex-depositario do favor prestado por seu amigo, não restituiu-lhe a quantia emprestada, nem patenteou-lhe gratidão. Fez mais. Unindo-se com Lourenço de Mendonça começou a entremetter-se em negocios extranhos á sua alçada.

Entrára Lourenço com mão aberta na jurisdicção civil; mandava visitar os navios que busecavão o porto e indagar de onde vinhão, o numero de seus passageiros e de sua tripulação, o genero e quantidade das mercado-

rias, e nessa usurpação de direitos alheios acompanhava-o o ouvidor Paulo Pereira, arrastado pela ambição, pelo desejo insaciavel de alcançar lucros avantajados.

Havia nesse homem um sentimento dominante, a ambição, a sede do ouro, febre continua, persistente que tornava-o ingrato, máo, venal e corrupto; para obter dinheiro se não embaraçava em defraudar a fazenda publica, malbaratar as quantias confiadas á sua guarda, violar a lei e renegar os amigos.

Homem digno e probó irritara-se Rodrigo de Miranda contra o proceder de Paulo Pereira no Rio de Janeiro, e se não o culpara fôra por não pensar-se ser vingança do procedimento ingrato do ex-depositario para com elle na cidade da Bahia; mas, achando-se o ouvidor accusado de crime de raptó, regosijou-se o governador por ter occasião de vingar-se da perfidia e má fé desse homem. E naquelles tempos de simpleza de costumes julgava-se attentado horrivel o ultraje contra a honra e segurança das familias; soffrião penas rigorosas os que offendião á

moral publica ou penetravão no lar domestico para manchar a reputação das familias.

Erão punidas com o degredo a sodomia, alcovitaria, mollicie, abraçar e beijar, dar casa para couto, vender qualquer homem ou moço alfelôas e obreias que era do officio de mulheres, adivinhar, deitar cartas, vêr em agua, espelho ou crystal para encontrar fortuna, servir-se e ensinar feitiçarias, e outros delictos semelhantes.

Pesada e atróz applicava a legislação do tempo penas rigorosas, infamantes e quasi sempre superiores aos delictos; era illimitada a alçada da justiça e inexoravel a espada da lei.

Raptando a filha de Barbara incorrera Paulo Pereira em pena de degredo, e como se não bastara isso para ser-lhe applicada a sentença da lei, aconteceu chegar no mesmo dia, em que Barbara fizera a revelação ao governador, a frota do reino, que havendo tocado na Bahia por ser alli a sede do governo, trouxera do conde de Miranda officios

para o governador do Rio de Janeiro, em que se lhe ordenara a prisão immediata de Paulo Pereira, e sua remessa á Bahia onde devia soffrer processo por descaminho e defraudo de dinheiros de particulares; pois o ex-depositario não só delapidara os dinheiros publicos como os dos particulares confiados á sua guarda, pelo que dirigirão diversos individuos petição de recurso ao governador geral Diogo Luiz de Oliveira, conde de Miranda, implorando-lhe justiça contra o ex-depositario, e provada por sentença judiciaria a criminalidade de Paulo Pereira ordenou o governador geral a prisão do delinquente fraudador.

Recebendo a ordem do conde de Miranda tratou Rodrigo de Miranda de executa-la immediatamente; mandou preparar o seu cavallo e seguido de seus ajudantes de ordens, dirigio-se á casa do regedor da justiça com o qual teve larga conferencia.

Na noite desse mesmo dia era cercada a casa de Paulo Pereira, e penetrando nella os soldados não encontrãõ viva alma.

O desaparecimento de Helena que tanta sensação produzira, e logo após o cerco á casa do ouvidor fizeram crer que Paulo Pereira não era extranho áquelle factó, e não havendo sido encontrados nem a filha de Barbara nem o ouvidor, mais capacitado ficou o povo da criminalidade desse magistrado, e desde então foi voz geral na cidade que fugira a filha de Barbara com o ouvidor Paulo Pereira.

Mas como soubera o jesuita João de Almeida que achara-se a filha de Barbara em casa do ouvidor !

Tinha Paulo Pereira uma creada chamada Anna das Mercês, cujo guia temporal e espiritual era aquelle jesuita. Anna referia-lhe tudo e obedecia-o cegamente.

Tendo ido á missa no dia seguinte áquelle em que Helena chegara á casa do ouvidor, vio o jesuita João de Almeida atravessar a igreja, chamou-o e disse-lhe.

— Saiba vossa caridade que tenho uma nova a revelar-lhe.

— Qual !

— A filha de Barbara da Silveira acha-se em casa do senhor ouvidor!

— Como!

— Eu conto a vossa caridade tudo, mas vamos para alli que é lugar mais retirado.

O jesuita acompanhou a devota, que dirigio-se para um dos extremos da igreja por debaixo do côro, e alli referio-lhe estendidamente o acontecimento como o ouvira da propria Helena. Ao terminar disse-lhe João de Almeida.

— Agora não boquejae no caso, eu vos peço.

— Vossa caridade ordena.

A devota beijou a mão do jesuita e sahio.

Ao atravessar de novo a igreja cruzou João de Almeida os braços, abaixou a cabeça e com voz sentida murmurou:

— O ouvidor, o ouvidor!

— Entrando na cella sentou-se, encostou a cabeça ás mãos e ficou silencioso.

## XII.

## O JURAMENTO

Foi prompto e rapido o restabelecimento de Henrique, viera o licenciado, approvara o que fizera o Antonio das Canoas, receitara novas applicações e em pouco tempo vira entrar o doente em convalescença.

Tivera Henrique noticia da frustrada deligencia de Rodrigo de Miranda para apresionar o ouvidor indigitado como autor do rpto da filha de Barbara, e, não havendo sido encontrados nem o seductor nem a victima, começou elle a suspeitar de sua noiva. Mas lhe não dizia o coração que Helena o amava, não percebera no

olhar, no palpitar do seio o amor que enchia-lhe o peito, não devia essa moça jurar-lhe breve e voluntariamente amor eterno perante os altares; porque havia de illudi-lo! Essas idéas constringião-no e abatião-lhe a alma; porem, pensava tambem elle, se Helena lhe fôra infiel, se voluntariamente deixara á casa paterna porque partira-lhe do peito esse grito agudo que ferira os ouvidos de sua mãe; não era mais provavel ter sido essa moça surpreendida, atraçoada e violentamente arrebatada do lar paterno!

E os assassinos que havião-no atacado, seriam enviados pelo ouvidor, ou não!

Julgara Henrique que não; sabia, como todos os habitantes da cidade, em que aquelles homens se empregavão, que acommettião de noite aos viandantes para arrancar-lhes a bolsa e tambem a vida. Exigirão-lhe o dinheiro que trazia, e como se oppuzera apontarão-lhe os punhaes; ninguém os guiara áquelle crime; tinham-no acommettido porque erão ladrões, pensara

o filho de Crispim. E assim como soffrera esse ataque inesperado tambem a filha de Barbara fora victima de uma traição; tihão-na arrastado do lar paterno, retirando-a violentamente do lado de sua mãe, com quem estivera a orar com fervorosa devoção diante da imagem que salvara seu pai em dia de tempestade da acção fulminante do raio. Helena lhe não podia ser perjura, elle sentira-lhe no olhar, no arfar do seio apertado pelo ju-telho que era correspondido. Na igreja mais de uma vez orarão juntos, e ao levantarem-se disserão seus olhos o que os corações de ambos querião descobrir; ao atravessar á rua em que ella residia, vira-a anhelante esperando-o e seguindo-o com o olhar. Helena lhe não podia ser perjura.

Essas reflexões tranquillizarão-lhe um pouco a alma e o coração, e pelo amor que consagrava a essa moça, e pelo dever de vinga-la, pois breve devera ser sua esposa, esperando unicamente a licença já impetrada de el-rei nosso senhor para celebrar-se o

casamento, levá-lo a indagar onde estaria Helena, a pedir a Barbara que lhe referisse o que soubesse, a implorar o auxilio de João de Almeida, e a aprestar-se a todas as diligencias de que o governador encarregava-o para descobrir o autor ou autores da violencia praticada contra a sua infeliz noiva.

Achando-se um dia ajoelhado na ermida de S. José a supplicar ao céo que o guiasse ao lugar em que havião occultado a sua infeliz noiva, sentio no hombro uma pequena pancada, e voltando-se vio junto a si uma velha envolvida em uma mantilha preta.

— Sofreis muito, senhor Henrique, disse-lhe a velha, mas, tende fé na Virgem Santissima que D. Helena ha de apparecer.

— Helena, exclamou Henrique como se despertara nesse momento.

— Sim, D. Helena vive, e sei....

— Que sabeis?

— Fallai baixinho pois estamos na casa de Deus Nosso Senhor.

— Dizei e dar-vos-hei esta bolsa cheia de moedas, e apresentou á velha uma bolsa que tirou da vestia,

— Guardai o vosso dinheiro; sabe Deus Nosso Senhor as minhas necessidades, mas tambem não ignora que o interesse me não trouxe aqui.

— Perdão se vos offendi.

— Não: conheço o vosso bom coração, igual ao da vossa mãe que Deus a conserve em sua eterna gloria, mas acompanhai-me; a casa de Nosso Senhor Jesus Christo é para a oração e não para confidencias.

Henrique seguiu á velha sem pronunciar nem mais uma palavra.

Erguia-se a ermida de S. José na rua da Misericordia proxima ao mar, cujas ondas vinhão quebrar-se junto ás paredes da capella-mór.

Levantara esse sanctuario, antes do anno 1633, o ermitão Egas Muniz, homem pobre que, levado de zelo religioso e ajudado pelos fieis, começara a obra com paredes de pedra e cal, mas por escassearem-lhe

os recursos fizera as outras paredes de taipa, e erguera ao lado esquerdo um campanario de madeira, do qual recebeu a velha, que alli começava e ia ter ao mar, o nome de becco da Torre. Nesse becco residia a velha que interrompera a oração de Henrique.

Chegando defronte de uma casa baixa, antiga, cujo aspecto patenteava a miséria infima, que alli havia, parou a velha, e bateu na rotula carunchosa e pintada de vermelho, uma escrava veio abri-la; a dona da casa e Henrique entrãrão em uma sala cujo pavimento era chão e o tecto de telha vã. Havia neste tugurio uma banca tosea, dous escabellos rasos, e uma mesa onde achava-se um oratorio alumiado por um candieiro de azeite. Apresentando um dos escabellos a Henrique sentou-se a velha na banca.

Chamava-se essa mulher Escolastica, e vivia de esmolas; era alta de estatura, magra, com a pelle do rosto rugosa e com essa côr baça e pallida que a velhice imprime á epiderme.

Sabia ao amanhecer de casa á tirar esmo-  
las, e ia depois para a ermida de S. José  
ou para outra qualquer igreja, onde passava  
o dia quasi todo desenhando em um grande  
rosario e indagando o que acontecia.

Sabia como a mãe Brigida curar de fei-  
tiços e máos olhados, e para isso tinha  
grande copia de figas, bentinhos, meias  
luas, signos de Salomão, palmas bentas,  
alecrim, arruda, e medidas de todos os  
santos e santas do céo.

Erão naquelles tempos de crença e devo-  
ção veneradas pelo povo essas velhas beatas,  
que passavão os dias nas igrejas a entoar  
ladainhas, a assistir ás via-sacras, a rezar o  
terço, a benzer, curar de achaques novos  
e velhos, afastar o espirito máo dos corpos  
dos viventes, exorcitar, livrar as creanças  
de máos olhados e a ensinar orações e  
fornecer figas e breves para livrar os mor-  
taes de males presentes e futuros, terres-  
tres e celestes.

Erão consultadas por todos; quando qual-  
quer sentia-se doente, receava-se do espi-

rito máo no corpo, experimentava algum transtorno, temia-se de alguma desgraça, via fugir de casa o escravo ou desapparecer qualquer objecto corria ao albergue das velhas de mantilha, e em troca de alguns vintens recebia o breve, a figa, ou aprendia alguma oração, remedios tidos sempre por seguros e infalliveis.

A tia Escolastica entendia de tudo; era a melhor mezinheira e rezadora da cidade; não havia achaque por mais inveterado que resistisse aos seus breves e figas, infalliveis contra as tribulações, enfermidades e os espiritos malignos. Alem disso ninguem fazia melhor um crivo, nem fiava com mais perfeição, e erão tão vastos seus conhecimentos que por elles recebera do povo a alcunha de—Sete Sciencias.

Sentada defronte de Henrique rompeu a velha o silencio, dizendo:

— Sei onde está a senhora D. Helena

— Dizei e dar-vos-hei o que quizerdes.

De novo Henrique apresentou a velha a bolsa cheia de dobras de ouro.

— Guardai o vosso dinheiro, redarguiu Escolastica, sou pobre, mas rejeito a vossa esmola. Os pobres tambem podem fazer favores, senhor Henrique.

— Perdão, tia Escolastica.

— Tranquillizai-vos; sei as dores que pesão sobre o vosso coração, porque tambem já fui moça, amei, experimentei as paixões e soffri, mas a santissima Mãe de Jesus me perdoe e a quem está lá no céu. Estou velha; a mocidade levou-me tudo, belleza, amor, felicidades e esperanças; hoje só peço a Deus me conceda mais alguns dias de vida para orar por minha alma peccadora e pelas almas de ontros peccadores como eu. Sou pobre e muitas vezes tendes deitado esmolos nestas mãos mirradas pela pobreza e pelos annos; não foi pois por suberba que rejeitei o vosso dinheiro. Nossa Senhora nos ouve. Mas a velha Escolastica deseja prestar um serviço ao filho da sua antiga devota.

— Ah que santa mulher era a vossa mãe, a minha melhor amiga e mais desvelada pro-

Romance.

tectora. Quando batia á porta da sua casa, ou encontrando-a estendia-lhe a mão via cabir entre os meus dedos uma moeda; quando ouvia-me alguma queixa, percebia-me algum gemido, ou sentia uma lagrima banhar-me a face, apertava-me a mão e nella deixava-me uma esmola; quando o frio enregelava-me os membros, ou prostava-me a fadiga, a molestia, ou a miseria via entrar nesta casa em que estamos uma mulher ou um anjo, e deitar naquella mesa, junto áquella imagem, uma esmola, e essa mulher ou esse anjo era a vossa mãe. Coitada, assisti ao seu ultimo suspiro, e nesse momento de tanta dor para ella e para mim pedio-me repetisse em minhas orações o seu nome, prometti-lhe, e a Virgem Santissima sabe se tenho cumprido a minha promessa.

— Minha mãe.

— Perdoai se a pobre velha amargura o vosso coração, cujo soffrimento è já tão profundo, mas devia declarar-vos o motivo pelo qual não recebi o vosso dinheiro. Em

gratidão á memoria de vossa mãe desejo prestar-vos um serviço, e não queria que julgasseis ter sido arrastada pelo interesse.

— Obrigado, tia Escolastica; mas onde está Helena?

— Direi com uma condição.

— Qual?

— De jurardes antes não offender ao homem em cuja casa encontrardes a D. Helena; nem dar-vos a conhecer senão a vossa noiva.

— Ah, não vingar-me desse homem, poupar-lhe a vida, deixal-o no gozo da felicidade para, escarnecendo de mim, dizer-me em face: És um covarde, roubei-te honra e felicidade e não ousaste tomar vingança. Ah é impossível.

— Não exigo o esquecimento da vingança, peço só que, penetrando guiado por mim na casa em que estiver a filha de Barbara, se não levante o vosso braço contra ninguém.

— Mas, verei e fallarei a Helena.

— Sim.

— Pois juro, exclameu Henrique levantando-se e tambem a velha Escolastica.

— Posso agora revelar-vos o meu segredo, redarguiu a velha sentando-se. A vossa noiva está em casa de Lourenço de Mendonça.

Causarão estas palavras profunda sensação em Henrique, que não só por sua educação religiosa tributava consideração e respeito a Lourenço, como o não julgara capaz de acção tão ignobil. Quiz crer a principio que a velha illudira-o, mas a exigencia do juramento mostrava-lhe a gravidade e certeza da revelação; todavia animou-se em perguntar.

— E tendes certeza disso, tia Escolastica?

— Sim, meu filho, assim como de morrer nesta terra em que nasci na paz e religião de Nosso Senhor Jesus Christo.

— Ah, não devera ter feito o juramento, murmurou Henrique no ardor do ciume e da vingança.

— Mas, meu filho, não desejais ver a vossa noiva?

— E foi por amor de vel-a que fiz esse sacrificio á minha honra ; o coração obrigou-me a jurar, e cumprirei o meu voto, mas minha vindicta será tanto mais terrivel quanto mais tarde fôr satisfeita. E como penetrarei em casa de Lourenço ?

— Escutai-me. Vou todos os dias á casa do prelado levar-lhe noticia do que ocorre na cidade, recebendo em recompensa desse serviço, que executo como posso, uma pequena esmola. Vêde que grata devo ser a Lourenço e não o guia do inimigo á sua casa, eis porque exigi o juramento. Sois quasi da minha altura e envolto nesta mantilha, com este véo. . .

— Percebo, e quando costumais a visitar a casa do prelado?

— A' hora das Trindades.

— Pois hoje estarei aqui pouco antes.

— E vestireis a minha roupa, e depois do disfarce ireis á casa de Lourenço onde entro sem bater, e sem annunciar-me. Hoje áquella hora elle não está em casa, e assim. . .

— Fallarei mais livremente com Helena, e pedir-lhe-hei me conte tudo ; mas se Lourenço chegar ?

— Comprimentai-o, e se perguntar-vos se tendes que dar qualquer noticia, dizei-lhe não, meu senhor. Assim procedo as vezes poucas é certo.

— Obrigado, tia Escolastica, e até á hora das Trindades.

— Mas jurai pela imagem que vedes naquelle oratorio, cumprir o que dissestes.

Henrique e a velha levantáráo-se, e o moço curvando um joelho, e volvendo os olhos para o oratorio disse em som grave e pausado.

— Juro.

E logo depois despedio-se da tia Escolastica, tremulo e commovido.

XIII

IDYLLIO DE AMOR

Pouco antes de annunciar o sino a hora das Trindades bateu Henrique á porta da casa da tia Escolastica que já o esperava; recebendo-o com agrado indicou-lhe o quarto onde estava a roupa do disfarce, e no fim de alguns instantes appareceu o moço transformado em mulher de saia e mantilha.

Quem o visse vestido de saia de sarja preta envolto em uma capa de baeta da mesma cor, que só deixava exposto o nariz pequeno e afilado, tendo o corpo acurvado e em uma das mãos um comprido e grosso rosario, o tomaria pela tia Escolastica, ou por outra qualquer mulher de mantilha, pois muitas havia na cidade.

A tia Escolastica abaixou um pouco o grande pente que suspendia a mantilha, alisou uma ou outra dobra da saia, e, depois de encarar o moço disse satisfeita :

— Nossa Senhora me valha; eu mesma o tomaria por mim.

Chegando á casa do prelado levantou Henrique o ferrolho da rotula, abriu-a e seguindo pelo corredor vio-se em uma sala no extremo da casa, alumada pela luz frouxa e amortecida de um candieiro de azeite.

— Deus Nosso Senhor seja nesta casa, disse o moço imitando a voz da velha Escolastica.

— Entrae, retorquio uma voz fraca e difficil de ouvir-se.

A supposta velha entrou, e sentou-se em uma cadeira de pão santo junto á um estrado de madeira, onde estava sentada uma moça.

Henrique reconheceu logo a sua noiva.

— Como passou o dia, minha boa senhora, perguntou o moço.

— Como paixão os infelizes; a gemer e a chorar.

Ao ouvir estas palavras o moço estremeceu, quiz dar-se a conhecer porem conteve-se

— O senhor D: Lourenço está em casa?

— Não, tia Escolastica, respondeu Helena.

Erguendo-se e approximando-se da sua noiva vio-lhe Henrique o rosto pallido e desfigurado, os olhos abatidos e inflamados, a dor e tristeza do semblante, e comprehendeu o soffrimento que comprimia-lhe o coração; pesaroso quiz patentear-se á sua amada, mas podia Lourenço chegar, e ainda lhe não referira Helena como havião-na arrebatado do lado de sua mãe, e como se achava naquella casa; conteve-se pois, e sentou-se, ou antes deixou-se cahir sentado na cadeira.

— Ah, tia Escolastica, disse Helena enxugando as lagrimas que resumavão-lhe nos olhos, tenho soffrido muito, cada dia é para mim um martyrio, e cada hora me traz um novo tormento; estou desanimada,

e me julgo abandonada de todos, até dessa religião pura e santa que minha mãe ensinou-me desde o berço, das orações que desde menina ajudava-me a repetir, e dessa imagem da Virgem, cujo nicho todos os dias recebia as flores mais lindas e mimosas colhidas por mim, tudo abandonou-me tia Escolastica, tudo.

— Não falleis assim; Deus Nosso Senhor não desampara a ninguém, é pai de misericórdia, pai dos infelizes, e talvez breve...

— Que dizeis....

Dessa vez Henrique quasi afastou a capa, em que se envolvia, para revelar-se á sua amada, mas, detendo-se, acrescentou:

— Talvez breve terminem os vossos sofrimentos.

— Sim com a morte; mas os infelizes custão tanto a morrer.

Helena chorava amargamente.

— Tranquillizai-vos e tende fé na Providencia; mas dizei-me como viestes para esta casa. Perdoai-me, faço-vos essa pergunta porque vossa sorte interessa-me..

— Conheço quanto é bom o vosso coração. Escutai-me. Era uma sexta feira, e voltava eu da ermida, onde assistira ao terço, orara por meu pai e pedira a Virgem Nossa Senhora me amparasse e protegesse; a noite estava escura e o céu annunciava chuva, pelo que, deixando todos atrás de mim, corri adiante, alegre e risonha, com muita esperança no coração e na alma muita fé, por haver dirigido ao céu supplicas fervorosas, mas repentinamente vi-me detida por dous vultos, dei um grito, elles taparão-me a boca, atarão-me os braços e carregarão-me.

— Malvados.

— Julguei-me arrebatada por demonios; o céu trovejava e a chuva começava a regar a terra. Depois de algum tempo pararão os que me conduzião, e, collocando-me em uma cadeirinha, ouvi dizer.

— Para a casa do ouvidor. Ao sahir da cadeirinha fui arrastada para um aposento onde não havia luz; tirarão-me a mordaga e os atilhos dos braços; quiz gritar, mas

era inutil; quem veria soccorrer-me áquella hora; além do que o vento, a chuva e os trovões abafariam a minha voz. Ajoelhei-me e comecei a orar. No fim de alguns instantes vi entrar no meu aposento um individuo trazendo um castiçal de prata com vela. Reconheci-o, era o ouvidor. Fallou-me com agrado e ternura, declarou-me que arrastado pela paixão arrebatara-me da companhia de minha mãe para esposar-me e tornar-me feliz, e a elle também — Hipocrita!

— Eu chorava amargamente e nem sabia que responder-lhe; continuou elle a consolar-me, e declarou que breve seria o nosso casamento; então o amor que guardo em meu peito como um culto sagrado, deu-me alento e emprestou-me expressões; disse-lhe que jamais seria sua esposa, porque amava a outro homem a quem dedicara meu coração, minha alma e minha vida.

Produzirão estas palavras viva impressão em Henrique que sentio um sobresalto, e quasi cahio nos braços de sua noiva.

— O ouvidor retirou-se, proseguio Helena, mas no dia seguinte tornou ao meu quarto, e quiz convencer-me que era inutil a minha resistencia, que se o esposasse teria posição na sociedade, mas se o não fizesse, macularia a minha honra, seria repellida pelo mundo e por meu noivo que me não receberia mais por esposa; mas respondi-lhe que supportaria tudo, que se o mundo me repellisse o claustro abria-me as portas, se meu noivo me desprezasse o ceo amparar-me-hia. Nesse dia e no seguinte não o vi mais, o que tranquillizou-me por ver que me deixavão em meu retiro; mas ao anoitecer vi entrar no aposento em que estava uma mulher, a mesma que me trouxera o alimento nos dias antecedentes, e a quem referira tudo que me acontecera; era a criada do ouvidor, Anna das Mercês, pobre mulher que mais de uma vez procurara consolar-me. Ella disse-me:

— Deveis partir já?

— Para onde? perguntei-lhe eu.

— Não sei, esta casa vai ser cercada,

acrescentou ella, veio ordem do governador geral para prender-se o ouvidor que já refugiou-se.

— E vós, interrompi-lhe.

— Vou para a casa de uma conhecida proximo a fazenda dos jesuitas, no Engenho-Velho.

— Irei com vosco, disse-lhe eu.

— Não é possível.

— Então ficarei aqui, redargui-lhe.

— Tambem não, a justiça de el-rei nosso senhor vae cercar esta casa, e quereis tornar publica aos esbirros e granadeiros a vossa desgraça?

— Eu estava perplexa, não sabia o que fazer. Nisto batêrão á porta, Anna chegou á janella para ver quem era, voltando-se disse-me:

— E' a cadeirinha, parti talvez a felicidade vos acompanhe, acrescentou ella,

— Que fazer; á ficar expor-me-hia aos olhos curiosos dos esbirros da justiça que ião cercar á casa de Paulo Pereira; resolvi pois entregar-me ao destino, e, despedindo-me

de Anna das Mercês, entrei na liteira sem saber para onde ia.

— Comecei a orar ; os que conduzião-me parárão em frente á porta desta casa, entrei e vi diante de mim o prelado, fiquei pallida e tremula : reconhecendo a minha emoção disse-me elle,

— Socegae, vos não desejo fazer mal, e mais generoso que vós quero pagar o vosso odio para commigo elevando-vos na sociedade, dando-vos por esposo o ouvidor.

— Nunca, exclamei indignada.

— Acalmai-vos, e depois resolveis melhor, acrescentou elle sorrindo e retirou-se.

— Lancei-lhe um olhar de desprezo e debulhada em pranto sentei-me ou antes deixei-me cahir em uma cadeira. Desde então maior tem sido o meu soffrimento, por que se desprezo a Paulo Pereira odeio a Lourenço, o autor de meus males e infortunios, que alastou-me de minha mãe e de meu noivo, pois acredito que foi elle quem arrastou o ouvidor, quem atçou-lhe a co-

biça para leval-o a praticar o que commetteu. Helena chorava.

— E ainda amais a esse moço que devia ser o vosso noivo, perguntou a fingida veija com a voz assás tremula.

— Sim, como o amei no primeiro dia em que o vi, e como jurei amal-o sempre. Não sabeis, tia Escolastica, que o primeiro amor é uma legenda que se grava no coração, é um sentimento que se identifica com a alma; se na mocidade o vosso coração amou elle já vos terá dito isso, não é assim!

— Ah, exclamou Henrique afastando a mantilha em que se envolvia, eu tambem vos amo,

Helena deu um grito agudissimo e ficou como petrificada, mas serenado o abalo que experimentara, redarguiu levantando-se:

— Vós aqui, como podestes descobrir-me, fugi, Lourenço pode vir e...

— Não, retorquiu Henrique ajoelhando-se e cobrindo de beijos as mãos de Helena, daqui sahiremos juntos para ir vivermos lon-

ge, bem longe de todos. Ah, não sabeis que sofrimentos tem traspassado meu coração, e que dores magoadó a minha alma. Eu que vos consagrara minha vida, que sonhara com vosco todas as venturas, que em vós depositara todas as esperanças de uma felicidade futura senti dôres profundas, sorvi a tragos o calix da amargura quando fostes victima da desgraça que vos arrebatou á vossa mãi, e por momentos quiz crer-vos infiel.

— Fostes injusto, Henrique, não soubestes ler no coração da mulher que jurou amarvos sempre, que insensivel a quanto lhe não fallava desse amor vivia por vós, que fez do seu amor a esperança e consolação da sua vida, e em seus dias de infortunio, foi elle o escudo da sua honra e o manto da sua defeza.

— E' certo, Helena, fui injusto e máo, mas aqui estou a vossos pês supplicando-vos perdão e entregando-vos minha alma; vinde, partamos e para nós se abrirá um céu de esperanças e venturas.

— Partamos Henrique, exclamou Helena aproximando-se do seu noivo, vamos longe de todos gozar as delicias ineffaveis de um amor, alma de dous corações e vida de duas almas.

— Sim, mas...

— Mas se Lourenço chegar o repellireis, não é assim; não deixar-me-heis entregue a um homem que abomino sobre todos!

— Ah, e o juramento que fiz de não offende-lo, de não dar-me a conhecer para não perder a infeliz velha, que facilitou-me a entrada nesta casa!

— Pois bem, partamos já enquanto elle não chega, assim cumprireis o vosso juramento. Mas quando os dous jovens começavão a dar os primeiros passos no corredor sentirão abrir a rotula; recuárão ambos, e quasi ao mesmo tempo disserão em voz sentida e abafada.

— E' elle!

Henrique envolveu-se apressadamente na mantilha, sentou-se, tomou entre os dedos o rosario, e fingio balbuciar uma

oração. Helena sentou-se quasi desfallecida no estrado.

— Ao entrar na sala disse Lourenço de Mendonça.

— Deus seja comvosco.

— Amem, e tambem com vossa caridade, redarguiu Henrique fazendo uma ligeira cortezia.

— Como vos achaes, perguntou elle a Helena.

A moça não respondeu. Voltando-se para a velha acrescentou Lourenço.

— Que ha de novo ?

— Nada, meu senhor, retorquiu Henrique imitando a voz da velha Escolastica.

Era immensa a anciedade, o desespero, as paixões que tumultuavão-lhe no coração : desejava levantar-se, apresentar-se diante de Lourenço esmaga-lo e arrebatá-lo e libertar sua noiva, mas lembrava-se do seu juramento ; ardendo em odio, pletorico de vingança anciava por lançar-se sobre esse homem, autor de seus infortunios, e de sua noiva,

mas detinha-o o juramento feito; mais de uma vez tentou erguer-se e precipitar-se sobre Lourenço, porém diante de si via uma velha livida e tremula pedindo-lhe que a poupasse, e repetindo-lhe com voz surda e rouca o seu juramento. Era a luta do coração e da razão, do amor e da fé, e essa luta produziu-lhe um tremor nervoso em todo o corpo.

Reconhecendo o abalo, a commoção que experimentava seu amante, vendo-lhe os olhos chammejarem, e cobrir-lhe o rosto a pallidez da morte receou Helena que elle pudesse comprometter a velha Escolastica, e para anima-lo a cumprir o que jurara, levantou-se e disse-lhe em voz mui baixa.

— Lembrai-vos do vosso juramento.

Lourenço retirara-se para o aposento visinho.

Henrique soltou um suspiro profundo e agudo, que repercutio no coração de sua noiva, e levantando-se disse-lhe em voz abafada e cortada de lagrimas.

— Tende esperança e fé em Deus.

E sahio rapidamente.

Helena cahio desfallecida e debulhada em pranto.

ARTO IV

Relatos Henrique de casa do prelado com  
o coração apertado de dor e sem o alívio  
dever de virgins; no primeiro arren-  
do-se de haver cumprido o juramento,  
mas ao referir a facciosa como proce-  
deria quanto sofrer, das fúrias dolorosa  
sustentava seu coração e vendo as larmas  
de gratidão lavarem o rosto da pobre veia,  
e as mãos tremulas atterecerem em  
nome de sua mãe, sentiu na alma alguma  
consolção, lembrando que se entenda no  
peito quando se lembra das palavras e  
dever.

## A CRUZ

Retirou Henrique da casa do prelado com o coração oppresso de dor, e com o ardente desejo de vingar-se; ao principio arrependeu-se de haver cumprido o juramento, mas, ao referir a Escolastica como procedera, quanto soffrera, que luta dolorosa sustentara seu coração, e vendo as lagrimas de gratidão lavarem o rosto da pobre velha, suas mãos tremulas abençoarem-no em nome de sua mãe, sentio na alma intima consolação, consolação que se entorna no peito quando sabemos que praticámos o dever.

Helena ficou mergulhada na dor e no desespero vendo sahir o seu noivo sem poder acompanhá-lo, mas, começando a orar para que nada lhe acontecesse, o céo o amparasse, achou em suas orações suave conforto; Henrique estava vivo e ainda a amava, pensou ella, e, se não lutara para afasta-la de seus inimigos, fôra por cumprir o dever de bom christão, por não ser perjuro, e reprobado perante Deus.

Atando as mãos á frente, e gemendo um suspiro ajoelhou-se diante da imagem de Christo pregada na parede, junto ao estrado, e orou com fervor; e enquanto cabião-lhe as lagrimas pelo rosto livido e desfigurado, sentia renascer-lhe na alma a esperança, e nas proprias lagrimas um balsamo de allivio para seu coração afflicto; mas repentinamente lembrou-se de sua mãe, e o desespero da dor veio de novo abater esse coração já tão carregado de pezares.

Tambem palpitava agitado por dor muito profunda o coração de Barbara.

Soubera que infructifera fôra a diligencia

ordenada pelo governador á casa do ouvidor. Paulo Pereira; Helena não havia sido encontrada alli, e della lhe não davão noticia.

Repetia as suas orações, multiplicava as promessas, visitava as egrejas, fazia penitencias, acompanhava o terço e as procissões, e pedia continuamente a infeliz mãe a protecção do céu para encontrar sua filha, que o mundo, os homens havião-lhe arrebatado. E quem a visse com o rosto pallido, os olhos avermelhados do pranto, os cabellos em desalinho, os pés descalços, andando vagarosamente e com pouca firmeza, repetindo orações em voz alta no meio do povo, que rezava o terço ou seguia as procissões de penitencia, diria: E' uma louca. E era uma desgraçada mãe, louca de amor por sua filha, em cuja procura andava dia e noite pedindo-a ao céu e aos homens.

Não se sabe como, se avisado pelos jesuitas, se pelo prelado tivera Paulo Pereira noticia do que ordenara contra elle a suprema autoridade da capitania, e para

facilitar a sua fuga, enviara a filha de Barbara para a casa de Lourenço por julga-la segura alli, acreditando ter o prelado desinteressadamente e só por sincera amizade lhe aconselhado o rapto dessa moça, a qual mais tarde esposaria; alem do que, se quizessem accusa-lo de raptor podia elle innocentar-se, sendo a moça encontrada não em sua casa, e sim na do administrador da egreja fluminense.

Paulo Pereira era homem máo e egoista, e se não receava de sacrificar ao proprio amigo quando delle mais necessitava; era o typo perfeito do apostolo maldito do Homem Deus.

Lourenço recebera em sua casa a filha de Barbara risonho e satisfeito; podia sacrificá-la á seus caprichos, pensara elle, ou se lhe encontrasse obstinada resistencia apressaria, para vingar-se, o casamento com o ouvidor.

Já dissemos que entremetlião-se os prelados em negocios extranhos á sua alçada, como visitando os navios vindos do reino,

exigindo dos commandantes certas propinas, que se não erão pagas, arrecadavão alguns generos defraudando a real fazenda, e extorquindo redditos pertencentes á outras autoridades. Tão violento proceder tornara-os malquistos, e originara uma luta constante entre o poder ecclesiastico e o civil, sentindo o povo ver nos ministros do altar tanta ambição e interesse pelas cousas da terra, principalmente nesses tempos de fé em que, parecendo todos viverem somente para a egreja, extranhavão muito terem os ecclesiasticos os olhos mais para o mundo que para o céo.

Imitando o procedimento irregular dos seus antecessores, não contente com as suas attribuições, extorquio Lourenço de Mendonça outras, e desse modo continuou a luta entre o poder civil e ecclesiastico, que produziu funestos resultados, cooperando para a demoralisação publica e para a perda do prestigio que deve cercar aos que governão; e principalmente o clero, cuja missão é educar e moralisar o povo.

Chegando a frota do reino dirigio-se Lourenço á bordo, e, depois do interrogatorio usual, no qual indagou quantos erão os navios, o seu carregamento, o numero dos passageiros e da marinagem, exigio o pagamento do imposto que dizia pertencer-lhe, e recusando-se o commandante satisfaze-lo, offendeu-se o prelado, excommungou-o, e por vingar-se mandou arrecadar para sua casa um barril de polvora encontrado á bordo, declarando estar autorizado á apprehender a polvora não consignada á real fazenda.

Soube o governador do procedimento irregular de Lourenço de Mendonça, intimou-lhe mandasse entregar a polvora mas não obedeceu-lhe o prelado.

Receavão os governadores empregar violencia contra os prelados, entrar em luta aberta com elles por serem seus protectores os jesuitas, cuja influencia moral e politica pesava sensivelmente sobre os magistrados e o povo. Logo que vião-se ameaçados pelo poder secular refugiavão-se os

prelados no collegio dos padres de Jesus, e alli encontravão asylo seguro e protecção decidida; travava-se então a luta entre a companhia e o poder secular, e neste caso não era difficil adivinhar quem alcançaria a victoria.

Sabia Rodrigo de Miranda que dispensavão os jesuitas muita protecção á Lourenço de Mendonça, e por isso não quiz arcar com elle; alem do que, se Lourenço não era digno soldado da religião de Christo, sabia pela sua hypocrisia enganar e illudir o povo; mostrava-se crente e religioso, acompanhava ás procissões de penitencia, assistia ás festividades da egreja, prestava-se ás confissões, consolava os moribundos, mostrava-se complacente com a fraqueza do proximo, distribuia continuas indulgencias, e em publico ninguem era mais humilde, nem patenteava mais fé que elle. Se não ultrapassasse os limites da sua jurisdicção, e se não estivessem no dominio publico certos factos pouco decorosos, que lhe erão attribuidos, seria muito respeitado e vene-

rado do povo; e apesar do que corria de máo sobre sua reputação, ninguem ousava murmurar publicamente contra elle, e, logo que se divulgava qualquer facto contra a moralidade desse administrador ecclesiastico, irritava-se o povo, clamava que era calumnia, ainda que occultamente cada um fazia juizo mais ou menos temerario.

Tudo isso detinha o governador á declarar-se em luta aberta com Lourenço, mas guardando-lhe odio e sabendo que irregular era o seu proceder, dessimulou Rodrigo de Miranda, resolute a esperar que algum acto inconveniente do prelado excitasse o povo, e desse-lhe occasião de vingar-se.

Na mesma noite, em que Henrique entrara disfarçado em casa de Lourenço, deu-se alli um acontecimento fatal.

Soárão nove horas no sino do collegio dos jesuitas; a cidade repousava, as ruas estavam desertas e so erão percorridas pelos quadrilheiros, homens de capote e espada cumprida encarregados de guardar o socego publico. Parecia que todos já dormião

pois era profundo e completo o silencio, e apenas ouvia-se o piar triste e agoureiro de alguma coruja em torre de igreja, ou o latir ferino e continuado dos cães em diversas ruas; mas repentinamente veio despertar a população inteira um ruido estrondoso, um estampido como o da explosão de uma mina; muitos habitantes deixarão suas casas, e ao chegarem á rua, virão um clarão que alumiaua a cidade; os quadrilheiros começarão a tocar matraca para annunciarem o incendio; o sino dos padres da compaibia tocou a rebate, o povo correu sobresaltado, e cada um tratou de indagar onde se dava o sinistro.

— E' na casa do prelado; dizia um quadrilheiro correndo.

— S. Marçalo nos valha, accudia um velho envolvendo-se em seu capote, e dirigindo-se ao lugar onde havia o incendio.

De feito era a casa do prelado que ardia, o clarão das labaredas annunciou mais depressa que ninguem onde era o sinistro.

A escuridade da noite, a intensidade das

chammas, a columna de fumo toldando os ares, o estalido das madeiras carbonisadas, o calor da atmospheria e a idéa de estarem naquellas labaredas um ou mais individuos assustarão e commovêrão o povo ; mas breve correu a noticia de que o prelado achava-se no collegio dos jesuitas, e que seus escravos havião conseguido salvar-se, por ter o incendio começo na sala da frente, onde estava o barril da polvora, cuja explosão originara o fogo.

Toda a casa ardeu, e quando estava mais intenso o incendio, quando mais espesso era o fumo, mais vivas e elevadas as chammas, vio-se um individuo, envolto em uma capa negra, romper por entre as labaredas, e desaparecer na immensa nuvem de fogo e fumo : o povo ficou absorto e consternado, houve uma sensação profunda traduzida por um silencio de morte e depois por uma exclamação geral.

— Coitado !

Mas um instante depois reapareceu o

individuo trazendo erguido em uma das mãos um páo que ardia ; era uma cruz.

Voltava de ouvir a um moribundo de confissão, quando o padre João de Almeida sentio-se sobresaltado pelo estampido, que despertou o povo da cidade, e logo depois vio as labaredas que devoravão a casa do prelado ; aproximou-se do lugar, onde se dava tão triste scena, e recordando-se de que havia uma cruz dependurada na parede junto á porta da entrada da casa de Lourenço, precipitou-se ás chammas para salvar o emblema do Golgotha, e ao sahir das labaredas conduzindo a cruz que ardia, o povo reconheceu-o, cercou-o, saudou-o com applauso, beijou-lhe o habito, e pediu-lhe sua benção.

Esse acto de abnegação, esse sacrificio pela fé e religião do Crucificado, e a circumstancia de haver o padre João de Almeida escapado são e salvo das chammas fizeram o povo crer firmemente que esse jesuita era um santo.

O CONCLAVULO

Respeitando os cidadãos embelesados  
pelo estampido da explosão, que se deu em  
casa do prelado, invadirão as ruas e correrão  
ao lugar de sinistro onde presenciarão a  
sua sempre horrível destruição rápida e  
terrível produzida pela pólvora e pelo fogo,  
e o ato de apagar e se praticado pelo re-  
ajuntamento de Alcaides.

Extensos muros separavam a casa do pre-  
lado dos prédios vizinhos, que por isso não  
sofreu, mas contra tantos muros houve  
muros, e um cortejo de milhares que corria  
em torno a casa de Lomocó; e dessa casa  
se levantou no dia seguinte dentro de  
catorze dias, calcadas e lanchas pelo

## O CONCILIABULO

Despertando os cidadãos amedrontados pelo estampido da explosão, que se dera em casa do prelado, invadirão as ruas, e corrêrão ao lugar do sinistro onde presenciárão a scena sempre horrosa da destruição rapida e terrivel produzida pela polvora e pelo fogo, e o acto de abnegação e fé praticado pelo jesuita João de Almeida,

Extensos muros separavão a casa do prelado dos predios visinhos, que por isso nada soffrêrão, mas cahirão lanços inteiros desses muros, e um cercado de madeira, que corria em frente á casa de Lourenço; e dessa casa só restavão no dia seguinte quatro paredes ennegrecidas, calcinadas e fendidas pelo

fogo, guardando um montão de cinzas, das quaes sahião labaredas.

Não se pôde descobrir a causa do incendio, e acreditou-se geralmente ter-se originado de algum descuido ou imprudencia; sabia-se que Lourenço mandara recolher á sua casa um barril de polvora encontrado á borda, e, talvez aproximando os escravos imprevidentemente alguma luz á polvora, se ateasse o incendio.

Só no dia seguinte teve Henrique noticia desse fatal acontecimento, e, correndo immediatamente ao lugar em que se dera o incendio, começou a perguntar a todos se Helena se salvara.

— Salvou-se,izei-me, clamava elle, interrogando os que passavão, ou paravão para contemplar as ruinas.

— Quem, senhor, redarguião-lhe.

— D. Helena, a filha da infeliz viuva de José da Cruz, salvou-se ou pereceu!

Disião-lhe uns que não sabião, outros lhe não respondião, e outros não comprehendendo a pergunta por acreditarem ter Helena

desapparecido com o ouvidor, voltavão-lhe as costas, e disião entre dentes :

— Está louco.

Entretanto não cessava o infeliz de repetir a mesma pergunta, já tantas vezes sem resposta, o que augmentava seu martyrio e desespero.

Corria, queria precipitar-se nos carvões ardentes, nas cinzas que chammejavão, indagava de todos, supplicava-lhes uma resposta á sua pergunta, uma noticia da sua desditosa noiva, e assim passou Henrique muitas horas nesse desespero e tormento; mas, os que encaravão para as ruinas do incendio, não comprehendendo a angustia do pobre moço, lhe não respondião; e entretanto talvez no meio das cinzas ainda quentes, dos carvões que crepitavão se estivesse consumindo o cadaver dessa infeliz moça, procurada com tanto anhelos e soffreguidão pelo seu noivo.

Não podja Henrique explicar a causa do fatal incidente occorrido na casa do prelado; teria Heleua ateado o fogo para perecer nas

chammas occultando ao mundo sua desgraça; seria Lourenço o autor desse crime para esconder a todos o que praticara, e vingar-se da repulsa de Helena, ou seria o incendio uma fatalidade !

Pesavão esses pensamentos no animo de Henrique, e amargamente torturavão-lhe o coração.

O dia ia adiantado, o sol já havia transposto parte do circulo celeste, os clerigos haviam celebrado suas missas e os coregos, havendo concluido a reza do coro, descião a ladeira do collegio, acompanhados dos devotos que se não dispersavão sem receberem a benção dos sacerdotes, graça esta julgada naquelles bons tempos mui proficua e proveitosa.

Tendo o padre Manoel da Nóbrega decido a ladeira, seguiu com o licenciado Mathias das Ventosas pela rua Detraz do Carmo, tomou a rua de Aleixo Manoel, e dirigiu-se á rua Direita de Carmo para vêr as ruinas da casa do prelado. Alli encontrãrão elle e o licenciado

o filho de Crispim da Cunha, que fez-lhes a pergunta já muitas vezes repetida.

— Salvou-se ou pereceu a filha de Barbara!

O padre e o licenciado encararão o moço, e, trocando olhares entre si, não responderão por julgarem que as desgraças do amor haviam abalado as faculdades do filho de Crispim, mas a convicção com que Henrique falava, a circunspecção em sua phrase, e a propriedade em seus modos, excitarão-lhes a attenção, e começarão a suspeitar houvesse alguma revelação importante no que o moço dizia, mas não ousarão fazer-lhe nem uma pergunta; comprehendendo o embaraço dos que ouvião-no exclamou Henrique:

— Não me julgueis doudo, graças á Deus Nosso Senhor conservo o uso da razão, que me dá coragem para superar as dôres da alma; os espiritos do homem que crê piamente na Providencia não succumbem; e eu creio, senhores.

Relatou como conseguira penetrar em casa

do prelado, o juramento que fizêra, o que ouvira e dissera a Helena.

A narração pausada, certa, convincente e seguida do infeliz moço impressionou ao padre Nobrega e ao licenciado que, inimigos do prelado, resolvêrão aproveitar-se do facto de ter Lourenço occultado em sua casa a filha de Barbara para vingarem-se delle.

Logo que Henrique acabou de fallar dissêrão Nobrega e o licenciado.

— Devemos vingar esse crime.

— Sim, e eu encarregar-me-hei do plano da vingança, cujo instrumento e algoz quero ser, bradou Henrique acceso em ira.

— Revelemos o crime ao senhor governador; retorquio o padre Nobrega.

— A justiça de el-rei nosso senhor é demorada, e o réo pôde fugir, redarguiu Henrique.

— Pois seja hoje mesmo assassinado, gritou Mathias das Ventosas.

— Não, acrescentou Henrique, não desejo dar-lhe morte prompta e rapida, mas dolorosa e atormentada. Lembro-me de que

o prelado presta-se de noite ao serviço da confissão; podemos mandar chama-lo, prendê-lo e lança-lo ao mar...

— Eh-la que sim, murmurou o licenciado, levando a mão aos cabellos longos e anelados.

— Mas se Lourenço souber nadar, perguntou Manoel da Nobrega.

— Amarra-se uma pedra aos pés e os tubarões fação o resto, redarguiu o licenciado sorrindo.

Depois de haver estado algum tempo pensativo, acrescentou Henrique,

— Convidemos o prelado para ouvir de confissão amanhã á noite, á um moribundo, e conduzindo-o á uma das praias da cidade, atemos-lhe mãos e pés, e deitando-o em um batel desapparelhado, o condusamos até á barra, oude ficará entregue á furia das ondas e á morte (\*)

---

(\*) V. Memorias Historicas de Monsenhor Pizarro vol. 2.º pag. 221.

— Está muito bem pensado, disse o licenciado.

— E amanhã realizaremos esse plano, não è assim, redarguiu Henrique.

— Se a fortuna nos ajudar, rosnarão o padre e o licenciado.

Quando estes homens separarão-se estava o sol no seu pino, e soava nos sinos das igrejas a primeira badalada do meio dia.

## A VELHA ESCOLASTICA

Profunda sensação causárão em Lourenço o incendio da sua casa e a morte de Helena, pois não havendo noticia da pobre moça, acreditou elle ter essa infeliz perecido nas chammas; mas se assim acontecera, era conveniente, pensara o prelado, occultar a todos o ter Helena permanecido em sua casa.

Avisado por Lourenço, pelo fregedor ou pelos jesuitas soubera Paulo Pereira da ordem de prisão lavrada contra elle pelo governador geral, e tratando de occultar-se enviara a filha de Barbara para a casa de Lourenço, onde ficaria depositada até elle poder apresentar-se e celebrar clandest-

linamente o seu casamento; então Barbara que se irritara por a violencia praticada contra sua filha, havia de reconciliar-se com elle, e dar-lhe pingue dote, o que lhe facilitaria a fuga para lugar mais distante, onde viveria sosegado e tranquillo.

Mas Helena havia morrido no incendio, o que, participando-lhe Lourenço, comprehendem Paulo Pereira que devia homiziarse em lugar mais longe, porque muito irritados ficarião os animos contra elle logo que se divulgasse o fim desastroso da filha de Barbara da Silveira. De feito retirou para uma das capitancias do interior. Ora exceptuando o ouvidor uma unica pessoa sabia o haver Helena estado em casa de Lourenço, era a velha Escolastica, cuja lingua não tinha ossos, como dizia o vulgo, quando queria revelar noticias. O ouvidor não podia compromette-lo por achar-se homiziado, mas a tia Escolastica, lembrava-se o prelado, como fazel-a calar, como pedir-lhe segredo, se, quando dava com a lingua nos dentes, era um fallar de

que Deus nos acuda; prometter-lhe esmo-  
las ou indulgencias; mas não conviria an-  
tes afastal-a da cidade, fazel-a desaparecer,  
porem de que modo!

Recordava-se Lourenço, de que ha alguns  
mezes, fóra a velha Escolastica chamada para  
ver a um doente junto ao campo da ci-  
dade; receitara-lhe as suas beberagens e  
applicara-lhe seus feitiços, mas o pobre ho-  
mem fallecera alguns dias depois, e correra  
então na cidade que havia sido victima dos  
cosimentos da velha mezinheira.

Já naquelles tempos, como ainda hoje,  
aos medicos e cirurgiões, lançava-se aos li-  
cenciados e mezinheiras, a culpa da morte  
dos doentes; para o vulgo é idéa antiquada  
que lavra o defunto a carta da ignorancia do  
medico assistente.

Lembrando-se desse facto resolveu Lou-  
renço accusar a velha de feiticeira, e, como  
commissario do santo officio, cujo era, or-  
denou a prisão da pobre mulher.

Trabalhava a velha em um crivo quando  
baterão-lhe á porta da casa.

— Quem é, perguntou.

— Abri.

— Mas quem bate!

— Abri em nome da santa inquisição, gritarão-lhe de fóra!

Assustada e tremula levantou a velha a aldrava da porta e, abrindo-a, vio entrar dous individuos, que disserão-lhe.

— Somos familiares do santo officio, e viemos prender-vos.

— Pelo que, balbuciou a velha.

— Não sabemos.

— Mas nada tenho feito ou dito contra a religião de Nosso Senhor Jesus Christo.

Ah, exclamou Escolástica ajoelhando-se e lavada em lagrimas, tende piedade de mim, não vêde como estes cabellos estão brancos, esta pelle enrugada, e mirrados estes braços. E a velha apontava para a cabeça, para o rosto e mostrava os braços.

Os familiares conservarão-se em silencio.

— Ah me não arrebateis desta casa, onde tenho vivido mais de quarenta annos,

onde tenho escondido as lagrimas da minha miseria, onde vi morrer minha mãe, e tantas vezes tenho orado á Virgem Santissima. Vede aquella imagem; recebia-a de meu pai moribundo, aquella almofada, aquelle fuso, era com que minha mãe trabalhava para comprar o pão que comiamos, aquellas hervas, aquellas figas, aquelles bentinhos, não vede, estão allí, é para repartir pelos doentes e pelos affictos. E quereis prender-me!

— Sim, o ordenou o commissario, redarguirão-lhe os familiares.

— Oh, o commissario não é possível, elle que tanto me protege. Ha engano; não é a velha Escolastica que procuraes, não é assim! Deixai-me fallar ao prelado, quero dizerlhe que é calumnia se alguma cousa propalárão contra mim. A velha levantou-se.

Agarrando-lhe nos braços disserão-lhe os familiares com voz aspera.

— Não, daqui para bordo, vinde fei-ticeira.

— Ah, minha, mãe, meu pai, balbuciou a velha suffocada pela dor e pelo pranto.

Quasi arrastada foi a pobre mulher conduzida para bordo; e no dia seguinte velejava para Lisboa a frota, indo em um dos navios a velha Escolastica.

Vendo os navios levantar as ancoras, e abrir as velas conversavão duas mulheres na praia de Nossa Senhora do O'; disia uma dellas.

— Sabeis, comadre, a Sete Sciencias foi presa.

— De ordem de quem, do regedor, perguntou a outra.

— Não.

— Do governador?

— Tambem não.

— De el-rei nosso senhor?

— Upa.

— Da inquisição?

— Sim, fallai baixinho. Coitada, quantas orações me não ensinou para allivio e perdão dos meus peccados.

— Quando estava doente não queria ou-

tra pessoa para tratar-me. Se não fôra o chá de periparoba e herva tostão que ella receitou para o filho do Chico Pedro morrer a pobre moço de hydropesia; e a mulher de Leandro Gomes...

— E outros e outros.

— Vamos á igreja do convento de Nossa Senhora do Carmo pedir a Deus que lhe ampare e fortifique nos trabalhos e perigos que vai soffrer.

— Vamos, comadre.

Entrarão as duas mulheres na igreja do Carmo, ajoelharão-se e começarão a orar.

Ouviria o céo os votos de gratidão de tão boas e pias devotas!

## DIRECÇÃO

Antes de proseguirmos nesta vniuersal  
 historia conuem dar noticia de alguns lu-  
 gares para o leitor comprehender melhor  
 as scenas que se vão seguir.

Chamava-se primeira da ilha a praia  
 que se estendia entre os montes de S. Se-  
 bastião e S. Bento. Deixando os habitantes  
 o monte de S. Sebastião para vir occupar  
 a planicie proxima construíam as primeiras  
 casas à beira mar, na praia comprehendida en-  
 tre aquellos montes; não permitindo o gover-  
 nador da capitania que se levantasse edi-  
 ficção alguma do lado do mar, não se  
 por conservar-se a praia livre e desembar-

## DIGRESSÃO

Antes de proseguirmos nesta viridica historia convem dar noticia de alguns lugares para o leitor comprehender melhor as scenas que se vão seguir.

Chamava-se marinha da cidade a praia, que se estendia entre os morros de S. Sebastião e S. Bento. Deixando os habitantes o morro de S. Sebastião para vir occupar a planicie proxima construirão as primeiras casas á beira mar, na praia comprehendida entre aquelles montes; não permittindo o governador da capitania que se levantasse edificação alguma do lado do mar, não só por conservar-se a praia livre e desemba-

raçada ao embarque e desembarque dos efeitos publicos e particulares, senão para defeza da cidade; mas houve uma excepção a esta prohibição, em favor de Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

Convem saber que em 1605 ou no anno seguinte erguera-se junto ao mar o açougue publico; e o governador Martim de Sá levantara nesse mesmo lado, e naquelle anno, o forte de Santa Cruz.

O cisco e a terra das ruas lançados no mar forão-o afastando mais e mais, deixando em frente ás habitações um vasto logradouro; e assim aconteceu que o forte de Santa Cruz, cujos muros erão outr'ora banhados pelas ondas, ficou em terra firme: e estando obstruído, e derruido pelo tempo, e em posição já não conveniente, resolverão o governador e os militares da guarnição da praça levantar sobre os baluartes do antigo forte uma capella consagrada á Santa Cruz, perpetuando sob essa invocação a memoria daquelle edificio, que para defeza dos habitantes da cidade de S. Se-

bastião mandara el-rei nosso senhor construir. Em 1628 estava a capella concluida, vendo-se hasteada a cruz no mesmo lugar onde tremulara o estandarte das cinco chagas.

Em dezembro de 1635, na epoca em que se derão os acontecimentos desta narrativa, usando a camara da jurisdicção de que gosava sobre os terrenos devolutos da cidade, concedeu ao alcaide-mór Salvador Corrêa de Sá e Benevides o aforamento por dezoito annos de uma grande parte da marinha da cidade, ficando comprehendido no mesmo aforamento o açougue publico; permittio a camara ao alcaide-mór o privilegio exclusivo de levantar na marinha um paço onde collocasse a balança de ver o peso, destinada a verificar o peso das caixas de assucar importadas e exportadas, percebendo por essa verificação, pelo deposito e embarque do assucar, tres taxas na importancia de cento e vinte reis por cada caixa, e devendo o alcaide-mór pagar á camara o foro annual de vinte mil reis.

Foi este o principio do primeiro trapiche desta praça, o qual recebeu o nome de trapiche da cidade.

Apezar de haver sido concedido o aforamento a Salvador Corrêa de Sá e Benevides que, pelo seu cargo e serviços de seus antepassados, era estimado e respeitado do povo, houve muitas reclamações por ter sido exclusivo aquelle favor, desejando muitos aforar terrenos na marinha, e não cessarão de murmurar emquanto a camara não acabou com o privilegio concedido ao alcaide-mór.

Tendo alguns annos depois de erguer-se para melhor defensão da praça a fortaleza da Lage, e não podendo o erario regio dar principio a obra, determinou-se que, alem de uma subscripção voluntaria, se pozesse em hasta publica o aforamento de todos os chãos da marinha da cidade; e de feito todo o vasto logradouro, chamado marinha da cidade, foi aforado, excepto a arêa fronteira ao convento do Carmo, a qual ficou reservada para rocio ou praça publica.

Erguidas diversas casas do lado do mar formou-se uma rua tortuosa e de largura desigual, que começava nas proximidades do morro de S. Bento e ia terminar na praça do Carmo; teve o nome de rua Direita do Carmo; alem da praça abria-se a rua da Misericordia, da qual partião diversas viellas que ião findar na rua do Porto dos padres da companhia, assim denominada por fazer-se alli o embarque e desembarque de mercadorias dos jesuitas..

Proximo ao hospital da Misericordia havia uma praça chamada da Batalha por existir em uma das esquinas um nicho com a imagem da Virgem sob essa invocação.

Começara em tempos remotos o hospital da Misericordia, e referem as chronicas a sua origem deste modo.

Arribara neste porto em 1582 uma frota vinda de Castella, composta de dezeseis navios commandada por Diogo Flores Baldez, e estando enferma quasi toda a tripulação de mais de tres mil homens, receberam os habitantes em suas casas a alguns

dos marinheiros, porem ficarão muitos sem agasalho, e sem remedio. Nesse anno achava-se no Rio de Janeiro, em visita ao collegio da companhia de Jesus, o padre Anchieta que, condoendo-se de ver tantos doentes ao desamparo, preparou uma casa com diversos leitos, remedios e diéta, e nella abrigou os marinheiros de Castella. Foi esta a origem do hospital da Misericordia, creado pelo sentimento caridoso do padre Anchieta. Instituida mais tarde a irmandade da santa casa da Misericordia continuou esta confraria na tarefa encetada pelo apostolo do novo mundo, e deu principio a construcção de um edificio conveniente para hospital da pobreza desvalida. Defronte do hospital, na ponta de terra prolongada sobre o mar e chamada da Misericordia, lançou Villegaignon os alicerces de um forte, que concluido pelo governador Martim de Sá, recebeu o nome de S. Thiago, nome que perdeu quando passou de fortaleza a prisão, e prisão de escravos, denominada Calabouço.

Ao lado direito do hospital estendia-se a praia chamada de Santa Luzia, por existir em um dos seus extremos uma ermida consagrada á essa virgem martyr; e na parte posterior daquelle edificio havia um terreno cercado com estacas de páo; era o cemiterio onde sepultavão-se os doentes fallecidos nas enfermarias da santa casa.

Proximo ao cemiterio levantava-se o patibulo.

Naquelles tempos em que o raio da justiça cahia com excessivo rigor sobre a cabeça dos réos, erão communs as sentenças de morte, os castigos infamantes; o manto negro da justiça abafava o condemnado, e arrastava com a victima seus filhos e netos, que no berço da infancia, devião sorver no calix acerbo da justiça publica o castigo, a condemnação lançada sobre seus antepassados. O patibulo não cessava de trabalhar, estava sempre tinto de sangue; era o altar da justiça, e para recordar a victima do sacrificio, o ultimo peçoço estrangulado aprésentava em sua parte

mais elevada ou nos seus braços funebres a cabeça e as mãos cortadas cerceas do cadaver do enforcado, e expostas ao ludibrio publico, á profanação e voracidade das aves de rapina.

Revestido de alva era o sentenciado á morte acompanhado ao patibulo pelo padre da agonia, escolhido sempre d'entre os frades franciscanos, pelo juiz, meirinhos, alcaide mór, pregoeiro, carrasco, esbirros, grana-deiros, pela irmandade da Misericordia e povo; ouvia ler em todas as esquinas o auto da sentença cuja leitura terminava ao rufado de tambores; ao chegar á forca o padre absolvio-o, o carrasco cobria-lhe o rosto com o capuz da alva, e ajudando-o a subir ao patibulo executava a sentença, rufando os tambores para abafarem os gemidos da victima. Se acontecia cahir com vida o condemnado, desfraldado o estandarte da Misericordia vinha cobrir o infeliz, e retirava-o das mãos da justiça; era a tunica da salvação. Se o corpo porem cahia cada-ver decepavão-lhe a cabeça, as mãos, os

pés e com esses troféos ornamentavão o apice e braços do throno funereo do condemnado. E não parava ahi a justiça de el-rei; os bens do sentenciado erão confiscados, sua casa arrasada e salgado o chão, e deshonrados, declarados infames todos os seus descendentes.

De noite não transitava viva alma pela praia de Santa Luzia não só receando-se das almas dos finados, que jaziac no cemiterio, senão das dos justicados, que como era crença, vagavão toda noite ao redor do patibulo; mas, crendo algumas mulheres do peccado que as almas dos padecentes podião interceder por ellas, e abrir-lhes as portas do céu, ião, quando arrependidas de suas faltas e desvarios, em hora adiantada, á praia de Santa Luzia, e ajoelhadas nas escadas do patibulo, começavão a orar sems e assustarem nem com as mãos e pés mirrados dos padecentes, e os craneos carcomidos e putrefactos hasteados no tope da forca, nem com o silencio lugubre do cemiterio e o piar triste e agoreiro das aves nocturnas.

SEPELICIO

estava a noite escura, e como  
 languido e surdo do trovão, ambrava-se  
 os relampagos, e soprava rijo um vento  
 rijo e humido.  
 Davo oito horas na torre do collegio  
 dos Jesuitas quando parou a porta da casa  
 de Lourenço, na rua de S. Francisco, onde  
 fora residir depois do incendio da sua pri-  
 meira habitação.  
 — Quem sois, perguntou o prelado atri-  
 do o postivo.  
 — Um peccador que deseja saltar com  
 vossa caridade, religião e individuo ti-  
 rando a sua carapça de baga.

## SUPPLICIO

Estava a noite escura, ouvia-se o ronco longinquo e surdo do trovão, amiudavão-se os relampagos, e soprava rijo um vento frio e humido.

Davão oito horas na torre do collegio dos jesuitas quando baterão á porta da casa de Lourenço, na rua de S. Francisco, onde fôra residir depois do incendio da sua primeira habitação.

— Quem sois, perguntou o prelado abrindo o postigo.

— Um peccador que deseja fallar com vossa caridade, redarguio o individuo tirando a sua carapuça de baêta.

— Entrai. —  
— Deus Nosso Senhor seja nesta casa. —  
— Sentai-vos. —  
— Perdoai-me se vos não obedeço, mas tenho pressa ; uma penitente em artigo da morte deseja confessar-se, e ouvir as vossas palavras consoladoras antes de deixar a vida.

— Onde reside ?  
— Junto ao hospital da santa casa da Misericórdia.

— Já vou, e a demora é só em tomar a tunica ; redarguiu o prelado, que entrou para o quarto proximo á sala, onde se achava o individuo, que viera convidal-o para o officio da confissão.

Ao entrar na alcova e, cerrando sobre si as portas, começou o prelado a espiar para ver se encarando o individuo o reconhecia, mas lhe não foi possível, por achar-se este envolto em um capote comprido de panno pardo forrado e debruado, e de gola tão alta que tapava-lhe o rosto deixando somente exposta a ponta do nariz.

— Partámos, disse Lourenço entrando na sala.

Vestia uma tunica sem cauda porem com capello franzido e afogado á roda do pescoço, cobrindo-lhe a cabeça, e por cima do capello o chapeo de tres ventos.

Seguirão elle e seu companheiro pela rua de S. Francisco e entrárão na da Misericordia, sem trocarem durante esse trajecto uma só palavra. Ao chegar defronte do hospital perguntou o prelado.

— Onde fica a casa em que vamos? —

— Do lado da praia, senhor; devemos atravessar o arco do hospital.

Havia nessa epoca por debaixo do edificio do hospital um becco, que abria communicação para a praia de Santa Luzia.

Na praia soprava o vento com violencia, e nas suas lufadas borrifava os viandantes com a agua do mar.

Ao avizinhar-se do cemiterio vio o prelado dous vultos, e, apezar de não temer-se de almas do outro mundo, essa appareição em lugar tão sinistro e na escurade da

noite produziu-lhe um estremecimento nervoso, quiz dar um passo para traz e não pôde; os musculos das pernas parecião ter perdido o movimento, quiz gritar, mas sentio a lingua presa; começou a balbuciar uma oração. Approximárão-se os vultos.

— Cabistes finalmente em nosso poder, senhor Lourenço de Mendonça, disse um dos vultos.

Não teve o prelado animo para articular uma palavra.

Um assobio agudo retinio pela praia; immediatamente surgirão mais dois vultos.

— Tomai esse homem e amarraí-o bem, disse Henrique indicando o prelado a um dos individuos chegados por ultimo.

Approximando-se de Lourenço torceu-lhe o individuo os braços para traz, prendeu-os com uma mão, enquanto com a outra atava-os com uma corda, e apertou-a tanto que o prelado deu um grito.

— O homem está seguro, exclamou André

Era André um moço de vinte e dois annos,

magro, descarnado, porém dotado de uma força herculea; mostrava nos braços e pernas salientes os musculos, tendões e veias, manifestando essa distenção das carnes e tendões o continuo exercicio que de sua força fazia. De feito, por ostentar a força de que era dotado, apostava continuamente suspender grandes pesos, firmar-se no chão, estender o braço, ou prender entre mãos qualquer objecto, e o peso levantado por elle dois homens o não sustinhão, se firmava-se no chão ninguem podia arreda-lo, era uma estatua de pedra; não dobravão-lhe o braço estendido porque esse braço fino e descarnado ficava rijo e tezo como um bastão, nem arrancavão-lhe da mão qualquer objecto, porque os dedos parecião correntes de ferro.

Estando Lourenço atado disserão-lhe Henrique e Mathias das Ventosas, que o acompanhara nessa cilada.

— Vinde, Sr. Lourenço.

E o prelado seguio-os em silencio, não ouvindo levantar um grito; e tão aterrado

estava que não podia dizer com certeza se  
erão homens ou phantasmas que cercavão-no.

Puzerão-se a caminho, Henrique, o li-  
cenciado e a sua victima, e logo atraz o  
remador André e mestre Guedes Estopa.

Mestre Guedes era baixo, gordo, robusto  
e agil; viera ha dous annos do reino e  
exercia o officio de calafate.

Ao chegarem perto da ermida de Santa  
Luzia descerão á praia onde pararão.

O mar batia com alguma violencia, e as  
ondas ao espalharem-se na arêa deixavão  
diante de si um lençol de espuma, cuja  
brancura contrastava com a escuridade da  
noite; o cheiro máo e nauseabundo da ma-  
resia annunciava mudança atmospherica, e  
de feito as nuvens negras corrião de um  
ponto para outro, acumulavão-se e tendião  
a cobrir as montanhas; repetião-se os rela-  
pagos, e o vento sul agitava-se mais e mais.

Estavão ancoradas na praia duas canoas,  
uma convenientemente preparada, mas a  
outra desapparelhada, sem vela, nem remos.

Na primeira entrarão Henrique, o licen-

ciado, mestre Guedes e André, que ao chegar á praia atara por ordem de Henrique, os pés do prelado, e, suspendendo-o como se fôra um bonco de pão, o deitara no batel desapparelhado.

Dando reboque a este batel sarrou a primeira canoa que, impellida pelos remos manejados por André e mestre Guedes Estopa, cortou velozmente a agua, afastando-se em breve da praia.

O homem que illudira o prelado, entregando-o a seus inimigos, ficara na praia e seguira com a vista as canoas; vendo-as desaparecer voltou apressado, correu ao passar em frente do patibulo e do cemiterio, e se não julgou livre das almas do outro mundo senão ao entrar no largo da Misericordia.

Continuávão os relampagos, repercutia-se entre as nuvens o ruido surdo dos trovões; crescera o vento, e ao bater nas ondas levantava uma espuma branca, onde se reflectia a luz fulgente dos continuados relampagos; a chuva com o seu granijo rijo e

batido açoutava o rosto daquelles que por um tempo desses sahião a navegar.

Emquanto os elementos revoltos lutavão, emquanto o céu negro e trovejante ameaçava a terra, e o mar esverdeado e espumoso alçava ondas como querendo sahir de seu leito e repellir os que ousavão transpô-lo, alguns homens, sem attenderem que por vingarem-se ião praticar um grande crime, sem lembrarem-se de que a vingança nunca satisfaz, que pelo contrario ennegrece e traz fel ao coração, reunião-se, conspiravão, tramavão muitos contra um, e servião-se da traição, das sombras da noite e da natureza revolta para saciarem seus odios no tormento e martyrio de sua victima.

Ao approximarem-se da barra cortou André o cabo que dava o reboque a canoa, em que se achava Lourenço de Mendonça, e aproando a outra canoa para a cidade, continnuou a empunhar o remo; elle e mestre Guedes vencerão em pouco tempo a distancia da barra á praia de Nossa Senhora do O' onde todos desembarcárão.

Depois de trocar algumas palavras em segredo com André e mestre Guedes Estopa seguirão Henrique e Mathias das Ventosas pelo largo do Carmo, e em breve desaparecerão nas ruas estreitas e tortuosas da cidade.

Ficára Lourenço, só, atado de pés e mãos, entregue á furia do céo, do mar, das ondas e do vento em uma canoa, que pouco e pouco devia encher-se d'agua e submergir-se.



## O SACRISTÃO

Muita gente ha que sem mais nem menos rasga o capote aos outros, refere, commenta e analysa a vida alheia, estuda e decora os factos, incidentes e aventuras que occorrem. Ide aos passeios, aos cafés, aos clubs, aos theatros, aos bailes e até ás egrejas e vereis como todos fallão e criticão de tudo.

Já naquelles tempos de que escrevemos era assim; se não havia clubs, cafés, bailes e theatros em compensação atopetava-se de gente o atrio das egrejas, e alli todos conversavão, murmuravão commenttando prolixa e estendidamente a vida alheia.

Se assim é e sempre foi, deve tambem o humilde escriptor desta narrativa ter o direito

de rasgar o capote, em que tão embuçado se apresentou o individuo para conduzir traiçoeiramente o prelado á praia de Santa Luzia.

Era homem de trinta annos ou pouco mais, de estatura meã, anafado, de rosto alegre e sympathico; conhecião-no por José Sacristão por haver occupado esse cargo na igreja da Sé.

— José sabia ajudar bem á missa e nada mais; quando entrára para o serviço da igreja era doente, grelado e rachitico, mas em pouco tempo ficára medio, gordo e luzidio, o que attribuição alguns á milagre e outros, mais atilados, ás boas iguarias da mesa do padre cura, e aos beijos chupados e quotidianos do sacristão, nas galhêtas coguladas de vinho generoso.

Quando apparecia na rua revestido de opa de lã, com um oratorio pendente ao pescoço, e um sacco á cinta, a tirar esmolos para as almas do purgatorio e para os santos, ninguém podia resistir-lhe; fallava tão adocicado, promettia tantas indulgencias, distribuia

tão profusamente orações e reliquias de sua nomina, e taes erão seus rogos que cabião as esmolas; ficava a bolsa cheia, porém se cheia chegava á egreja, é segredo que o chronista não pôde devassar a seus leitores.

José era muito conhecido, tinha muitos devotos e principalmente devotas, que satisfeitas deitavão esmolas no sacco do sacristão.

Entre as devotas uma sobre todas mostrava-se mui generosa, e alem da esmola comprimentava cada dia ao feliz pedinte com um sorriso.

A boa esmola ou antes o sorriso agradável da moça foi produzindo impressão em José; que tantas olhaduras deitou-lhe, tantas vezes vio-a sorrir que sentio rendido o coração, e começou a amar a devota; e então deu-se um facto singular na vida ou antes no modo de proceder do honesto sacristão.

Elle que com seus calções golpeados, véstia comprida, opa de lã branca, oratorio á frente, e sacco á cintura caminhava com passo grave nas ruas da cidade, batia com firmeza em todas as portas, diante das quaes repetia

sua supplica com voz doce e lamentosa, apresentava desembaraçadamente o gazophylacio ambulante, e tinha sempre promptas palavras suaves para agradecer aos fieis; começou a sentir-se acanhado quando chegava defronte da casa de sua devota predilecta; hesitava antes de bater á porta, repetia com voz tremula a sua petição; a moça apparecia, dava a esmola e sorria.

Eis o nosso sacristão em novos apuros; não sabia como agradecer, empallidecia, tremião-lhe as pernas, a lingua tambem, e por fim regougava algumas palavras em agradecimento, e lá se ia envergonhado do ridiculo papel que representara.

Ora isso não podia continuar assim; tanto embaraço e acanhamento era improprio e indecoroso em um sacristão, e principalmente em um irmão das almas; por isso resolveu José revestir-se de energia, e mostrar-se digno da sua posição e do seu amor.

Preparou-se, tomou a opa, suspendeu o oratorio, a nomina, prendeu a bolsa á cintura e sahiu. Ao chegar perto da casa de

sua querida devota estacou, reflectio instantes, e depois continuou a caminhar com passo apressado; junto á porta da casa fez sua petição em regra; a moça appareceu com o sorriso nos labios, e ao deitar a esmola agarrou-lhe o sacristão na mão, beijou-a e disse-lhe.

— Eu vos amo!

Forão fataes estas palavras, a moça recuou, fechou apressadamente o postigo e desapareceu.

Ficou o sacristão desapontado, mas como se despertasse repentinamente deitou a correr.

A declaração porem estava feita; José e Thereza amavão-se e continuarão a amar-se; e de dia para dia foi crescendo esse amor, o que fazia o sacristão viver satisfeitissimo por ver-se amado por uma moça, na sua opinião, a mais linda da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Em verdade a cor clara e corada das faces, o vermelho vivo dos labios, os olhos expressivos e brilhantes, o rosto arredondado e mi-

moso e os cabellos pretos e ondeados tornavam essa moça formosa e seductora; realçavam-lhe a formosura o justilho guarnecido de renda, os brincos de crisolitas, os aneis, os cordões, o alto pente cravejado de pedras, a saia de cabaia, e os sapatos de tacões vermelhos que patenteavam um pé pequeno e delicado. Vendo-a assim vestida ficava o sacristão tresvariado, julgava-se no céo, diante dos anjos, e por uma profanação felizmente passageira, suppunha-se na egreja a encarar as imagens dos altares.

Residião Thereza e seus pais em uma pequena casa na ladeira do collegio.

Trazia essa moça o José sacristão tão embevecido em seu amor que não era raro vê-lo esquecer na occasião da missa o thuribulo, o missal, a campainha ou, o que é mais notavel, ás proprias galhetas.

Notando a distracção em que vivia José, e o pouco cuidado que dava ás suas obrigações. Lourenço de Mendonça reprehendeu-o, mas se não emendando o sacristão começou o prelado a espreita-lo, e um dia, ao descer

da Sé, viu-o em conversa animada com a linda Thereza. Perguntou-lhe no dia seguinte quem era aquella moça.

O sacristão envermelheceu, engasgou-se duas ou tres vezes, tossio e nada disse.

Calou-se o prelado pois comprehendeu estar o sacristão namorado, e como continuasse por amor de sua dama a descuidar-se, a relaxar-se em seu emprego, o dimittio do serviço da igreja.

Ficou José na miseria assim como seus pais, velhos e valetudinarios; desde então dedicou o ex-sacristão a Lourenço odio profundo, e tornou-se amigo predilecto do padre Nobrega, que chamava a si os que aborrecião e odiavão ao prelado.

Fôra José despedido do cargo de sacristão um mez ou pouco mais antes de dar-se o incendio na casa de Lourenço.

No dia seguinte a esse acontecimento deixou o padre Nobrega o licenciado Mathias das Ventosas e Henrique em frente á casa incendiada quando, ao subir á ladeira do collegio, encontrou o ex-sacristão a olhar para

as janellas da casa da sua namorada : referiu-lhe o que lhe dissera o filho de Crispim sobre o fim desastroso de Helena.

Era o ex-sacristão sobrinho de Barbara da Silveira, e por isso ficou afflicto e pesaroso ao ouvir o padre Nobrega relatar-lhe a morte da sua desgraçada prima.

Contou-lhe em seguida o plano de vingança que havião preparado contra Lourenço, e acrescentou que só restava-lhes o achar um individuo que se encarregasse de convidar o prelado para o officio da confissão attrahindo-o à praia de Santa Luzia áquella noite.

Ouvira-o José com grave attenção, e ardeendo-lhe no peito odio contra Lourenço de Mendonça, exclamou, tornando-se côr de lacre e cerrando os punhos.

— Saiba vossa reverendissima que disso me encarrego eu.

— Mas o prelado vos conhece, e pôde suspeitar, redarguiu Nobrega.

— Sei disfarçar-me, senhor cura.

— Lourenço é homem de recursos e rancoroso, e se nosso plano fosse descoberto...

— Que aconteceria ; ainda ha adagas para acabar-se promptamente com os inimigos.

— E comprometteivos a conduzir o prelado hoje á noite á praia de Santa Luzia ?

— Está de ver que sim.

— Sereis generosamente recompensado, e vou avisar aos meus amigos.

— Rejeito qualquer paga, senhor cura ; o ex-sacristão tambem tem direito de vingarse e aos seus parentes.

Despedio-se Nobrega do ex-sacristão muito satisfeito por haver encontrado o individuo de que elle e os seus necessitavão para a execução de seu plano ; mas havia dado alguns passos quando retrocedendo disse para o ex-sacristão :

— Não preciso pedir-vos completo segredo ; fio-me em vos.

— E podeis confiar pois não descansarei, nem desarmarei meu braço em quanto não vingar-me de quem tirou-me o pão e ameusou o pais, e offendeu o sangue do meu sangue.

O ex-sacristão estava pletorico de raiva ; tremia-lhe todo o corpo.

Nobrega apertou-lhe affectuosamente a mão e partiu.

Relatou tudo ao licenciado e a Henrique que, havendo convidado o moço André e mestre Guedes Estopa para levarem as canoas á praia de Santa Luzia, para lá partirão de noite sedentos de vingança.

Dissera-lhes Nobrega que os não acompanhava por não encontrar-se com o prelado.

Era o padre Nobrega desses homens que lanção tanto odio sobre seus inimigos que não desejão vê-los mais; entregão-nos ao olvido, ao desprezo, ou minão-lhes nas sombras a sua ruina, manipulão nas trevas o veneno que lhes ha de ser fatal.

Brigida, sua irmã, não era assim; procurava espreitar os passos de todos até daquelles que execrava; queria ver e ouvir tudo, vivia vendo e ouvindo; quebrassem-lhe as pernas, tirassem-lhe o movimento dos braços mas deixassem-na por traz da rotula com os olhos e ouvidos abertos e ella estaria satisfeita. Era a curiosidade personificada, mas a curiosidade malefica, o corvo de olhos arregalados.

Cumpriu José a sua missão fatal ; foi o Ju-  
das da conjuração ; Lourenço foi a victima.

A PROVIDENCIA

fizeo Lourenço de Mendonça quando  
 nado em uma canoa que pouco a pouco de-  
 via submergir, com os braços e pernas  
 atadas tendo contra si as ondas aguar-  
 tadas e o seu seguro e movimento.  
 Talvez chegara em algumas horas, exposto  
 ao calor do mar, quando se viu a  
 das ondas a altura do corpo gravava e  
 lastimava-se como de um pouco de en-  
 minente; e em pouco tempo os seus  
 olhos se lastimava, inchava e as  
 mãos e membros braços com fervor e  
 como se em seu supposto dirigia a  
 pelo parecer no estado de perigo.

## A PROVIDENCIA

Ficara Lourenço de Mendonça abandonado em uma canoa que pouco e pouco devia submergir-se, com os braços e pernas atados, vendo contra si as ondas alcantiladas e o ceo escuro e trovejante.

Julgou chegada sua ultima hora ; exposto ao furor do mar empolado, ao marulho das ondas, á chuva, ao vento pranteava e lastimava-se como pedia perigo tão eminente; e em quanto marejavão-lhe nos olhos as lagrimas murmuravão os labios frios e tremulos orações com fervor e fé, como soem ser as supplicas dirigidas a Deus pelo homem no abysmo do perigo.

Quando mais alta era a onda e mais forte o estampido do trovão soltava o prelado um gemido, ultimo alento de quem tão perto acreditava a morte.

A furia das ondas, a agitação do mar trazia a canoa em continuo movimento, e lançava-lhe dentro bastante agua.

Empregava Lourenço esforços supremos para desprender os braços, mas lutava em vão, porque, tão apertadas estavam as cordas que não podia fazer o menor movimento.

Uma onda maior que todas veio sobre a canoa, e, elevando-a á grande altura, fez depois descer-a ao precipicio aberto pelos vagalhões do mar; soltou Lourenço um gemido, um grito agudo, penetrante, cujo som repercutio naquella noite de tempestade.

Estava o prelado abatido, exausto, inundava-lhe o rosto e o corpo um suor frio, os membros estavam hirtos e quasi inertes.

A tempestade continuava.

A agua do mar e os esforços inauditos

empregados por Lourenço derão as cordas que atavão-lhe os braços e pernas, forte tensão e produzirão-lhês estilhaços, por ultimo arrebentarão deixando livres os braços do prelado, mas estavam tão frios, rijos e inertes pela excessiva pressão, que delles não pode Lourenço servir-se; dos pulsos vertia sangue.

A canoa enchia-se de agua e ia pouco e pouco submergindo-se, ó que, reconhecendo o prelado, não cessava de repetir entre gemidos.

— Misericordia, misericordia.

Essa expressão soltada no mar em uma noite de tempestade por um infeliz, que esperava o momento em que as ondas luminidas devião tragal-o, era imponente e terrível; parecia a voz da humanidade clamando contra os elementos.

Havendo os musculos dos braços readquerido a acção vital procurou Lourenço suste-se nelles e sentar-se, mas o movimento tremulo e desordenado que fez sobre a borda da canoa, a sossobrou. Deu o pre-

lado um gemido agudissimo, terrivel e profundo, como deve ser o ultimo ai, a ultima expressão do naufrago a precipitar-se no marulho das ondas. A canoa desapareceu nos vagalhões do mar, no rolo enfurecido das ondas, mas como se surgisse do abysmo do oceano, appareceu repentinamente um pescador em uma canoa, aproximou-se do lugar em que se dera o sinistro, e, logo, que o prelado veio a tona da agua, suspendeu-o, collocou-o em sua canoa e navegou para terra.

Quem era esse pescador que em noite tão tempestuosa expusera-se ao mar, e chegara a tempo de salvar a Lourenço de Mendonça!

Os nossos leitores já o reconhecerão: era o mameluco Antonio.

Abicando a canoa a praia de Nossa Senhora do O' tomou Antonio sobre os hombros o prelado desfallecido, e correndo foi bater á portaria do convento de Nossa Senhora do Carmo.

— Quem bate, gritou o leigo porteiro com voz rouquenha.

— Um servo de Deus que pescou no mar um homem.

— Fallai serio, e pelos santos e anjos do ceo dizei o vosso nome, gritoa o leigo applicando os labios á fechadura.

— Sou o Antonio das Canoas senhor reverendo, e trago-vos um infeliz que as ondas e os peixes querião para si.

O leigo deu volta na chave, e a pesada porta abriu-se gemendo nos gonzos Antonio entrou, deitou o naufrago sobre as lageas da portaria, e tirando a carapuça disse para o leigo.

— Saiba vossa reverendissima que muito sinto haver interrompido seu tranquillo somno, mas, encontrando por esse mar de Deus a este infeliz não achei lugar melhor onde abrigal-o senão aqui.

Esfregando os olhos tomou o leigo a lanterna que largara na chão ao abrir a porta, aproximou-se do naufrago, e ao encará-lo deu um grito de espanto e recuou.

— Ah... ah.

— Que tendes, senhor reverendo, perguntou-lhe o pescador.

— Nada, porem.

— Fallai.

— Se a Santissima Virgem do Carmo me não tirou a vista, este é.

— Acabai.

— E'.

— Quem ?

— O muito reverendo senhor D. Lourenço de Mendonça.

— Un, o prelado !

— Sim, o não conheceis ?

— Saiba vossa reverendissima que lá muito bem, não; o tenho visto na Sé a dizer missa ; mas ali fica o homem, e eu na graça de Nosso Senhor Jesus Christo, vou tomar conta da minha canoa.

— Esperai, vou chamar a communidade.

— Que cousa é communidade ?

— Os religiosos.

— Para que ?

— Para receberem o prelado, e dar-vos uma gratificação.

O mestiço cruzou os braços, ficou firme, e, lançando um olhar torvo ao leigo, disse-lhe,

— Gratificação ; para quem, senhor reverendo ; julgai que o pobre mameluco solta a sua canoa em noite de tempestade para salvar naufragos pordineiro ; que estas mãos escuras e calosas que sustentão o remo, e levantão das ondas os moribundos abrem-se mais tarde para receber moedas de ouro ; que o pobre mestiço vai procurar no abysmo do mar infelizes naufragos para negociar, como faz com o pescado preso nas malhas da sua rede ; não é este o primeiro homem que estes braços escuros tem arrebatado ás ondas ; Deus Nosso Senhor o sabe e é bastante ; mas ainda não marquei prego para esse meu serviço ; guardai antes o vosso dinheiro e de vossos irmãos para repartil-o pelos pobres que chorão e gemem nesta portaria.

E o mameluco sahio apressadamente.

O leigo que, quasi sem pestanejar ouvi-

ra ao pescador, voltou-se ao sentir o prelado mover-se, e tornando este em si, tocou elle a campainha e correu para o interior do convento.

Alguns instantes depois descêrão os religiosos, cercárão o prelado, e sustendo-o sentarão-no em uma cadeira de espaldar de couro lavrado.

Uma exclamação unisona echoara na portaria ao chegarem os religiosos.

— Ah o senhor D. Lourenço, exclamãrão os frades atonitos encarando a Lourenço de Mendonça.

Começárão uns a perguntar o que lhe acontecera, quem o salvara, outros a fazer a mesma pergunta ao leigo, outros o que sentia; alguns com os braços pendentes e os olhos fixos parecião petrificados; estes repetião em voz submissa phrases em latim, aquelles resmoneavão orações, e aquelles outros encarando absortos seus companheiros, batião nos peitos clamando.

— Foi a providencia que o salvou.

Lourenço não fallava, estava pallido, ar-

quejante e abatido, apenas volvia de quando em quando os olhos para o céu e juntava as mãos.

Chegarão o provincial e o guardião e, depois de beijarem a mão do prelado, mandarão buscar uma das cadeirinhas do convento; e desprezando aos donatos que as conduzirão collocarão os religiosos o prelado na cadeirinha, e sustentando-a sobre os hombros levarão-no para o pavimento superior do convento; seguira-o o cortejo dos reverendissimos.



## A EXCOMMUNHÃO

Divulgou-se logo na cidade a noticia da traição empregada contra o prelado e a sua salvação; servio isso de conversa, e se não fallou em outra cousa; apesar de não ser Lourenço estimado, alegrarão-se todos por elle, se haver salvado, e o nome de mameluco, que o arrebatára das ondas, começou a ser repetido com louvor e muito festejado.

E' que as grandes e generosas acções enthusiasmo e toção ás fibras de todos, até dos indifferentes.

Porém, mais exaltados mostrarão-se os inimigos de Lourenço, tigres esfaimados, que o são inimigos que não sabem perdoar, ran-

gerão os dentes por haver-lhes escapado a presa, e tratarão de indagar onde se achava o prelado para assassinal-o immediatamente.

Sabendo Henrique que o prelado se recolhêra ao convento do Carmo, começou a percorrer disfarçado e armado de adaga as immediações da habitação dos religiosos, esperando ansioso a occasião de lançar-se sobre seu adversario, para feril-o mortalmente.

Tendo ido ao convento do Carmo para ouvir missa, soube a mãe Brigida, que Lourenço escapára, que fôra retirado salvo das ondas; benzendo-se dissera a velha:

— Abrenuncio, Jesus, santo nome de Deus o fogo o não quiz, a agua rejeitou-o; oh aquelle homem não tem boa alma!

Chegarão aos ouvidos de Barbara todos os acontecimentos occorridos na cidade; o incendio da casa de Lourenço, o boato que espalhára-se de Helena ter sido victima nesse sinistro, o plano cruel empregado pelos inimigos do prelado e a salvação deste; tudo isso Barbara o soubera e alanceara-lhe com angustias o coração. Fôra fatal o destino de

sua filha, tivera morte desastrosa, causára a outros torturas e desgraças, e a ella, pobre mãe, dores e martyrios.

Com o coração carregado de pezares e os olhos arrasados em lagrimas vivia Barbara orando, supplicando a Deus que a chamasse ao céu, para lá gozar da felicidade, não encontrada por ella, nem por sua filha na terra.

Em vez de com sua autoridade conter a exaltação dos inimigos de Lourenço exacerbou o ouvidor Francisco Taveira da Neiva, o successor de Paulo Pereira, a sanha desses homens, convocando a camara para decidir a prisão de Lourenço, e, depois de longa e calorosa discussão, resolverão elle e os vereadores, para privarem o prelado de todo o trato e soccorro, lançar-lhe o raio da excomunhão. (1)

Era o povo nessa época desenvolto, corrompido, ignorante e sem educação moral; desconhecia os seus deveres, tinha religião, mas não tinha o coração educado; a perver-

(1) V. Memórias Historicas de monsenhor Pizarro, vol. 2º pag. 223.

são dos costumes e o desenfreamento das paixões tornavão-n'ó máo e vingativo, sem generosidade, sem os grandiosos sentimentos da alma que nos ensinão a submissão, a humildade, a caridade e a compaixão, vivia embrutecido, considerava a vingança um dever e o perdão uma fraqueza.

Os factos desta chronica apresentados com tão desmaiadas cores pintão a selvatikeza dos costumes daquella época.

Henrique para vingar a sua noiva, que julgára haver perecido nas chammas, abandona elle e seus cumplices o administrador ecclesiastico em um batel desapparelhado na vastidão do oceano enfurecido.

Mathias das Ventosas é seu cumplice por haver Lourenço recusado dar ao padre João de Jesus, filho do licenciado, um beneficio ecclesiastico.

José, o ex-sacristão, entrega o prelado a seus adversarios por ter sido despedido do emprego no qual se mostrara remisso e descuidado; e o ouvidor, os vereadores arrogão a si o direito de lançar o raio da excom-

inunhão contra Lourenço, por se afastar este de suas prerogativas invadindo as alheias.

Mas se vivia o povo escurentado, na ignorancia de seus deveres nascia o seu atrazo moral da corrupção e indisciplina do clero, que ignorante, máo e pervertido offendia á moral publica, desrespeitava os prelados, os seus chefes, vivia em luta com elles, levantava-se orgulhoso e vingativo se não obtinha beneficios ecclesiasticos, e mais de uma vez, para alcançar a ambicionada autoridade, manipulava venenos activissimos, ou aguçava armas para ferir mortalmente quem a isso se lhe oppunha. (1).

Mas não podem tambem os prelados ser innocentados desse estado anormal do clero.

Transpunhão a esphera de suas attribuições, invadião o poder temporal, e desse modo concorrião para os continuos conflictos que perturbavão a ordem publica; violentos e vingativos não davão treguas a seus inimi-

---

(1) V. nas Memorias Historicas de monsenhor Pizarro a noticia do governo dos prelados administradores do Rio de Janeiro.

gos, e não era raro partir delles a primeira  
provocação contra os sacerdotes, magistrados,  
camara e povo; injustos e vingativos dan-  
vão os cargos e beneficios ecclesiasticos a sa-  
cerdotes sem virtude, nem moral, e chefes  
de uma classe, esquecidos da sua posição,  
erão os primeiros em dar exemplo de ambi-  
ção desenfreada, ou de perversão de costumes.  
Entregues ás paixões e vicios apagavão a  
aureola de prestigio que os cercara, quando  
iniciados no governo da prelasia, e por isso  
encontravão forte opposição se querião, mais  
tarde, estabelecer reformas ou postergar  
abusos; insultados e apupados publicamente,  
ameaçados por assassinos tinham de fugir ou  
morrião sob o peso de desgostos e affrontas.

Veio o primeiro bispo nomeado para o  
Rio de Janeiro encontrar o povo e o clero  
nesse atrazo e desenvoltura de costumes, e  
teve de arcar com supremas difficuldades para  
trazer ao aprisco os pastores e ovelhas do seu  
santo rebanho.

Foi tarefa penosa e difficil a regeneração  
do povo e do clero, de então, e só pôde ser

vencida pelo prestígio da autoridade, por o zelo e dedicação nunca desmentidos do primeiro diocesano. Collocado em uma atmosphera corrupta e pervertida, soube conservar-se puro em seus costumes, afastou-se de cuidados e interesses mundanos, e, abraçado com a cruz fez comprehender a sublimidade da sua missão. Sentado no solio episcopal não temeu os invejosos, nem os intrigantes, não deu treguas aos delinquentes, nem perdoou aos culpados; desse modo plantou a disciplina na igreja e a moralidade no povo do qual tornou-se pai e juiz. Cercado do prestígio do poder, entregue ao serviço de Deus, fez partir da cadeira episcopal os primeiros raios da verdadeira fé e civilisação; o povo creou e civilisou-se.

Vendo lançado sobre si o anathema da excommunhão, comprehendeu Lourenço que devia renunciar o cargo de prelado, e retirar-se do Rio de Janeiro, cujo povo o não respeitaria mais.

Não podia contar com o apoio do governador, que votava-lhe odio acerbo, e exercera

decidida influencia na sentença de excommunhão lavrada pelo ouvidor e vereadores. Quanto aos jesuitas, protegião-no, é certo, mas animar-se-hião, por conserval-o em seu cargo, arrostrar os feros e implacaveis inimigos da prelazia e affrontar á opinião publica?

Devia Lourenço largar a vara da prelazia e ausentar-se do Rio de Janeiro; mas como sahir do convento tendo contra si o povo exaltado e exacerbados inimigos; não seria escarnecido e velipendiado, estando ferido do raio da excommunhão; não estarião seus inimigos attentos e vigilantes nas circumvizinhanças do convento para empregarem bem suas adagas, e não falhar-lhes dessa vez o golpe!

Comprehendeu Lourenço o transe perigoso em que se achava, e em tão criticas circumstancias julgou que só os jesuitas podião salvar-o. Escreveu-lhes pedindo-lhes auxilio e protecção para poder embarcar em um dos navios da frota, que prestes estava a sarpapar para Lisboa.

Não erão os jesuitas homens de recuar em

empresas arduas e difficeis ; decididos, fortes e perseverantes vencião todas as difficuldades, superavão os mais ingentes e violentos obstaculos quando emprehendião defender o individuo, que era-lhes devotado, ou cujo valimento podia ser-lhes util ou vantajoso. Lourenço era homem intelligente, energico e decidido partidario da companhia, e assim não devia ser abandonado ; além do que não partira da egreja o raio que o fulminára, mas de um tribunal incompetente.

Mas para acompanhar o prelado ao embarque era necessario affrontar a opinião publica, desprezar os preconceitos da época, que mandava não dar guarida ao excommungado, e revistir-se de muita paciencia e coragem, para supportar os escarneos e ultrages publicos, ou desviar os chuços e adagas que havião de levantar-se contra o amaldiçoado.

E qual o padre que havia de expor-se e sacrificar-se aos odios populares ?

Eis o que preocupava os jesuitas, e para

resolver tão difficil questão reunirão-se em uma das salas do collegio.

Discutirão a conveniencia de proteger ao prelado, de livral-o dos insultos e das iras populares, da morte violenta que podia soffrer nas ruas da cidade, e reconhecida a necessidade dessa protecção, hesitárão em escolher aquelle que dentre elles, affrontando a furia popular, devia encarregar-se de acompanhar a Lourenço de Mendonça até o embarque.

Estavão todos irresolutos, nem um queria offerecer-se não só por temer o perigo como por julgar que commettia uma falta acompanhando a um excommungado, pois, apezar de ter partido o anathema de uua corporação que arrogára a si direitos estranhos, todavia estava lançada a maldição e irritado o povo contra a victima.

Veio cortar a hesitação e perplexidade de todos a voz do jesuita João de Almeida, que conservara-se silencioso. Levantou-se, cruzou os braços sobre o peito, voltou os olhos para o céo, e disse com voz grave e pausada.

— Encarrego-me de acompanhar o prelado Lourenço de Mendonça, até ao lugar do embarque.

Houve um murmurio em toda a assembléa e depois um silencio profundo; causarão as palavras do jesuita sensação geral; ao principio não comprehenderão como elle, entusiasta e devotado propugnador dos preceitos da egreja, se offerecera para tal commissão, e por isso murmurarão; mas, reflectindo depois no sacrificio a que se prestava por amor á companhia, todos admirarão-no, encararão-no silenciosos, e inclinarão a cabeça em assentimento á resolução do virtuoso padre.

... de ...

XXXI

... de ...

OS ANJOS DA GUARDA

... de ...

Havia também as missas cantadas de  
dia e o sol sempre se levanta das montanhas.  
Estas o céu azul e sereno, sobryta a parte  
dos bosques em verde grande, que traça  
à cidade o choro alpestre das plantas, vol-  
tando da encosta descendo a ladeira do col-  
legio os devotos a oração as ruas as ca-  
deirinhas conduzindo as suas casas os mais  
ricos e abastados. Lá de manhã.

Desce o muro de S. Sebastião tomou  
o jureta João de Almeida pela rua de S.  
Francisco, entrou na praça do Carmo e che-  
gou ao convento dos Carmelitas; logo que  
o avistou bateu o leigo tres palhadas na

## OS ANJOS DA GUARDA

Havião terminado as missas matutinas do dia; o sol erguia-se ácima das montanhas, estava o céu azul e sereno, soprava da parte dos hosques um vento brando, que trazia á cidade o cheiro alpestre das plantas, voltavão da igreja descendo a ladeira do collegio os devotos, e cruzavão as ruas as cadeirinhas conduzindo ás suas casas os mais ricos e abastados. Era de manhã.

Descendo o morro de S. Sebastião tomou o jesuita João de Almeida pela rua de S. Francisco, entrou na praça do Carmo e chegou ao convento dos Carmelitas; logo que o avistou bateu o leigo tres badaladas na

sineta da portaria, signal que indicava a visita de algum jesuita ao convento.

Soavão oito horas no campanario do collegio dos jesuitas quando apparecerão no alpendre da portaria João de Almeida e Lourenço.

Extatico e admirado ficou o povo; era a primeira vez que se via um homem com a pena de excommunhão em companhia de um sacerdote. Quando derão o jesuita e o prelado os primeiros passos no largo do Carmo houve um murmurio de indignação, e mais de um braço levantou-se para descarregar pesado golpe sobre os dous sacerdotes menosprezadores e affrontadores da opinião publica, mas a imagem nobre e imponente de João de Almeida, a tranquillidade serena e pura do seu rosto, o riso placido que animava-lhe os labios, o andar grave e pausado, as suas vestas negras, a confiança que manifestava ter no povo produzirão intensa e profunda impressão; ao rumor confuso, á agitação que apresentara ao principio o povo, succedeu um silencio completo.

Todos recuavão ao passarem os dous pa-  
 dres; uns estugavão os passos para não  
 encontrarem o seu trajecto; outros voltavão  
 o rosto para não encaral-os; estes abana-  
 vão com a cabeça e olhavão para o céo las-  
 timando o que vião; aquelles, olhando  
 absortos ora para o jesuita, ora para o pre-  
 lado, benzião-se, e fazião mais de uma vez  
 o signal da cruz. Repetidas vezes desemba-  
 nharão e levantarão os inimigos de Louren-  
 ço as adagas para feri-lo, mas, dado o pri-  
 meiro passo, recuavão com a arma em  
 punho, tocados da figura calma e veneranda  
 do jesuita, do seu olhar penetrante e fixo.  
 Atravessarão o jesuita e Lourenço a praça  
 do Carmo, e entrarão na rua Direita do  
 Carmo que findava proximo ao morro de  
 S. Bento, apresentando no fim uma curva  
 que ia terminar no mar; e todo esse espaço  
 até a praia percorrerão o jesuita e Louren-  
 ço acompanhados de uma multidão com-  
 pacta e absorta que contemplava-os silenciosa-  
 mente sem saber o que pensar.  
 Como se animara João de Almeida, ho-

mem nimamente religioso, de vida ascetica, á apresentar-se em publico com um sacerdote que estava sob a maldição da egreja; teria o jesuita descrido, renegado seus principios, esquecido sua fé, mas seu rosto macillento e lavado em suor, seus cabellos esbranquiçados, seu corpo abatido e decarnado, seus passos as vezes incertos e vacillantes denunciavão as vigílias, os trabalhos espirituaes, as torturas, as privações, os cilícios e jejuns de sua vida ascetica. Mas se conservava-se piamente dedicado á religião, se batião-lhe na alma os raios da fé incitando-lhe o fogo do amor divino, como ousara apparecer diante do povo em companhia de um padre condemnado pela opinião publica e pela egreja!

Certo do respeito e veneração que tributava-lhe o povo offerecera-se João de Almeida á acompanhar o prelado até ao ponto do embarque: sabia que Lourenço estava condemnado á excommunhão, mas julgava-o livre dessa pena por não admittir nem respeitar a excommunhão lançada por seculares.

Se tivessem partido de Roma os raios contra Lourenço o padre João de Almeida, mui religioso, de crenças ardentes e exaltadas, não prestar-se-hia a seguir nas ruas á um condemnado da egreja, mas, lavrada a sentença por um poder secular, considerava-a irrita e nulla, e ao prelado livre de culpa e pena, devendo ser respeitado como chefe e administrador da egreja fluminense cujo era.

E o jesuita se não enganou com a impressão que sua presença devia causar no povo: o povo acalmou-se, serenárão-se os odios e abaterão-se as ameaças; Lourenço, em sua companhia, atravessou a rua principal da cidade, e proximo estava do lugar do embarque.

A mai Brigida que, acostada á porta de uma casa esperava anciosa a passagem do jesuita e do prelado, apesar de não orer em tal, logo que os vio atravessar a rua, exclamou, tapando o rosto com ambas as mãos:

— Jesus, santo nome de Jesus, cousa assim não virão estes olhos que a terra ha

de comer, seja Deus louvado, cruz, santissimo seja o nome de Jesus. E a velha roncando por entre o povo sumio-se como se vira cousa que irritara-lhe os nervos e ofuscara-lhe a vista.

Sahindo do meio do povo, onde se achava, disse Nobrega quasi ao onvido de Lourenço.

— Chamastes-me outr'ora christão novo, hoje chamo-vos excommungado; e se não fora o vosso anjo da guarda...

Nobrega afastou-se; rangião-lhe os dentes e estava branco como um cadaver.

Caminhavão João de Almeida e Lourenço silenciosos parecendo apenas pelo volver dos labios que resmoneavão orações, quando vio-se correr um embuçado unido-se ás paredes por evitar algum encontro; uma mulher que observava a passagem do jesuita e do prelado, voltou o rosto ao ver passar o vulto que corria, e immediatamente foi seguindo-o apressada.

Estando João de Almeida e Lourenço de Mendonça mui proximo da praia surgiu o embuçado no meio do povo, rompeu a massa

popular, de um salto apresentou-se na  
frente do jesuita e de Lourenço, com a mão  
esquerda apertou a capa do prelado, junto  
ao pescoço, enquanto suspendia na direita  
uma faca, cuja lamina aguçada e polida  
reluzio aos raios do sol.

La descarregar o golpe quando vio-se  
detido por um braço fragil.

Ainda com o braço erguido, o semblante  
livido e desfigurado, os cabellos cahidos  
sobre a testa fitou Henrique quem o deti-  
vera, e exclamou.

— Helena!

— Dizei antes o vosso anjo da guarda,  
murmurou Helena afastando a mantilha, e  
procurando abaixar o braço de Henrique.

Seu rosto estava pallido e os cabellos  
cahiao-lhe sobre os hombros como um véu  
de luto.

Henrique ficou absorto, pasmo e como-  
vido; continuou a olhar para sua noiva  
sem fazer o menor movimento.

Lourenço ao encarar Helena orripilou-se,  
tremeu-lhe o corpo, ericárão-se-lhe os ca-  
pillos.

bellos, julgou ver um phantasma, a alma da virgem morta no incendio que naquelle momento surgira para exprobar-lhe seu crime e condemna-lo,

João de Almeida que, calmo e tranquillo assistira a esta scena, e que com um gesto procurara conter o povo agitado, reconhecendo a commoção do prelado, deu-lhe o braço e o conduzio até a praia onde devia embarcar.

De feito era Helena.

Logo que declarou-se o incendio em casa de Lourenço, ella que se achava em um dos ultimos aposentos, tratou de salvar-se, saltando o muro, para o quintal de uma casa vizinha onde residia uma mulher pobre e doente chamada Leonor da Conceição que vivia de fiar algodão, tecer rendas e abrir crivos: tendo uma unica escrava, já idosa, que todos os dias sahia a vender agua.

Isolada no seu tugurio, entregue ao seu trabalho e ás orações ignorava Leonor o que occorrera na cidade naquelles tempos, e estupefacta ficou ao ver o modo porque He-

lena apparecera em sua casa ; Helena por-  
rem tranquillizou-a referindo-lhe tudo, e  
acabou por pedir-lhe que a occultasse em  
sua habitação para que, acreditando Lou-  
renço haver ella perecido no incendio, a  
não perseguisse mais, e desse-lhe tempo de  
ausentar-se com o seu noivo.

Mas precipitarão-se os acontecimentos;  
perseguido e excommungado pelos seus ini-  
migos resolveu Lourenço ir para Portugal,  
e então era conveniente deixal-o partir  
para depois ir ao encontro do seu noivo,  
pensara Helena ; mas vendo ausentar-se o  
seu inimigo não procuraria Henrique des-  
carregar-lhe golpe certo ! Essa idéia pre-  
ocupava a pobre moça que, vencendo por  
fim o seu embaraço e acanhamento, pediu  
a Leonor a saia de lila e a mantilha, e  
assim disfarçada sahio a observar o seu aman-  
te para livral-o, se pudesse, de commetter  
algum crime. Helena se não enganou ;  
conheceu logo pelo olhar exaltado de Hen-  
rique quaes os projectos sinistros que guar-  
dava no peito ; o não perdeu mais de vista ;

vendo-o correr seguiu-o, e chegou a tempo de pôder suster-lhe o braço que empunhava a arma homicida.

Ao entrar no navio que devia afastal-o para sempre do Brasil, comprehendeu Lourenço que não tivera nma visão, que Helena estava viva, salva junto de Henrique que sentia-lhe o palpitar do coração, o arfar do seio, o calor da respiração; os dous amantes estão juntos e felizes, e elle só e abandonado; abria-se para elles um céu de delicias, e para elle um mar de perigos e incertezas; soubavão Henrique e Helena prazeres e venturas, e elle ardia em odio e via sobre si a condemnação de todos; sorrião os dous amantes tendo os corações incendiados de amor em quanto elle gemia e trazia no peito rancor, odio e desespero.

E' assim a historia da humanidade, ha risos para uns quando ha lagrimas para outros; gemem e padecem uns quando outros riem e se alegrão; quando os gemidos acordão em uns dores e martyrios, em ou-

trous despertão os risos prazeres e venturas;  
lagrimas e risos, dores e prazeres, rosas e  
goivos, sombras e luz, eis a vida, a his-  
tória da humanidade.

— Ao entrar no país, sempre do Brasil, comprehendendo con-  
tendo que não tivesse mais visão, que Hele-  
na estava viva, estava junto de Henrique,  
sentia-lhe o palpitar do coração, o calor  
do suor e calor da respiração; os dois  
amantes estavam juntos e felizes, e elle só  
e abandonado; tirava-se para elles um oce-  
do de delicias, e para elle um mar de peri-  
culos e incertezas; sobrevinha Henrique  
Helema prazeres e venturas, e elle ardia em  
ódio e via sobre si a condemnacão de  
todas; sorriso de dois amantes tendo as  
corações inchados de amor em quanto elle  
remia e traxa no peito tancor, odio e  
desespero.

— Assim a historia da humanidade, ha  
risos para uns quando ha lagrimas para  
outros; gemem e padecem uns quando ou-  
tros riem e se alegram; quando os gentios  
acordão em suas dores e martyrios, em ou-

XXXX

CONCLUSÃO

« Bezerra Lourenço de Mendonça e filho de  
Janeiro em abril de 1637, havendo passado  
a vara da prelazia ao padre Pedro Homem  
Albernaz que por eleição do clero exercera já  
uma vez tão elevado cargo.

Não arrefecer o odio dos seus inimigos a  
partida do prelado; acceirão ao perigo o  
santo officio, e ao chegar em Junho á Lisboa,  
foi Lourenço sujeito a processo, que seguiu  
os tramites da lei, e terminou em 19 de Ju-  
nho de 1637, pela absolvição de tão hec-

## CONCLUSÃO

Deixára Lourenço de Mendonça o Rio de Janeiro em abril de 1637, havendo passado a vara da prelazia ao padre Pedro Homem Albernaz que por eleição do clero exercera já uma vez tão elevado cargo.

Não arrefeceu o odio dos seus inimigos a partida do prelado; accusárão-no perante o santo officio, e ao chegar em junho á Lisboa, foi Lourenço sujeito a processo, que seguiu os tramites da lei, e terminou em 19 de junho de 1637, pela absolvição do réo decla-

rado por sentença do tribunal livre de culpa pelo facto accusado. (1)

Desejando honrar e dar consideração social a seu commissario conseguiu o santo officio em 1639 o cargo de prior de Aviz para Lourenço, que apressou-se em aceitar-o; e tendo o valimento da inquisição mereceu Lourenço de Mendonça a protecção do rei e dos fidalgos; nomeou-o o rei Felippe III bispo do Rio do Janeiro, diocese ha pouco creada, mas um acontecimento politico atastou do Brasil o novo prelado,

Em 1640 sacudio Portugal o jugo da Hespanha; á voz de João Pinto Ribeiro, o Moyses do povo portuguez, findou o capiveiro de sessenta annos, e nas ameias das fortalezas e junto ás cruces dos campanarios, appareceu desfraldado o estandarte das cinco chagas; abraçarão-se com elle, saudando á liberdade e a D. João IV, seu rei, todos os portuguezes, menos um, um só... Lourenço

---

(1) V. Memórias Historicas de Pizarro, vol. 2º, pag. 223.

de Mendonça que seguiu o partido da Hespanha... e ella recompensou-o nomeando-o bispo de Anel no arcebispado de Toledo, mas Portugal... amaldiçoou-o. (1)

Deixemos no velho mundo o renegado politico, e vamos encontrar no Brasil as outras personagens desta narrativa.

No mesmo mez e anno em que afastara-se Lourenço do Rio de Janeiro, começára a exercer o cargo de governador da capitania do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, successor de Rodrigo de Miranda Henrique que, nomeado para governar a Angola, lá falleceu em 1633, abrindo-se o seu jazigo na igreja de Santo Antonio.

No cargo de ouvidor continuou Francisco Taveira da Neiva, o quarto provido por el-rei para as capitancias do sul.

De Paulo Pereira não corria noticia averiguada, dizião uns, que retirára para uma

---

(1) V. Memorias Historicas de Pizarro, vol. 2º, pag. 224.

das capitanias do interior, outros que se ausentára para o reino.

Arrastado pela ambição que lhe incitára Lourenço, arrancára do lar paterno a filha de Barbara, e contara occultar seu crime até realizar o casamento com essa moça, o que dar-lhe-hia bom cabedal e de algum modo o justificaria na opinião publica.

Preparara a cilada contra Henrique, e della encarregára a dous malfeteiros para se acreditar que haviam commettido esse crime não assalariados por alguém, mas levados só por sua perversidade; morto o filho de Crispim, a filha de Barbara, perdidas as esperanças do seu primeiro amor, mais facilmente sujeitar-se-hia á sua vontade, pensára Paulo Pereira.

Mas se não realizárão seus planos sinistros: Anna das Mercês, revelando ao jesuita onde se achava a filha de Barbara, fez logo publica a criminalidade do ouvidor, que foi destituído do emprego, e tornou seu nome amaldiçoado pelo povo.

Havendo Lourenço deixado o Rio de Ja-

neiro, viveu o padre Manoel da Nobrega no gozo tranquillo do seu beneficio ecclesiastico, de vigario perpetuo da Sé e matriz e mais reconcavo da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

A irmã do cura, a mãe Brigida, não abandonou a bisbilhotice; continuou no seu posto, por traz da rotula, a ver e ouvir, como sentinella constante, o corvo implume da sua rua e vizinhança.

Depois da morte de Lucas afastára-se da cidade o seu companheiro Jeronymo, e delle se não fallou mais; rosnavão alguns, porém, que depois de haver commettido repetidos e nefandos crimes, fôra justicado na capitania de Minas, outros que morrera á fome e ao desamparo victima de molestia contagiosa; mas tal horror havião incutido esse scelerado e seu sinistro companheiro no animo do povo que, depois de se ter refugiado da cidade, não houve quem quizesse alugar a casa, que fôra o covil desses malleitores; cahio o predio em ruina, e depois de noite fechada, alma viva não transitava por alli.

Reintegrado no seu cargo de sacristão, e no honroso e lucrativo emprego de irmão das almas, tornou o José sacristão a suspender o seu oratorio, e sacco de esmolas; e empavonado, de opa branca, com passo firme e seguro, e voz doce e frautada voltou á casa de todos os seus devotos e devotas que receberão-no alegremente, e largarão-lhe no sacco boas esmolas; a sua predilecta devota fez mais; além da pingue esmola pagou a volta do sacristão com sorrisos e afagos que tornarão-no um pouco gago e enleiado ao pronunciar as palavras de agradecimento. Mas as cousas forão indo mais suave e desembaraçadamente para ambos; José foi perdendo a gagueira e o acanhamento, e Thereza augmentando os seus sorrisos e carinhos, e tudo isso acabou no casamento celebrado pelo cura das almas, o padre Manoel da Nobrega.

Quanto a Antonio, o pescador, mereceu o acolhimento e agrado dos jesuitas desde o dia em que salvou das ondas ao prelado Lourenço de Mendonça; foi em recompensa disso encarregado de fornecer o peixe á compa-

nhia, o que deu-lhe em pouco tempo bom e abundante cabedal.

Desembarcando a tia Escolastica em Lisboa, foi levada aos carcereos do santo officio e, depois de varios interrogatorios, obteve a absolvição; logo que viu-se livre embarcou para o Rio de Janeiro, e ao chegar nesta cidade dirigio-se á sua moradia; ficou a velha louca de alegria ao entrar em sua casa; ria e chorava ao mesmo tempo, beijava as imagens de seu oratorio, abraçava-se com a almofada do crivo, passava entre os dedos os seus rosarios, revolvía as figas e os benti-nhos. Uma escrava, que ficára na pobre habitação, experimentou tambem vivo prazer ao ver entrar a sua senhora; de joelhos e chorando beijava-lhe os pés, abraçava-se com elles e fazia repetidas exclamações.

Crispim e Henrique vierão visitar a tia Escolastica, e convidarão-na para residir em sua companhia; a velha concordou e não deixou mais tão bons amigos e protectores.

Era no mez de maio de 1637. Tendo per-

corrido quasi todo o circulo diurno immergia-se o sol na vastidão do horizonte, illuminava seus ultimos raios as cruzeiras dos campariños e as nuvens collocadas no oriente; o vento que soprara rijo de manhã, como para abrandar os ardores do astro do dia, havia diminuido sua força e pouco se fazia sentir; estava o céu azul e sereno; adejavão as aves aquaticas então muito abundantes na bahia do Rio de Janeiro; os passarinhos pepitand o volitavão de arvore em arvore; as flores que só dão perfumes quando o sol vai para o occaso, já aromatisavão a atmosphaera, e chamavão os sinos aos christãos ao terço quando assomárão á porta da ermida de Santa Barbara uma moça vestida de noiva; seguia-a uma mulher idosa, logo apos um moço de uniforme militar, que apoiava em seu braço a um velho de noventa annos. Entrárão na ermida acompanhados de diversos convidados e ajoelhárão-se todos. O padre se não fez esperar; unio e abençoou os noivos, cujos nomes vão os leitores repetir comnosco, Henrique e Helena, que, depois da benção da

egreja, serão abençoados por seus pais, Barbara e Crispim.

O padre era o jesuita João de Almeida.

FIM.

# INDICE

PAG.	
3	A Ermita
18	A Mãe Brígida
28	O Pai e o Filho
33	A Cidade do Rio de Janeiro
39	Amor e Virgínia
51	A Casa Misteriosa
59	O Torço
69	O Marechal
81	O Governador
97	João de Almeida
111	O Ouvidor
121	O Juramento
135	Idyllio de Amor

# INDICE

---

	PAGS.
A Ermida. . . . .	3
A Mãi Brigida . . . . .	15
O Pai e o Filho. . . . .	25
A Cidade do Rio de Janeiro. . . . .	33
Amor e Vingança. . . . .	39
A Casa Mysterosa. . . . .	51
O Terço . . . . .	59
O Mameluco . . . . .	69
O Governador. . . . .	81
João de Almeida. . . . .	97
O Ouvidor. . . . .	111
O Juramento. . . . .	121
Idyllio de Amôr . . . . .	135

A Cruz . . . . .	154
O Conciliabulo . . . . .	163
A Velha Escolastica. . . . .	171
Digressão. . . . .	179
Supplicio . . . . .	189
O Sacristão . . . . .	199
A Providencia. . . . .	214
A Excommunhão. . . . .	221
Os Anjos da Guarda. . . . .	233
Conclusão. . . . .	245

---